468

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.0040,p1/205

REG: 2156/
LIV: 01
PÁG: 68

SERVIÇO PÚBLICO FEDERAL

TÍTULO DA PEÇA: "O CORONEL DE MACAMBIRA"

AUTOR DA PEÇA: "JOAQUIM CARDOSO"

DISTRIBUIÇÃO

PROTOCOLOS:

44061/72-SRA

2765/81-DCDP.

1122/82-DCDP

67

SERVIÇO PÚBLICO FEDERAL

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.0040,p.2

008-GB

XXXXXXXX PEÇA TEATRAL

TÍTULO - O CORONEL DE MACAMBIRA.

XXXXX AUTOR - JOAQUIM CARDOSO

PARA OS DIAS 27, 28 E

IMPRÓPRIO XX 29 - MARÇO 67

ATE 27 MARÇO 67

18 ANOS

M. J. N. I. — D. F. S. P. — DELEGACIA REGIONAL — GB

A. ROMERO LAGO

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.0040,p.2

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 00040 p.3

008/GB

008/GB -01- XXXXX PEÇA

O CORONEL DE MACAMBIRA

TEATRO UNIVERSITÁRIO DE JUIZ DE FORA
AV. RIO BRANCO, 2231-S/35 MG
XXXXXXXXXXXXXXXXXX AUTOR = JOAQUIM CARDOSO
01 27 MARÇO 67

APROVADO PARA O ESTADO DA GUANABARA NOS DIAS 27,28 e 29/3/1967 - COM A IMPROPRIEDADE PARA MENORES ATÉ 18 ANOS.

ESTADO DA GUANABARA XXXXX 27 MARÇO 67

JOSÉ LEITE OTTATI
CHEFE DA SCF/DR/GB/DFSP

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0040, p.4

fundação cultural do distrito federal

OF.Nº 33/A/67-DE-FCDF Em 7 de julho de 1967

Do : Diretor Executivo da Fundação Cultural do Distrito Federal

Ao : Ilmº Sr. Chefe do Serviço de Censura de Diversões Públicas

Assunto : solicitando autorização

Reg. nº 1126

DEPARTAMENTO DE POLÍCIA FEDERAL
M. J.
SERVIÇO DE CENSURA DE DIVERSÕES PÚBLICAS
APROVO
19 de julho de 1967
N. Braga

Senhor Chefe :

Vimos pelo presente solicitar autorização para a realização de oito (8) espetáculos teatrais, no período de 19 a 25 do mês em curso, no Teatro Martins Pena, o "CORONEL DE MACAMBIRA", de autoria de Joaquim Cardoso, interpretado pelo "TUCA" (Teatro Universitário Carioca).

Esclarecemos, ainda, que a referida "peça" já foi censurada pelo Serviço de Censura de Diversões Públicas do Departamento de Polícia Federal, Delegacia da Guanabara, e cujo Certificado tem o número 008/67.

Sem outro particular renovamos, na oportunidade, protestos de elevada estima e consideração.

CARLOS AUGUSTO DE OLIVEIRA DE ALBUQUERQUE
Diretor Executivo

Recebi o original
Rubens de Oliveira
19/7/67

Ao
Ilmº Sr.
Dr. R O M E R O L A G O
DD. Chefe do Serviço de Censura de Diversões Públicas
n e s t a
c.

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0040 10 5

MINISTÉRIO DA JUSTIÇA E NEGÓCIOS INTERIORES
DEPARTAMENTO FEDERAL DE SEGURANÇA PÚBLICA
SERVIÇO DE CENSURA DE DIVERSÕES PÚBLICAS

TEATRO

N.º DE REGISTRO 008-GB

TÍTULO DO FILME PEÇA - O CORONEL DE MACAMBIRA

PRODUTOR AUTOR - JOAQUIM CARDOSO

Aprovado pelo S. C. D. P. (§ 1.º do art.º 7.º do Decreto 20.493, de 24/1/46, o Decreto 1.134, de 4-6-62)

PROIBIDO PARA MENORES ATÉ 10 ANOS E PARA TELEVISÃO

Válido até 23 de MAIO de 1968

Brasília 23 de MAIO de 1967

Chefe do S. C. D. P.
A. ROMERO LAGO

Certificado de Censura Cinematográfica

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0040 ip 6

CERTIFICADO N.º 008/GB

Certifico que, revendo os livros de registro de ~~filmes cinematográficos~~ PEÇAS TEATRAIS encontrei sob o n.º 008/GB, livro -1-, o registro da ~~filme~~ PEÇA denominada " O CORONEL DE MACAMBIRA "

~~propriedade de~~ AUTOR = JOAQUIM CARDOSO

domiciliado à

~~produzido pela fábrica~~ PRODUTOR TEATRO UNIVERSITÁRIO CARIOCA

~~com metros e~~ 01 cópias, censurado em 23 de MAIO de 1967.

O Serviço de Censura de Diversões Públicas resolveu que a referido ~~filme~~ PEÇA de acôrdo com o ~~§ 1º do art. 7º do Decreto 20.493 de 24/1/46 modificado pelo Decreto 37.008 de 8/3/55 fôsse~~ ITEM 7, PARÁGRAFO 1º, DA PORTARIA SCDP, 11/67, FÔSSE LIBERADA PARA REPRESENTAÇÃO, COM A PROIBIÇÃO PARA MENORES ATÉ 16 ANOS, E PARA TELEVISÃO.

ESTADO DA GUANABARA ~~Brasília~~ 23 de MAIO de 1967

Departamento de Imprensa Nacional — 21935

SECRETÁRIO

JOSÉ LEITE OTTATI
CHEFE DA SCF/DR/GB/DPF

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0040 IP.7

TUCA (Teatro Universitário Carioca)
Teatro República - Gomes Freire
Peça: O Coronel de Macambira
Música : Sergio Ricardo
Programação para o período de 28 de maio a 4 de junho.
Elenco:

Maria Lúcia Nascimento Silva
Ana Célia Gertner
Márcia Savagett
Valquíria Colares Contente
Sebastião de Norões Lemos
Nélson
Mariza Pires Ferreira De Nascimento Silva
Eliana Lehmann
Roberto Lehmann
Fernando José Barros Bohrer

Artur Bosísio Júnior
Ana Cristina A. Lages

Beatriz vallandro do Valle
Jacqueline Circurel
Renata Sochaczewrki
Sergio Alez Constant de Almeida
Regina Célia Melo Dantas
Fernando Antonio P. Braga
Victor Hugo
Maurício Herskovia
João Sergio de Souza Santos
Sônia Coelho do Magalhães Gomensoro
Luiz Cláudio R. dos Santos
Roberto Bonfim de Andrade
John Howard
Martin

Reynuncio Napoleão de Lima
Clarita Gomes de Moura
Marta M. Saavedra dos Anjos
Cecília Milanez
Maria Amélia
Maria Isabel Barbosa

Partitura completa do Sergio Ricardo

DEL. DELEGACIA REGIONAL - GB.
DIVISÃO DE CENSURA FEDERAL
APROVADO - 10 anos
EM, 29, 5, 62
CHEFE DA SCF

ESTE PROGRAMA DEVERÁ SER SUBMETIDO TAMBÉM A AUTORIZAÇÃO DA S. D. D. A.

Regina Celia Melo Dantas

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0040 p.8

DE NOTAS
... st. Guanabara
Dr. G... ... PONCE FILHO
WILSON MONCORVO DE ARAUJO
IVO DE MIRANDA MOURA
SEBASTIÃO CRESPO

... esta fotostática é reprodução fiel do
o... que me foi apresentado, conferindo-a o
autenticando-a nos têrmos do art. 2.º do Decreto-lei
n.º 2148, de 25 de abril de 1940.
Rio de Janeiro, ... de ... de ...

Sociedade Brasileira de Autores Teatrais

Fundada em 27 de Setembro de 1917 — Reconhecida como de Utilidade Pública Federal pelo Dec. 4.092, de 4-8-1920
Filiada á Confederação Internacional das Sociedades de Autores e Compositores de Música.
Séde: Av. Almirante Barroso, 97 - 3º andar — End. Teleg. SBAT - RIO
Rio de Janeiro — Brasil.

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0040 1P. 9

Direitos de Representação — Autorização Nº 209290

A Sociedade Brasileira de Autores Teatrais (SBAT), reconhecida como de utilidade pública federal, pelo decreto n.º 4.092, de 4-8-1920, mandatária de seus associados nacionais e estrangeiros, para todos os fins de direito, autoriza, nos termos do artigo 2.º do decreto n.º 4.790, de 2-1-1924, combinado com os artigos 26 e seu § único, e 27, do decreto n.º 5492, de 16-7-1920, art. 46 do decreto n.º 18.527, de 10-12-1928, e artigo 35 do decreto n.º 21.111, de 1-3-932, a representação da peça teatral:

O Cél. de Macambira =

Original de Joaquim Cardoso

Música de — x —

Tradução de — x —

No Teatro M. Pena Cidade B.H.

nos dias 19 a 25 Julho 1967.

sob a condições do pagamento dos respectivos direitos autorais, na base de 10% (Deis) da renda bruta de cada espetáculo, mediante a garantia mínima de Cr$ Valor dezoito (18) Pollnovos por espetáculo, obrigando-se a Emprêsa a fornecer à SBAT uma cópia do "bordereau" de receita, devidamente autenticado, responsabilisando-se pela sua exatidão, bem como pelo integral pagamento dos direitos autorais acima estipulados

(pela SBAT)

1ª via de Autorização deve ser anexada ao programa respectivo e entregue às autoridades competente — A quitação do direito autoral respectivo, só poderá ser dada nas primeiras vias dos recibo oficiais da SBAT.

Isenta de sêlo — Art. 1.º do Dec. 7.957, de 17-9-945

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0040 (p. 20

Resumo dos textos de Leis invocadas nesta autorização

Decreto n. 4.092, de 4 de Agosto de 1920:

Art. 1.º — Fica reconhecida como de Utilidade Pública a **Sociedade Brasileira de Autores Teatrais** com séde no Rio de Janeiro.

Paragr. 1.º — E' facultado a esta Sociedade representar seus associados:

a) — Perante a Policia ou em Juizo Civil e Criminal ativa e passivamente, em todos os processos referentes à propriedade literária e artistica nos quais êsses associados sejam parte.

b) — Perante as Emprêsas teatrais, para a cobrança das quotas ou percentagens de direitos de autor.

Paragr. 2.º — Para o disposto no paragr. 1.º a Sociedade se reputará mandatária de seus associados, para todos os fins de direito, pelo simples ato de filiação à Sociedade, salvo cláusula expressa em contrário.

Paragr. 4.º — A prova de filiação á **Sociedade Brasileira de Autores Teatrais** ou às suas congêneres estrangeiras poderá ser feita pela relação oficial dos sócios, publicada pela imprensa ou em avulso, ou por certidão em cartório, passada por tabelião público, pela qual se verifique constar da relação o nome do autor teatral.

Decreto n. 4.790, de 2 de Janeiro de 1924:

Art. 2.º — Nenhuma composição musical, tragédia, drama, comédia, ou qualquer outra produção, seja qual fôr a sua denominação, poderá ser executada ou representada em teatros ou espetáculos públicos, para os quais se pague entrada, sem autorisação, para cada vez, de seu autor, representante ou pessoa legítimamente subrogada nos direitos daquele.

Decreto N. 5.492, de 16 de Julho de 1928:

Art. 26 — As disposições do art. 2.º e seguintes do Decreto n, 4.790, de 2-1-1924, aplicam-se a tôdas as composições musicais e peças de teatro, executadas, representadas ou transmitidas pela rádio telefonia, com intuito de lucro, em reuniões públicas.

Paragr. Unico — Consideram-se realizadas com intuito de lucro quaisquer audições musicais, representações artisticas ou difusões, rádio telefônicas em que os músicos, executantes ou transmitentes tenham retribuição pelo trabalho.

Art. 27 — Os proprietários ou empresários de quaisquer estabelecimentos de diversões públicas, são responsáveis pelos direitos autorais das produções ai realisadas.

Decreto N. 18.527, de 10 de Dezembro de 1[illegible]:

Art. 46 — Ficam obrigados à apresentação de programas os proprietários, empresários, diretores ou quaisquer outros responsáveis pelas representações, exibições ou irradiações que se realisarem em teatros, cinematografos, dancings, cabarés, sociedades rádio-telefônicas ou outros quaisquer estabelecimentos de diversões públicas.

Decreto N. 21.111, de 1 Março de 1932:

Art. 55, paragr. 1.º — A irradiação de quaisquer assuntos ou trabalhos, já divulgados ou não por outros meios, deverá respeitar os direitos autorais e ser igualmente precidida da indicação dos nomes dos autores.

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0040 p. 11

DEPARTAMENTO DE POLÍCIA FEDERAL
DSG – SERVIÇO DE COMUNICAÇÕES

DEP. FEDERAL SEG. PÚBLICA
SERVIÇO DE COMUNICAÇÕES
SETOR – CENTRO DE MENSAGENS
Recebido 03/08/67 Hr. 08,45
Encaminhado - / / Hr -

Carimbo da Estação e Data

DE: RIO NR. 898 PLS. 165 DT 2 HR. 1540 AS

RECEBIDO DE: DPF 4 AS 0815 POR JC/RB

Edmo

Endereço

GENERAL JUVENCIO FAÇANHA GUEDES DPF
BRASILIA

Texto e Assinatura

230 DE 2/8/67 RERA S/N DE 1/8/67 INFORMO NOME CENSORES LIBERARAM PEÇAS REFERIDAS BIPTS AUGUSTO DA COSTA (CEL MACAMBIRA) VG MARINA MELO FEREIRA VG GUILHERME VARJAO ET WALTER MELLO (VOLTA AO LAR) PT CEL MACAMBIRA TRATA SE PEÇA MOTIVOS NORDESTINOS ET FRASEADOS POPULARES VG TODA EM VERSOS PT VOLTA AO LAR VG REPRESENTADA OUTROS PAISES ESTAMOS VINCULADOS PRINCIPAOS ARTE VG CULTURA VG HEREDITARIEDADE VG EDUCAÇÃO VG MEIO SOCIAL VG ETC VG TRATA SE PEÇA ESTRANHO DRAMA DOMESTICO CUJOS PERSONAGENS JUSTIFICAM CLIMA SENSIBILIDADE INSTINTIVA PECULIAR CADA TIPO HERANÇA MESMA FAMILIA PT UMA ET OUTRA TOMEI CONHECIMENTO TEXTOS ET PARECERES CENSURA FEDERAL DR/GB VG NAO ENCONTRANDO NENHUMA PROPAGANDA COMUNISTA ET PORNOGRAFIAS QUE CONTRARIEM DISPOSITIVOS LEGAIS VIGENTES PT ACRESCE SEGUNDA PEÇA LIBERADA APENAS ESTADO GUANABARA ET AMBAS PROIBIDAS ATEH 18 ANOS PT GEN LUIZ CARLOS DEL REG

DPF-SAv. 7023-DSG

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0040 (p. 12

MINISTÉRIO DA JUSTIÇA

DEPARTAMENTO DE POLÍCIA FEDERAL

SERVIÇO DE CENSURA DE DIVERSÕES PÚBLICAS

Serv. de Censura de Diversões Públicas - D. P. F.

CERTIFICADO DE CENSURA

Nº de Registro 1.126/67

Título do PROGRAMA: PEÇA TEATRAL "O CORONEL DE MACAMBIRA"

TEATRO MARTINS PENA

RESPONSÁVEL: FUNDAÇÃO CULTURAL DO DISTRITO FEDERAL

Aprovado pelo S. C. D. P.

Validade PARA OS DIAS 19 a 25/7/67

IMPRÓPRIO
ATÉ
18 ANOS.

Certificado de Censura

Brasília, 19 de julho de 19 67

CEL. NÉWTON FRAGA TEIXEIRA
CHEFE DO S. C. D. P.

DPF-SAv-7007-PFS.

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0040,p.13

M. J. — DEPARTAMENTO DE POLICIA FEDERAL

9
11

Of. nº 058/67-SEC-PFS 09 de agôsto, 1967

: Diretor da Polícia Federal

: Senhor Delegado Regional da Guanabara

: Peças teatrais citadas seu telegrama nº 230 de 02/08/67

Senhor Delegado Regional

Em atenção a seu telegrama número 230 de 02/08/67 remeto-lhe o thermo-fax do script da peça: "Coronel de Macambira", com vários textos assinalados, a fim de que o mesmo seja analisado por Vossa Senhoria.

Acredito não ter o Senhor Delegado tomado conhecimento, pessoalmente, do referido script, louvando-se nos pareceres dos censores que examinaram a peça.

Salvo melhor juízo, nos dicionários da língua que conheço, as expressões contidas no script que estou enviando, são têrmos não utilizáveis em sociedade, estando as mensagens subversivas muito claras com relação ao "boi nação"(sic).

Aproveito a oportunidade para esclarecer que "Coronel de Macambira" recebeu o certificado número 008-GB de 23 de maio de 1967 tendo sido considerada proibida para menores de 16(dezesseis) anos. É de estranhar o número do certificado citado quando a cópia existente no mesmo processo e com o mesmo número datada em 27 de março do mesmo ano, dava a impropriedade de 18 (dezoito) anos. Verifica-se assim a má-fé do Sr. JOSÉ LEITE OTTATI signatário dos dois certificados com datas diferentes, com limitações etárias diversas, utilizando o mesmo nº do certificado, sem ter sido efetuado nenhum corte quando da emissão do segundo certificado que justificasse o rebaixamento da impropriedade anteriormente concedida. Notando-se ainda que em 27 de março havia a estranha limitação para o Estado Guanabara, quando se trata da Censura Federal, e no certificado de 8 de maio nem isto foi mencionado.

Cordialmente,

JUVÊNCIO FAÇANHA GUEDES DOS REIS

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.0040(P.14

ACRESCIMOS FEITOS AO TEXTO ORIGINAL DE
"OCORONEL DE MACAMBIRA" de Joaquim Cardozo

1. ZÉ PEQUENO
Antes que esta minha vida
Tôda, em vão, tôda
se escoe;
Antes que a última hora
do meu tempo triste soe
Hei de encontrar alguém
... alguém que
Salvará meu boi.

2. CANTADEIRAS
Pelos caminhos chegando
É um padre que estou vendo
Daqui lhe faço a pergunta:
- A que vem, seu reverendo?

Está de batina branca
Pois faz um calor tremendo
Assim, repito a pergunta:
- A que vem seu reverendo?

3. CANTADEIRAS
Caiu, caiu em terra ausente
Dos seus mais justos senhores
Terra que fugiu das mãos
Dos mais simples lavradores

Caiu da flor a semente
Não do fruto em noite escura
Semente, verde semente
Que um dia será madura.

4 CANTADEIRAS
Asas livres, asas leves
Voando no céu distante
Asas de um homem que aprende
Liberdade a cada instante

5.
Subindo serras, descendo
Abrindo largas estradas
Num mesmo ser reunidos
Trabalhador e soldado.

6.
De tanta miséria e fome
Poucos há que hoje não gemam
Ser de outro modo podia
Pudessem ter o apetite
que tem, meu Deus, esta ema.

7.
Já vai bem alta a manhã
CAPITÃO
Devemos seguir caminho
Que tenho a salvar um boi
Por honra minha
E por honra do meu cavalo-marinho

8.
Daquele lado o que vemos
É uma figura de sombras
De gestos, cinza e silêncio
Quem de longe a vê se assombra

Por terras sêcas, desertas
Parece que é um retirante
Sentimos sua presença
Tão sem tempo e tão distante.

9.
Êste boi tão manso
CATIRINA
Vem comer na mão
êste boi agora
É de Bastião

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.0040 (p. 15

10. BASTIÃO

Êste boi foi salvo
de uma triste sina
Êste boi agora
é de Catirina

11. MATEUS? BASTIÃO? CATIRINA

É de Catirina, éde Bastião
DEt Mateus também e do Capitão
A todos pertence que me ouvindo estão

12. PRODUTOR

Está morto o boi. Boi morto;
e é morto que eu quero o boi.
Vivo, é grande perigo
Na dança, com toda gente
Crescido, multiplicado
Chifrando êle vai na frente
Imaginem o estouro
de uma boiada de gente!
Morto, será dividido:
pro Coronel o filé
os miúdos pros amigos
- engenheiros feiticeiros
no pesar e no medir,
doutores que fazem justiça
justiça pra me servir;
médicos que a morte ajudam,
bentos padres que eu bendigo;
Os dedos da mina mão!
Estas mãos em que o boi, morto
valerá um dinheirão!

UM ATOR

Foi mostrado aqui em cena
A morte do boi Nação
Dos perigos que êle corre
quem trará a salvação
não é Mateus, nem Catirina
muito menos Bastião
São vocês do outro lado
Vocês que me ouvindo estão
São vocês quando souberem
que êste Boi de certo morre
Do vosso silêncio enorme

Agora eu vou embora
Vocês vão continuar.
A peça está terminada
A vida vai começar ...

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0040, p. 26

Ao iniciar o espetáculo estão sentados no mesmo lado do recinto (ou da arena, ou do palco) três violeiros e três cantadeiras; aparecem, no fundo, dançando e se aproximando , Capitão no seu"Cavalo Marinho" e, ao lado, também dançando e segurando as rédeas, Arlequim. Seguem-se Mateus,Catirina e Bastião no mesmo rítmo de dança.

As cantadeiras e os violeiros acompanham as danças:

Bumba meu Boi Bumba
Cavalo Marinho
Vem que vem dançando
Bem devagarinho

IMPRÓPRIO
ATÉ
— 1 ANOS —

Cavalo Marinho
De donde é que vem?
Das praias de longe?
Das terras do além?

Bumba meu Boi Bumba
Que vem de chegar
Cavalo Marinho
Das bandas do mar.

Ao chegar ao recinto onde estão os violeiros e as cantadeiras o capitão se apresenta

CAPITÃO

Saibam todos os presentes
Que, para aqui enviado
No meu cavalo marinho
Sou capitão bem montado

Sou conde condecorado
Com a cruz do Tempo e do Ar
Capitão de Altas Milícias
Cavaleiro de Além Mar

Venho aqui pela Justiça
O justo direito dar
Venho,perseguir os fortes
E os fracos desagravar.

.BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.0040,p.17

Sou conde condecorado
Senhor de grande solar
Comigo trago mandato
De tudo remediar.

Sou conde condecorado
Com a cruz do Tempo e do Ar
Sou comandante das nuvens
Errante no pelejar.

Ouve-se de repente um rumor de vozes, de gritos nos bastidores. Mateus espia para um lado, para outro, se abaixa, se levanta, põe a mão em pala sôbre os olhos; de repente corre para um certo lugar à direita e volta trazendo um homem armado de rifles, punhal, espingarda, peixeira; no peito cartucheiras, etc. Atrás de Mateus e do Valentão entra também um fazendeiro de parcos recursos, chamado José Pequeno. Durante o tempo em que Mateus esquadrinha os arredores, as cantadeiras cantam;

Quem é êste que aí vem
Mais forte que um arsenal?
Mais perverso que valente
Mais frio do que um punhal?

Vem pela sombra do mato
Armado como um tenente;
É por trás que sempre atira
E ao fugir corre na frente

Vem pela sombra do mato,
Tocaia na encruzilhada:
E a morte ronda os caminhos
Até raiar madrugada.

VALENTÃO

Vocês não sabem quem sou?
Sou um homem do cangaço
Me chamam Chico Fulô;
Engulo balas de aço
Sem sentir nenhuma dor;
Grades de ferro espedaço

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.0040,p.18

Sem fazer muito rumor;
E faço pouco e desfaço
De quem mais valente fôr.

CATIRINA

Mas se és assim tão forte
Porque te chamam...fulô...?

VALENTÃO
(sorri envaidecido)
Assim me tratam as mulheres...
Com elas sempre mantive
Relações sempre amorosas;
Mas os homens todos sabem
Que sou fulô venenosa:
Que embora Chico Fulô
Uma vez com um só tiro
Numa feira em Nazaré,
Por pouco mais que besteira,
Liquidei Pedro Garrucha
Matei Totonio Banzé
E Berto da Lambedeira.
(pausa)
Por minhas tantas façanhas
Ganhei prestígio e valor:
Fui jagunço muito tempo
No grupo do Nicanor
E hoje estou no serviço
Do seu coronel Nônô.

FAZENDEIRO PEQUENO

Dêsse mesmo coronel
É que me sinto afrontado
Foi êle quem me arruinou
E me fêz mais desgraçado.
Mandou romper meu açude
Me deixou atrapalhado;
Uma vez quis destruir
Minha casa, meu roçado.
Agora manda um bandido
A matar meu boi malhado

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0040, p.19

VALENTÃO

(olha de forma ameaçadora o fazendeiro):

De tanto atirar meu rifle
Já ficou descalibrado
De cortar carne ruim
De muito cabra malvado
A minha faca peixeira
Ficou cega dos dois lados,
Que comigo não se meta
Quem quizer ir descansado.

BASTIÃO

Um valentão conheci
Na Fazenda Macambira,
Mas sua fôrça era fraca...
Numa luta que manteve
Perdeu a faca que tinha
E acabou mesmo levando
Uma surra de bainha:
- Bainha da própria faca.

VALENTÃO

(espia arrogante para Bastião e com ar de desprêzo):

Sou filho de Pernambuco
Lá das bandas de Carpina,
Da cana gosto do suco
Que tem nome Monjopina
Eduquei-me no trabuco
Matar gente é minha sina.

FAZENDEIRO PEQUENO

Nasci também nesta terra
Que o sol castiga e descora
- Terra de Joaquim Nabuco -
Homem de bem, homem certo
Que era muito diferente
Dêsses "nabucos" de agora.

VALENTÃO

Há muito que por aqui
Um "sanguezinho" não há;
Mas pelo geito parece

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0040, p. 20

Que as coisas vão melhorar,
Pois seu coronel Nônô
Acaba de me chamar.

Há de ser briga valente,
Com muito sangue de gente
Vai correr sangue de boi,
E ninguém há de sobrar
Para contar como foi.

Fazendeiro Pequeno investe sobre valentão que foge, tropeça nas armas e cai. Mateus vai sôbre êle, levanta-o e atira-o para fora a bexigadas. Mateus volta sôbre o Fazendeiro e leva-o também a bexigadas pelo lado contrário.

BASTIÃO

Ora vejam que mucufa
Bebe fumos, valentias,
Mas só lorotas deságua;
Por isso digo: êste tipo
Não passa de um caga-n'água.

FAZENDEIRO PEQUENO

Antes que esta minha vida
Tôda, em vão, tôda
Se escoe;
Antes que a última hora
Do meu tempo triste soe
Hei de achar alguém
... alguém que
Salvará o meu boi.

Imediatamente ao fundo aparecem três figuras mascaradas, vêm andando cada uma com uma maneira de andar diferente. As cantadeiras cantam:

Vem na frente o produtor
Logo após o economista
Mais atrás com o seu tambor
O sagaz propagandista

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.0040 ip. 21

Dizem que são justiceiros,
Produtores da abundância,
Na verdade são coveiros
No cemitério da infância.

De tamanhos produtores
Bem se conhece o produto:
Terras sêcas, gado morto
Gente faminta, de luto.

CAPITÃO

Mateus, Mateus vai saber
Quem são êstes sambaquantes?

MATEUS

Meus senhores a que vindes?

A parte do produtor, do economista e do propagandista deve ser declamada com apropriada mímica verbal.

PRODUTOR

Sou o grande produtor
De farinha e de algodão
Produtor de rapadura
De manteiga e requeijão;
Sou grande fornecedor
De carne sêca e feijão.
Digo porém sem rebuços,
Aquí ninguém me embaraça
Sou produtor de cachaça
Esta é que dá dinheirão.

MATEUS

Ah Bem se atina e se vê
Bem se vê qu é malandrão.

PRODUTOR

Todos os sêres viventes
Se mantém por minha mão;
Sou aquêle que produz

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0040 (P. 22

O que se vende e se come
O que se goza e se dorme
O que se gasta e consome.
Para alguém viver feliz
Precisa invocar meu nome
Só mesmo o tolo, o babão
É que se mata de fome.
Não medindo sacrifícios
Agora mesmo aqui estou
Para trazer benefícios
Às terras do seu Nônô;
E entrando logo em ação
Chamei um economista
(indica o economista)
Para estudar a região.

ECONOMISTA

Sou economista formado
Doutor em finas finanças
Doutor em leis matemáticas
E outras muitas lambanças;
Sei fazer cheques cruzados,
Abrir contas, dar fianças,
Sei fazer também descontos,
Hipotecas e cobranças;
Estudei muitos tratados
Vindos do país de França-.

Os recursos desta terra
Medí em justas balanças
Consultei interessados
Ouvi muitos embuanças;
E usando de uma política
Da melhor das vizinhanças
Aos homens destas paragens
Trago novas esperanças

MATEUS

Se vem assim nessa rima
Vem é para encher a pança.

BASTIÃO

Não sei, Mateus, mas êste homem

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0040 (P.23

Parece aquele engenheiro
Que aqui estêve o ano passado
Com essas mesmas besteiras:
- Dr. Sidonio Furtado.

MATEUS

Êle não era engenheiro
Também não era Furtado
- Os "furtados" somos nós.
De quem estamos falando
O nome certo, Bastião,
É Possidonio Furtando.

Enquanto falam Bastião e Mateus o economista consulta uns papéis que tira do bôlso, depois, voltando a guardà-los, continua:

ECONOMISTA

Há aqui nesta região
Um famoso boi malhado
Por si só uma riqueza,
Pois daria, bem talhado,
Fortuna de uma grandeza
Como igual nunca se viu
Por tôda esta redondeza.
Por meu saber é que afirmo
E disto tenho a certeza;
Só a carne do bicho, eu digo,
- E digo assim sem malícia, -
Traria a tôda comarca
Alimentação vitalícia;
E do couro? Sim do couro
O que dizer, meus senhores,
Senão que o mesmo é um tesouro:
Couro malhado, bonito
Que faz o boi feiticeiro ...
Cada malha bem vendida
Daria muito dinheiro.

E o esqueleto do boi? Ah
Também afirmo e não erro
Que todo o seu esqueleto
É de minério de ferro;

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0040, p. 24

Os cascos, a cauda são coisas
Ricas.

BASTIÃO

E os chifres, patrão,
De que são?

ECONOMISTA

Já foram de ouro
Já foram de prata, mas, hoje,
Se a coisa bem se relata
São de pedras preciosas
Que já estamos vendendo
Aos nossos amigos. Ainda bem ...

Enfim ... silêncio cuidado
Falar nisso não convém.

BASTIÃO

Ouro, prata, diamante
Que chifres tão gloriosos
Quando nada mais valerem
Ainda serão famosos,
Pois ficarão, com certeza,
Como belos ornamentos,
Como emblema da fuzarca
Na sede do grande clube
Dos maridos de bom gênio
Que moram nesta comarca.

ECONOMISTA

Fiz assim sôbre êsse boi
Um grande planejamento
Tudo está equacionado
Com muito discernimento:
E desta exata equação
Até o próprio jumento
Encontrará solução;
As vantagens que apresento
Nessa grande promoção
Nosso bom propagandista
Explicará num momento

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.0040 p. 25

Ilmo. Sr. Chefe do Serviço de Censura do
Departamento de Policia Federal

O TEATRO DE AMADORES DE CARUARU, em Pernambuco, vem com a presente solicitar de V. S. a liberação da peça "O Coronel de Macambira" de autoria de Joaquim Cardozo, cujos originais em tres vias vaõ anexos ao presente, afim de que possa representa-la na cidade de Caruaru, ou onde for solicitada.-

Brasília, 17 de Dezembro de 1969

Luiz Tôrres

Pelo Teatro de Amadores de Caruaru

Recebi
Em 15-01-70

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0040 (p. 26

SERVIÇO DE CENSURA DE DIVERSÕES PÚBLICAS DO
DEPARTAMENTO DE POLÍCIA FEDERAL.

MEMORANDO para o Sr. Chefe da Turma de Censura de Teatros e Congêneres

Revalidação do Certificado Liberatório

Comparando o "script" da peça "O Coronel de Macambira"de autoria de Joaquim Cardoso, relativamente à revalidação do Certificado Liberatório, à luz dos "script" com prazo de exibição vendido, pude constatar o seguinte:

Notei algumas alterações positivas de natureza formal , isto é, no vocabulário e na estrutura semântica.

No entanto, pela temática proposta podendo conter interpretação dúbia epela região em que será exibida, cujos padrões éticos e morais ainda estão arraigadas a tradições, cultura e valôres regionais próprios, sou pela manutenção da impropriedade de 18 (DEZOITO) anos, sem cortes ou interdições parciais.

Respeitosamente,

CESAR ADED PAZ - Cart. nº 064

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.0040,1p.27

Sr. Chefe da Seção de Censura,

Anexo, encaminho a peça abaixo indicada com o voto do Técnico de Censura Credenciado CESAR ADED PAZ, que a examinou:

TÍTULO :- O CORONEL DE MACAMBIRA
AUTOR :- JOAQUIM CARDOSO
REST. :- 18 ANOS

EM, 30-12-69

TCTC-SC-SCDP.

À TCTC

ENTREGAR A OUTRO CENSOR, TENDO EM VISTA TRATAR-SE DE PEÇA COM PROBLEMAS SOCIAIS.

30.12.69

EM TEMPO! DEVERIA SER FEITA A LEITURA INTEGRAL E ELABORADO PARECER PRÓPRIO E NÃO APENAS COMPARAÇÃO DE TEXTO.

30.12.69

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0040, p. 28

MINISTÉRIO DA JUSTIÇA
DEPARTAMENTO DE POLÍCIA FEDERAL

SERVIÇO DE CENSURA DE DIVERSÕES PÚBLICAS
TURMA DE CENSURA DE TEATROS E CONGÊNERES

PARECER

I) Documentação

a) Título em Português: O Coronel de Macambira

b) Título original: —

c) Autor: Joaquim Cardozo

d) Tradutor: —

e) Diretor: —

f) Produtor: —

g) Companhia: —

h) Classificação da Censura: Impróprio para menores de 18 (dezoito) anos e Televisão

II) Análise

a) Gênero: Drama-Trova

b) Argumento: Passadio e mexericos nordestinos cantados em trovas

c) 1 - Mensagem: Crítica às agruras e esperanças dispersas do caipira

2 - Impressão final: A simples leitura não permite a sua avaliação com segurança

d) Diálogos: Fluentes e regionalistas, vulgares e populares

e) Cenas: Só a visualidade poderá delineá-las e defini-las

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0040, p. 29

f) Personagens: Simples, comunicativos e característicos da região

g) Valor educativo: Positivo, sob o aspecto cultural, nas suas facetas literária e sociológica

III) Conclusão Sugiro a sua aprovação, com a restrição indicada, s.m.j.

Brasília, 08 de Janeiro de 1970

Técnico de Censura - Cart. nº

CARLOS LÚCIO MENEZES.

Sr. Chefe da Seção de Censura,

Anexo, encaminho a peça abaixo indicada com o voto do Técnico de Censura CARLOS LUCIO MENEZES, que a examinou:

TÍTULO :- O CORONEL DE MACAMBIRA

AUTOR :- JOAQUIM CARDOSO

REST. :- 18 ANOS E TV.

EM, 12-01-70

TCTC-SC-SCDP

Seção 11/1/70

Trata-se de uma peça apresentando tipos e linguagem próprios do Nordeste do País.

Pelo cotejo dos fanceres retros concordo com a impropriedade para menores de 18 anos

Em 12/1/1970

MINISTÉRIO DA JUS[illegible]
DEPARTAMENTO DE POLÍCIA FEDERAL

24

CENSURA FEDERAL

TEATRO

D. P. F.

Certificado Nº 2156/70

PEÇA -:::/ O CORONEL DE MACAMBIRA /:::-

ORIGINAL DE JOAQUIM CARDOSO

APROVADO PELO S. C. D. P. VÁLIDO ATÉ 13 de JANEIRO de 19 75

CLASSIFICAÇÃO

IMPRÓPRIO
ATÉ 18 ANOS

Brasília, 13 de JANEIRO de 19 70

Chefe do S. C. D. P. PROF. WILSON A. DE AGUIAR

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0040, p. 30

M.J. – D.P.F.

CERTIFICADO DO S.C.D.P.

Certifico constar do livro nº 01 fôlha n [redacted], de registro de peças teatrais, o assentamento da peça intitulada -:::/ O CORONEL DE MACAMBIRA /:::-

Original de JOAQUIM CARDOSO

Tradução de

Adaptação de

Produção de TEATRO DE AMADORES DE CARUARU - PERNAMBUCO

Tendo sido censurada em 08 de JANEIRO de 19 70 e recebido a seguinte classificação: IMPRÓPRIO PARA MENORES DE 18 (DEZOITO) ANOS.- - CONDICIONADO AO EXAME DO ENSAIO GERAL E A AFIXAÇÃO DE CARTAZ, CONFORME § 2º DO ART. 1º DA LEI 5536/68.-

OBS. ESTE CERTIFICADO SOMENTE E VALIDO QUANDO ACOMPANHADO DO SCRIPT DA PEÇA DEVIDAMENTE AUTENTICADO PELO SCDP.

Brasília, 13 de JANEIRO de 19 70

RUBENS GARIGAN PINTO
Chefe da Turma de Censores
de Teatro e Congêneres

DPF. SAv. 7034-PFS

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.00040(P.31

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0040, p. 32

25 jl

PRODUTOR

Está morto o boi; boi morto:
É morto que eu quero o boi.
Vivo é grande perigo
Na roda com tôda a gente
Crescido, multiplicado
Chifrando o boi vai na frente.
Imaginem o estouro
De uma boiada de gente.
Morto serádividido:
Pro produtor o filé
Os miudos pros amigos:
Engenheiros feiticeiros
No plantar e no medir
Doutores que fazem justiça
Justiça pra me servir
Médicos que à morte ajudam
Bentos padres que eu bendigo
Os dedos da minha mao
Estas maos em que o boi morto
Valerá um dinheirao

Um personagem

Foi mostrada aquí em cena
A morte do boi naçao
Dos perigos que êle corre
Quem trará a salvaçao
Nao é Mateus, nem Catirina
Muito menos Bastiao.
Sao vocês do outro lado
Vocês quando souberem
Que o boi decerto morre
Do vosso silêncio enorme
Que engole tôda a naçao.
Agora, adeus, vou me embora
Vocês vao continuar
A peça está terminada
A vida vai começar.

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0040 (p. 33

O boi morreu: Tarde vim
Nem mesmo pude saber
A que verdade cedeu ...
- êste boi, de que capricho
De que inocência morreu? -
Do sonho fiz um remédio
Que cura as dores mais fortes

Que dá consôlo e esperança
Aos que adormecem na morte.
O boi morreu. Tarde vim,
E não lhe pude aplicar
O meu mais certo saber:
Que é o de dar um sonho à morte
Que é o de ajudar a morrer.

O doutor acompanhado pelo enfermeiro sai cabisbaixo. Mateus dá-lhe com a bexiga. Constatado que o boi está realmente morto, medidas são tomadas para arrastá-lo?; Mateuse seus ajudantes preparam-se para arrastar o boi; forma-se agora o cortejo final da peça com todos os figurantes; começa então a se mover o cortejo para sair da cena levando o boi. Na frenre o Capitão, depois Mateus, Catirina, Bastião, o fazendeiro Pequeno, o valentão, o bicheiro, seu Né etc. Os violeiros e cantadeiras levantam-se também para sair.

AS CANTADEIRAS CANTAM
(acompanhadas por todos):

O meu boi morreu
Meu boi surubim
Que comprei na feira
De Belo-Jardim.

Agora na vida
Que será de mim
Sem meu boi ponteiro
Meu boi surubim.

Morreu o meu boi
Meu boi surubim
Sou pobre de tudo
Sou pobre de mim.

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0040, p. 34

BASTIÃO

Muito simples. Cafuné
Não mata o boi. Dos seus bois
Apenas "colhe" o filé,
Que renasce em breve tempo
Com o aplicar da pomada
Milagrosa como é.

DOUTOR
(apresentando o enfermeiro que tira da maleta uma papelada):

Da droga prodigiosa
Meu enfermeiro Ambrosino
Vai ler a bula.

AMBROSINO

Senhores
A iso-necro-cardizina
É um preparado obtido
Pela estrita aplicação
Dos mais secretos humores,
Que já nas "artes antigas",
Em balneados vapores,
Se pressentira e somara;
Dêsses secretos calores
Agora se desprenderam
As mirificas virtudes
Com as ciências mais modernas
A iso-necro-cardizina
È assim constituída
De estratos conglutinantes,
De agregadas substâncias,
Em formas agonizantes,
Na matéria rediviva;
Matéria subordinada
Ao Crisosperma, ao Chibrite,
Ao Samário, ao Gadolíneo,
Ao Adrope, à "Mulher branca"
E honesta cujos suóres
Já curaram da cegueira
Um faraó. É um produto
Composto de vitaminas,
Mortiminas, necrominas,
Das mais recentes indústrias

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.0040 (p. 35

Diluído em soros virgens;
Em água régia e "pesada"
Em água viva e "untuosa";
Tudo bem dinamisado
Em suco de pinhão roxo;
Exposto à luz do "laser";
E aos efeitos radioativos
De uma bomba de cobalto;
Depois cuidadosamente
Levado ao forno Atanor.
A iso-necro-cardizina
Ligada está aos resultados
Das mais recentes pesquisas
De Mandrake e de Popeye ...
Tem vínculos muito estreitos
Com a aruspicina menor
A Piromencia satânica
E a necromancia maior.

28

CATIRINA

O Doutor fala bonito ...
Fala no,estilo sublime
De uma bula de remédio

MATEUS

Num estilo que parece
Ao de certos literatos
Meus amigos

BASTIÃO

Sim, parece ...
Parece a literatura
Do próprio autor dêste "Boi"

AMBROSINO
(continuando)

A iso-necro-cardizina ...

Nêste momento o boi tem um estremecimento, debate-se por um instante e se estira inteiramente no chão; o doutor acorre, apalpa-o, sonda-o em vários lugares.

DOUTOR
(desolado)
O boi morreu. Tarde vim.

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.0040,p.36

Catirina e Bastião de um lado e de outro acompanham a dança; vão fazendo uma roda em tôrno do capitão que também danga:

29

CANTADEIRAS
(cantam):

Campeiros vizinhos
Vaqueijando estão
Vaqueiros aboiam
Na longae extensão

Pai de curral
Boi de malhada (duas vezes)
Rompe na frente
Guia a boiada

CATIRINA

Êste boi tão manso
Vem comer na mão
Êste boi agora
É do Bastião

CANTADEIRAS

Vão passando os carros
Cantam os carreiros
Carros carregados
Além dos fueiros ...

So bem ladeira
Descem grotão (duas vezes)
Ei boi de couce
Boi de cambão

BASTIÃO

Êste boi foi salvo
De uma triste sina
Êste boi agora
É de Catirina

CANTADEIRAS

Mas um boi de fogo

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0040, p 37

Vai comendo a rama
Vai lambendo tudo
Sua lingua em chama

É boitatá
É boi barroso (duas vezes)
Pastam no campo
Capim mimoso

MATEUS, CATIRINA, BASTIÃO

É de Catirina, é de Bastião
De Mateus também e do Capitão
A todos pertende que me ouvindo estão

Ouve-se então uma descarga e o boi cai; fica imóvel no sólo; todos acorrem surprêsos eaflitos; aglomeram-se em tôrno do boi; as violas tocam de maneira longa e plangente.

TODOS

Como foi? Como foi? De onde
Vieram os tiros? De onde?

CAPITÃO

Corram. Busquem o assassino;
Deve estar por trás das árvores.

CATIRINA

Um doutor Um doutor chamem
Um doutor

Mateus e Bastião saem e voltam acompanhados pelo doutor. As cantadeiras cantam enquanto os três se aproximam:

Vem o doutor, vem trazendo
Sua seringa na mão;
E às vêzes, mesmo, benzendo
Quando não há salvação.

Ai Doutor
Ai Doutor

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0040 (p 38

Pastilhas, pos e pomadas
Emplasto, unguento e xarope
Tantas mezinhas usadas
Que a morte foge a galope.
Ai Doutor
Ai Doutor

Cura os que vão pela vida
Das tripas desarranjados
Cura a espinhela caida
A cafifa e o mau-olhado

Ai Doutor
Ai Doutor

Logo depois da entrada do doutor entra o seu enfermeiro conduzindo uma maleta de medicamentos, de onde são retirados instrumentos de grandes proporções usados pelos médicos estetoscópio, aparelho de medida de pressão arterial, um martelo, etc.

CATIRINA
(olhando o doutor)

Mas é um show de doutor

O doutor se aproxima do boi, cauteloso, circunspecto, meditativo, fala devagar:

O DOUTOR
(examinando o boi):

O boi está morto ou vivo?
Como dizer? Neste mundo
Tudo é muito relativo,
Parece morto ...
(o boi move com a cauda).

No fundo
Porém está vivo. Bem...
Vou descobrir a razão
Por que da vida cativo
O boi ainda está ... ou não?

Ou, se para bem morrer
Precisa de um bom motivo.

Volta-se para os circunstantes e em largas maneiras se

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0040, p. 39

Antes, porém, me apresento
Num gesto simples e breve:
Doutor Bicudo Coruja
Cirurgião de mão leve.

37 fl

BASTIÃO

Quer dizer, mais simplesmente,
Que opera como quem rouba ;
Podia ser de outro tipo,
Hoje em dia mais frequente,
Cirurgião de mão bôba.

O doutor continua a falar aos circunstantes enquanto o enfermeiro procede ao exame do boi que dá de vez em quando sinal de que ainda está vivo.

DOUTOR

Também previno e advirto
Para o bem-estar geral:
Cuidado tenham, cuidado
Com aqueles que praticam
A medicina ilegal.

No mais justo objetivo
De evitar o grande mal
De tantas charlatanices,
Empreguei na ciência médica
Organização vertical.

Vou dizer sumàriamente
Em que consta êste ideal:
Servindo à comunidade
Dentro dos mais sãos princípios,
Disponho de consultório
E de hospital bem montados.
Nos quais dirijo e executo
Serviço especializado
No domínio operatório.

Para não ser explorado
Pela ganância, e o abuso
Evitar de desonestos
Fabricantes de remédios,
Comp perfeição realizo
Num grande laboratório

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0040, p. 40

O doutor vai cada vez mais se aproximando do boi para examiná-lo e diz em voz mais baixa; continuando a explicar a sua organização:

DOUTOR

Tenho ali bem instalados
Bancos de sangue e de córneas,
Tão úteis à medicina
Sem dúvida. Mesmo agora
Criei um banco a que dei
O nome de Celestina;
- Uma homenagem se vê
A tão ilustre senhora.

CATIRINA
(encantada):

À minha madrinha, Dona
Celestina de "Curango"
Benzó Deus, que ela merece

DOUTOR

Um banco nôvo, moderno
Onde conservo membranas
Destinadas a consertos
Prementes e necessários,
Trazendo alívio às belas
Meninas desprevenidas,
Visando tranquilizar
As descuidadas donzelas.

BASTIÃO

Cá para mim, êste banco
Muito em breve há de falir;
Por muito tempo não dura,
Pois esta mercadoria
Já não tem muita procura.

O doutor vai cada vez mais se aproximando do boi para examiná-lo e diz em voz baixa:

Para não haver dispêndio de
Tempo, de espaço e, ainda,

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.0040 p. 41

Tenho casas funerárias
Onde contrato os enterros
Modestos ou suntuários
Mais adequados aos enffermos
Que morrerem. Lá resolvo
O negócio com lisura,
Com o máximo critério.
(e com voz grave e anasalada):

E ... vendo também baratos
Terrenos no cemitério ...

BASTIÃO

Aqui é que o valentão
Podia fazer com lucro
Uma grande incorporação.

MATEUS

Doutor Bicudo possui
Realmente uma perfeita,
Completa organização
De exploração vertical.
Quem entra nela ... Quem entra ...
Sai sempre na horizontal.

O doutor chega junto do boi e se ajoelha, mas de repente se volta e diz em voz baixa:

Mantenho ainda um convênio
Com algumas sacristias
Que me dá direito pleno,
Direito de encomendar
Missas de sétimo dia.

O doutor aproxima-se do boi e começa a examiná-lo, apalpando-lhe o ventre:

DOUTOR

O ventre está timpanoso,
Rumoroso, cavernoso ...
Por muitos peidos retidos,
E antigas hidropisias;
O boi deve ter comido

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0040, p.42

(põe o estetoscópio sôbre a barriga do boi):

As tripas estão fanhosas
E um tanto descalibradas,
Como um velho mosquetão,
Soando choucho e rachado
Como corneta talhada
Num canudo de mamão
(pequena pausa)

Precisamos extraí-las.
(examina agora o estômago do boi):

O buxo se acha inflamado
Em consequência do esforço,
Do grande esforço empregado
Nos arrotos que encalharam
Nas vias indigestivas;

Ou de angústias provocadas
Pelos gazes incombustos
De indigestões recessivas.
Muito melhor se dirá,
Em linguagem escorreita:
O boi sofreu desde a infância
Muitas sedes corrosivas
E fomes insatisfeitas.

O buxo sem mais demora
Temos também que tirá-lo
(continua apalpando):

E o baço? Vejamos o baço ...
- Ou a passarinha, se querem -
Hum ... Está mesmo um bagaço,
Fôfo, mole ôco, vazio,
Como rolete chupado de cana sarangó.
(há um ruído fora que o perturba):

Tsiuh

Silêncio O boi está mal;
Seu grande mal evolui
Em escala descendente
Das vias respiratórias
às vias mais indecentes
Do aparelho cagatório.

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.0040,1p.43

O doutor se movimenta, apalpa aqui, ali, aplica o estetoscópio que fixa finalmente em um ponto de certa região do corpo do boi.

36

DOUTOR

O bofe ... Disto estava eu
À espera ...é um velho órgão
Com perturbações asmáticas,
Oriundas de catarros
Mal curados; resfolega
Como um fole de ferreiro,
Como a harmônica de um cego
Pedindo esmola na feira.
(pausa)

Baço, bofe, rim, as tripas;
Dobradas e dobradinhas,
Tudo a ser retirado ...

BASTIÃO

Êste doutor, certamente
Antes de entrar nos estudos
Teve vida diferente:
Negociou com fressuras,
Foi vendedor de "miúdos".

DOUTOR
(continuando o exame do boi):

Há outras coisas, no entanto,
Que já não trazem cuidado
(o boi estremece)

Por exemplo êstes tremores
São evidente sequela
De muita antiga espinhela
Caída, e êste agitar de cauda
(o boi agita a cauda)

Vem demosntrar em resumo
Que o boi está com o cu
Já meio fora do prumo

(o doutor procura localizar a posição do, coração)

Agora é preciso ver
Como anda o coração;

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.0040,1p.44

Descompassado vai la

(o doutor procura seguir o bater do doração em vários pontos do corpo do boi.)

Vai cá. Bateu aqui ... aqui
Saltando como um cabrito;
Parece uma moenda
Trambolhada. O coração
Dêste boi não vale mais
Nada. Quanto antes ... Quanto antes
É preciso retirá-lo

CAPITÃO

Mas o boi pode viver
Sem coração?

DOUTOR
(cabeça erecta, firme, solene):

Poderá ...
Como não? Nada mais natural;
Eu tenho um medicamento
Feito em meu laboratório
Que é justamente um portento
Nestes casos. Uma vez
A víscera extraida

No local se aplica a droga
Com precauções especiais ...
Ela prodigiosamente
Faz crescer novamente
O coração.

BASTIÃO

Tal e qual
A pomada descoberta
Por Zequinha Cafuné
Com a qual sempre explorou
A sua boiada em pé;
Pois dos bois quando tirava
Crescia sempre o filé;

MATEUS

Não entendo, Bastião
Como isto pode ser.

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.0040,IP.45

O tecido que me veste
Não tem trama, nem cadeia,
Meus passos são muito leves
Não deixam marca na areia.

Meu andar é curto e breve
Mas contém a vastidão
Como é leve o que me pesa
Meu ausente matolão.

Perto vou, mas vou por longe
Vou junto, mas vou sòzinho
Em sombra: burel de monge
Caminho meu descaminho

O retirante, parando de andar, finge que põe no chão o matolão de onde tira uma rêde invisível, passa as cordas pelo punho da rêde, amarra uma delas num esteio, também imaginário, experimenta-o, puxando-a, mede com a vista a altura em que deve ficar a rêde e amarra a outra corda em outro esteio um pouco afastado, experimenta também, aqui, o punho e a corda para ver se estão firmes, para endurecer o nó, desembaraça as varandas, e experimenta a rêde depois de armada; enfim nela se senta escanchado, faz um sinal e finge que apanha um dos filhos pequenos e o põe ao colo, faz outro sinal como que apanhando um segundo filho, demora alguns instantes sentado; depois torna a colocar os meninos no chão: levanta-se e vai aos poucos desarmando a rêde, dobra-a e mete-a novamente no matolão; suspendendo êste último atira-o às costas e continua a andar sem sair do lugar, fazendo gestos para a mulher e os filhos.

MATEUS

Quanto há daqui saiste
Quanto tempo demoraste
Agora amigo me conte
Me diga, por onde andaste?

RETIRANTE

A muitos anos daqui
Passei na Pedra Bonita
E assisti uns homens santos
Procurando o desencanto

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0040,p.46

Do el-rei Dom Sebastião:
Sangue manso de meninos
Sôbre a pedra derramavam,
Pois assim conseguiriam
Do rei a ressurreição,
Que a todos enfim traria
Para sempre a salvação.
O sangue dêsses meninos
Em sangue se tornaria
Daquele soberano
De tão puro coração
(pausa)

Cheguei a ver, sim, eu vi ...
Ví sôbre o espêlho da pedra,
Em linhas vagas, incertas
O seu rosto que surgia.
Vi as suas mãos tão brancas
Aparecendo. Mas,ah
Nas horas daquele dia
O sangue não foi bastante
E logo foram sumindo
As linhas do seu semblante.
Nas águas duras da pedra
Afundaram as feições
Do seu rosto triste, exangue.

MATEUS

E teus filhos pequeninos
Também tiveram o seu sangue
Derramado?

RETIRANTE
(surprêso)

Sim, tiveram ...
No do rei voltará um dia.

BASTIÃO

E o teu? o teu porque não deste ?

RETIRANTE

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0040 (p. 47

40

O RETIRANTE
(continua a contar):

E muitos anos passaram ...
E havia tristeza em tudo
Quando fui dêsse deserto
Pelos grandes descampados
Seguindo roteiro certo,
Na direção de Camdos,
Quando fui pelos sertões
Para ouvir as pregações
De antonio Conselheiro.

Quando no arraial entrei
Era dia de Sant'Ana,
Na igreja nova rezei
Na guerra injusta lutei
Por tôdas as desventuras
Queem minha vida encontrei

O retirante sai agóra caminhando em tôrno da cena, fazendo um círculo, até voltar ao mesmo lugar; enquanto êle caminha dêste modo, as cantadeiras cantam:

Fui, fui, fui
Em fuga fui, fugindo fui

Cocorobó
Patomoté
Massacará
Jeremoabo

Fui,fui,fui
Em fuga fui, fugindo fui

Vasabarris
Aracati
Tapicurú
Jacurici

Fui,fui,fui
Em fuga fui, fugindo fui.

O RETIRANTE
(agora novamente no mesmo lugar):

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0040, p. 48

Volvi com o rosto marcado
De duas marcas de chama:
Duas vivas queimaduras.

MATEUS

De que fogo, de que brasa
Duas vezes te queimaste:
+ Calor de campina rasa?
- Dor aguda que apanhaste?

RETIRANTE

Da primeira foi a sêde
A chama em que me queimei;
Na segunda sinto o ardor
Do amor divinoedo rei.

RETIRANTE
(depois de um instante calado):

E muitos anos passaram ...
E em todos êles andei
Em provações desiguais,
Mas, encontrei no caminho
Alguns amigos leais:
Meu padrinho padre Cícero
No Crato e no Juazeiro.
O bacharel Santa Cruz
Na Alagoa do Monteiro,
E o coronel Zé Pereira
Na cidade de Princesa.
(pausa)

Agora não tenho pouso.
Guardei minha cartucheira,
Guardei meu chapéu de couro,
Meu rifle deixei de lado:
Rifle do papo amarelo
Que sempre foi meu tesouro.

Guardei tudo e fui-me embora;
Conheci terras de Minas,
Longes terras de Goiás

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0040,p.49

Percorri todo o São Paulo
Andei nos campos gerais;
Vi Salvador da Bahia
Seu grande presepe armar
E vi dos morros de Olinda
A paxonada do mar.
(pausa)

Agora, também amigo
Tenho que ir. Já é hora
Chamando estão os caminhos
Meu destino é caminhar.
Adeus ... Adeus ... Vou-me embora.
(vai caminhando para sair)

MATEUS

Quando outra vez, meu irmão,
Por aqui hás de passar?

RETIRANTE

Quando D. Sebastião
Voltar.
(baixa a cabeça e acrescenta)

E flores singelas
Nascerem ao seu olhar

Ressoam logo depois, estereofônicamente, com a sonoridade característica de um éco, por todo o recinto do espetáculo as últimas palavras ingênuas do retirante, assim transformadas:

Quando os senhores da vida
Abrindo as suas janelas
Virem marchar os mucambos
Virem descer as favelas.

Ao sair o retirante as cantadeiras cantam: no mesmo instante entra em cena novamente o capitão montado no seu cavalo marinho; o capitão entra em cena vindo da Fazenda Macambira; entra dançando:

CANTO DAS CANTADEIRAS

BR DFANRSR NS CPR TFA PTE 0040 1p. 50

CANTO DAS CANTADEIRAS

Canto, canto, canto, canto,
Canto tanto que o meu canto
Já se tornou um quebranto
Já se tornou desencanto

Canto, canto, canto, canto
Canto tudo e tudo encanto
Canto em sol, canto helianto
Canto em flor, canto amaranto.

Canto, canto, canto, canto
O canto que em mim levanto;
Em canto é que me agiganto
Canto sim, canto, no entanto

Canto, canto, canto, canto,

O CAPITÃO
(pára e diz):

Está salvo o boi Salvo

MATEUS, CATIRINA, BASTIÃO
(juntos):

Salvo Está salvo o boi

CAPITÃO

Hoje é a Noite de Festa
Hoje é a Missa do Galo
O boi salvo irá conosco
Dançar na feira. Salvo
Mateus Mateus Vai buscá-lo,
Do curral pode trazê-lo,
Todos nós desejaremos
Passar a mão no seu pêlo;
Dançando vamos levá-lo
Dançando queremos vê.-lo.

Mateus, Catirina e Bastião saem para trazer o boi; momentos depois entram acompanhados do animal todo enfeitado; começa então a dança do boi; Mateus na frente com a sua vara de vaqueiro da qual pendem duas bexigas vai animando o boi, guiando-a

.BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0040, p. 51

BASTIÃO

Os moradores da terra
De certo os galos comeram;
- Os galos grandes, de guerra ...
Seus cantos não mais romperam
As manhãs que andam no ar,

MATEUS

Canto de galo indistinto
No fundo dessas lonjuras,
Seria uma luz cantando
Seria uma voz louvando
O verde que vem surgindo
De dentro da noite escura.

Ouve-se o canto estridente e desagradavel da siriema; êsse canto estridente se reproduz, duas, três vezes.

BASTIÃO

É o canto com certeza
Dos galos do seu Nônô.

MATEUS

É o canto da siriema.

CAPITÃO

É um canto isto? é um canto?
É mais um grito de espanto
Grito de morte espreitando
Na entresombra de uma dor.

Ouve-se, de repente, um estalido sêco à margem da estrada que se vai alteando para além, bordada lateralmente de mato intrincado; a cabeça de uma cobra assoma do mato.

(As cantadeiras cantam):

Vem o sol nascendd
Quando a morte passa

Parece dormir

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0040 ip. 52

Cascavel terrível;
Cascavel chocalha
Cobra salamanta
Cobra coral
O gado mordido
Não volta ao curral

Vem o sol nascendo
Quando a morte passa

É surucucu
Pico-de-jaca
É cobra tapête
É a jararaca;
Na manhã nascente
Passa na estrada
Jararacussu
Urutu dourada
Vem o sol nascendo
Quando a morte passa

A cobra que assoma e vai atravessando a estrada é uma bela urutu dourada de 1,70 de comprimento e faz brilhar à luz da manhã os seus anéis dourados sôbre a pele negra; diante daquela cobra sinistra, de veneno terrível, o Capitão, Mateus e Catirina ficam imóveis, pasmos e deslumbrados; mudos, dêsse mutismo que representa o perigo e a beleza do perigo assistem à quele espetáculo sem murmurar uma palavra, paralisados pela emoção. A cobra atravessa a estrada branca e iluminada no seu movimento lento de serpente de grande veneno, solene, tranquila, dessa tranquilidade que às vezes a cobre e quase sempre antecede acontecimentos fatais.

MATEUS
(recuperando a voz):

O seu veneno é terrível
Mas sua ação é inocente:
Como a sêca, como as cheias
Em que morre tanta gente.

BASTIÃO

Há profunda semelhança
Entre a cobra e a mulher

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0040 p. 53

Confie na sua inocência
Nelas confie quem quiser:
Mesmo o que falta na cobra
Quando se apura e procura
Na mulher ainda sobra

CAPITÃO

Uma vez quis muito bem
A certa môça modesta
A certa môça com quem
Me casei. Ela era simples
Era boa, pura e honesta,
De carinho me envolvia;
Sem causa porém um dia
Um dia fugiu, deixando
Minha vida envenenada:
Era bonita, formosa
Como esta urutu dourada.

BASTIÃO

Neste exemplo bem se logra
Que no cortar triçoeiro
É de dois gumes a faca.

MATEUS

Quem sabe se a minha sogra
Não será uma jararaca?

CATIRINA

Ter esta desconfiança
Você, Mateus, não precisa;
Minha mãe é cobra mansa
Cobra d'água, cobra lisa
Cobra prêta.

Vê-se passar ao longe um grupo de emas velozes, uma delas espantada irrompe perto dos personagens em cena; Mateus consegue segurá-la.

(As cantadeiras cantam):

Gavião quando peneira
Peneira como urupema

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.0040,p.54

Os bichos que são velozes
Não correm mais do que a ema

Correndo campos, baixios
Com matagais de jurema
Correndo o curso dos rios
Não correm mais do que a ema.

Foge medroso o covarde
Ante as armas de um curema
As nuvens da tempestade
Não correm mais do que a ema.

CAPITÃO

Que bicho é êste, Mateus,
Que com as asas não vôa?
Mas usa as pernas ligeiras
A correr no campo atôa

MATEUS

Êste pássaro elegante
É brasileiro da gema
Meu capitão não se espante:
O nome do bicho é ema.

BASTIÃO

Êste bicho é um girafa
De penas, e de esquisito
Já saiu da conta, é bicho
Mesmo do fute, o maldito:
Come pedra, engole vidro
Come até coisas mais duras ...
Cuidado Meu Capitão
Que êste bicho, de mansinho,
Pode comer seus estribos
Comer pode as ferraduras
Do seu cavalo-marinho

CATIRINA

De tanta miséria e fome
Poucos há que hoje não gemam

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0040, p. 65

Neste momento começa a "dança dos bichos da noite"; êstes avançam, recuam, ameaçam o grupo agachado junto à cêrca. As cantadeiras, durante a dança, cantam em voz surda e a- pagada:

São muitas horas da noite
São horas do bacurau
Jaguara avança dançando
Dançam caipora e babau
uauau, uauau, uauau

Festa do mêdo e do espanto,
De assombrações um sarau;
Furando o tronco da noite
Um bico de pica-pau.
uauau, uauau, uauau

Andam feitiços no ar
De um feiticeiro marau,
Mandingas e coisas feitas
Do xangô de Nicolau.
ôó ôô áôô aôau

"Mêdo da noite" escondido
Nos galhos de um pé de pau
A tôda dança acompanha,
Tocando o seu berimbau.
au, au, au, aau

Um caçador esquecido
Que espreita de alto girau
Não vê cotia nem paca
Só vê jaguara e babau
aôô ô uau ouau

"Mêdo da noite:caveira
Na ponta de uma varapau;
Há um pio longo agourento:
É mãe da lua: urutau
uauau, uauau, uauau

Junto da grande coité
Onde prepara um mingau
Mexe e remexe,mexendo
A sombra de um galalau ...
hô hô hu huaoaouaa

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0040, p.56

vai assim dando com a mão; o homem com a baliza chega a encostá-la no barranco, mas o engenheiro continua a acenar no mesmo sentido; o balizeiro sobe de gatinhas no barranco e coloca a baliza no alto; o engenheiro faz sinal agora no sentido contrário, na direção da borda do barranco; o balizeiro vai deslocando a baliza e coloca-a na linha extrema do barranco; mas o engenheiro insiste no mesmo sentido, o balizeiro desce apressadamente e coloca a baliza embaixo, novamente encostada no barranco; o engenheiro acena para que a baliza seja deslocada mais para dentro; o balizeiro vai subir novamente de gatinhas para atendê-lo quando:

O ENGENHEIRO

Ver a baliza, procuro
Procuro a luz e não acho
Nada vejo. Tudo escuro
Parece que anoiteceu
De repente.

(O engenheiro ergue a cabeça desanimado); o ajudante que segura o guarda-sol tira do cano da luneta o tampão que fechava a objetiva.

O ENGENHEIRO

Oh Que diacho

Começa a fazer o alinhamento colocando a luneta para o lado das terras do fazendeiro Pequeno, vai fazendo sinal para o ajudante com a baliza que se afasta e desaparece; o engenheiro apura a vista, mexe nos parafusos e acaba fixando uma direção. Durante todo tempo o grupo do coronel sorri satisfeito.

ENGENHEIRO

Eis aqui a linha certa
Delimitando as fazendas
A linha definidora,
A linha que, de uma vez,
Vai liquidar a contenda;
Linha que, comprovadora,

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.0040 p. 57

Será traçada em papel
De desenho: dêste lado
(indica com o braço)

As terras do Zé Pequeno
Dêste outro as do coronel
(o engenheiro olha outra vez na luneta):

Mas ... que é que há? um momento
A linha passa por cima
Da casa do Zé Pequeno

ZÉ PEQUENO
(intervindo, indignado):

Como é isto? Está visando
O marco?

ENGENHEIRO

De certo ... a linha
Vai mesmo na direção
Do marco, que está por baixo
Da grande caraibeira.

ZÉ PEQUENO

Caraibeira? É impossivel
Pois o marco é da ladeira
Ali defronte (indica) no bico
Da serra; ali é que êle está
Por baixo do pé de angico.

BASTIÃO
(com ironia):

Mas é que o marco esta noite
Criou asas e voou
E depois de um baixo vôo
Em outro lugar pousou:
Embaixo da caraibeira,
Como aqui diz o doutor.

(o engenheiro olha novamente na luneta e diz meio encabulado):

A linha passa por cima

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0040 1p S B

Da casa do Zé Pequeno ...
A linha passa ... Penetra
Pela janela do quarto
De dormir, passa por cima
Da cama do seu Pequeno;
Exatamente entre os dois:
Entre marido e mulher.

BASTIÃO

A linha passa entreos dois:
Zé Pequeno e Dona Inez
Ficam assim separados
Com todo o valor legal,
E esta é a primeira vez
Que um engenheiro promove
O divórcio de um casal.

ZÉ PEQUENO
(à parte):

Não fosse perder a terra,
Tanta terra por sinal,
Ficar livre dessa velha
Até não seria mal.

Mateus se aproxima e fala ao ouvido do engenheiro que sorri, faz um gesto de assentimento; imediatamente saem apressados pela esquerda Mateus, Catirina e Bastião o engenheiro volta a olhar a luneta , a posição do marco; olha, examina um certo tempo, mexe no parafuso da ocular, fica um certo tempo atento, esperando e de repente exclama:

O ENGENHEIRO

Ah Ah agora descubro
O meu êrro; já de início
Eu vinha desconfiando
Do geito daquele marco.

Qual marco, nem meio marco
Me enganei nessa visada
Ora, ai está, um engenheiro
De experiência afamada
Que sempre correto foi.

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0040 p 59

E nunca fez marmelada
Tomar por marco uma pedra
Uma simples pedra pousada
Ao, pé da caraibeira
Devo agir com mais cuidadp ...
Não cometer outra asneira.

Volta a girar o instrumento e a luneta vai aos poucos se dirigindo para o lado das terras do coronel e acaba se fixando num ponto muito para dentro do curral da Fazenda Macambira. Agora todo o cercado desta fazenda , com o seu gado fica pertencendo à fazenda do Zé Pequeno; voltam Mateus, Bastião e Catirina; nêsse momento já o coronel, o valentão, o seu Né estão avançando para o engenheiro:

CORONEL
(investindo sôbre o engenheiro):

Que grande patifaria
Que grande trampolinagem
Não estivesse eu alerta
Cairia na esparrela :
Isso é coisa, isto é serviço
Que se faça, seu gamela?

ENGENHEIRO

Alto lá Gamela não
Engenheiro diplomado,
E, em marcações de divisas,
Técnico especializado.
Nem mais alta e mais precisa
Topografia se fez
No mundo, como esta minha:
Segura, certa, concisa,
Com tangências e com linhas,
Visadas, contravisadas,
Chegando aos pontos de mira
Como vão as andorinhas,
Mais velozes do que o vento,
A pousar nas altas tôrres,
Nas tôrres doscampanários,
Nas rodas dos cataventos.

BASTIÃO
Agora sim, seum Pequeno

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.0040,1p.60

Da fazenda Macambira
Já passou para o seu lado,
Só falta a marca da lei,
Só falta o papel selado ...
Todo o curral, tudo, tudo ...
Até o cavalo caxito,
Até o porco barrão
Que é muito da estimação
Do Coronel ...

O Coronel mudando de atitude aproxima-se do engenheiro e segreda-lhe alguma coisa ao ouvido; êste sorrí, faz um gesto de assentimento; nêsse meio tempo já saíram pelo fundo o valentão e seu Né.

ENGENHEIRO
(olhando novamente pela luneta):

Não. Não sei
Onde é que tenho a cabeça
Como é que errei novamente
A mim mesmo não me explico
Por que cargas dágua eu vi
Que o marco estava fincado
Embaixo do pé de angico?
Suponho que êste instrumento
Tem é bolide na lente
E tem um véu, um defeito
Como de um ôlho doente ...
Vamos ver se agora acerto.

Começa a girar a luneta novamente para o lado da fazenda Macambira, digo, da fazenda de Zé Pequeno; ao ver esta manobra, Pequeno, Mateus e Bastião vão para êle ameaçando-o; o engenheiro tenta voltar a luneta para o lugar onde estava; mas, aqui o grupo do coronel já de volta ameaça-o também:

O GRUPO DO ZÉ PEQUENO

O marco está lá ... está lá
Debaixo do pé de angico
Do outro lado, na ladeira.

O GRUPO DO CORONEL
É lá ... é lá que está o marco

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.0040,1p.61

É lá mesmo na sombra
Da grande caraibeira ...

O engenheiro fica oscilando com a luneta um certo tempo

ENGENHEIRO

O marco não está aqui
Nem ali, nem acolá
Não está no céu, nem na terra
Nem nas águas, nem no ar ...
O marco vôa e revôa,
Gira como um carrossel,
Também oscila e vacila
Como balança infiel.

O engenheiro faz girar ràpidamenteo instrumento como se fôsse uma rolêta; atira uma pedrinha no limbo do mesmo, como numa jogada; a pedrinha salta, e o instrumento pára de repente, com a luneta apontada para o céu.

ENGENHEIRO

O marco voou de nôvo
Fugiu dêste chão maldito;
Agora está muito longe
Nas regiões do infinito.

Dizendo isto agarra o instrumento pelo tripé e sai correndo com êle; o porta-instrumento acompanha-o com o guarda-sol ; Mateus persegue-o com a bexiga e, sai com êle, todo o grupo do Zé Pequeno; o grupo do coronel sai também pelo outro lado; a cena fica vazia por um momento. Entra pela esquerda um retirante: é figura andrajosa, feita de sombra ede terra , trazendo às costas um matulão invisível; caminha sempre voltando-se para os lados como se estivesse acompanhado de sua família: mulher e filhos, que estão mortos há muito tempo; êle é mesmo figura intemporal, uma figura constituida de gestos, tôda em mímica, a contar uma vida passada e infeliz: chegando a certo ponto da cena, fica a andar sem sair do lugar. As cantadeiras cantam:

Daquele lado o que vemos
É uma figura de sombras
De gestos, cinza e silêncio
Quem de longe a vê se assombra

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0040 ip.62

Por terras sêcas, desertas
Parece que é um retirante
Sentimos sua tristeza
Tão sem tempo e tão distante

O RETIRANTE

Não tenho pátria, nem glória ...
Embora - sinal da fome -
Nas páginas sêcas da história
Haja o meu nome e renome.

Mateus, Bastião e Catirina entrando outra vez em cena, encontram o retirante e a êle se dirigem:

MATEUS

Como é que vens acabado
Velho amigo, meu irmão
Há tanto tempo largado
Pelas sendas do sertão.

RETIRANTE

Sou, de acabado, tão pouco ...
A pouco estou reduzido,
Ouve cantar galo rouco
Meu coração comovido ...
(pausa)

RETIRANTE
(continuando):
Sou uma sombra sem corpo,
Sou um rosto sem pessoa,
Um vento sem ar soprando,
Sem som, um canto, uma lôa.

Nem as palavras definem
O meu tão grande vazio,
Todo o gesto que me exprime
Todo o meu gesto é baldio.

Todo o ardor que em mim renasce
Se extingue como um assovio ...
Em mim não há claridades
Sou, apagado, um pavio.

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0049p.63

Teu canto bate na serra
Responde o meu coração.

Sabiá da mata, sabiá
Sabiá gongá

Cantadores do Nordeste
Cantando ao som do baião
Galopes a beira-mar
E os oito pés do quadrão

Sabiá da mata, sabiá
Sabiá gongá

Cantando vamos ao longe
Pela estrada do sertão
Cantando, vamos cantando
Salvar o boi e a nação.

Sabiá da mata, sabiá
Sabiá gongá.

Fim do 1º quadro.

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.0040,p.64

O Capitão e seus assistentes partiram para a região aonde se encontra a fazenda Macambira com o fim de evitar a morte do boi; chegando lá aos limites da fazenda é noite fechada; em tôrno dêles, de repente, desencadeia-se uma dança de fantasmas; Jaguara, Babau, Caipora surgem em claros repentinos de luz, diante dêles, batendo as queixadas; o Pinicapau também aparece procurando bicá-los; o capitão, Mateus, Catirina e Bastião agacham-se ao pé de uma grande cêrca de ramos trançados (ver "Cêrcas do Sertão", de Souza Barros) e assistem transidos de mêdo uma dança de espíritos diabólicos; dança dos "bichos da noite, digo, dança dos "bichos do mêdo da noite"

CAPITÃO

Bem. Parece que chegamos
Às terras do seu Nônô:
Mas a noite é densa, escura,
Escura de fazer pavor

MATEUS

Tôda a escuridão se move
Como se viva estivesse,
Como se negros fantasmas
Do chão da morte viessem.

CATIRINA

E nessa treva agitada
Passem clarões; fofo móvel
Na sombra saltando está:
São luzes do cemotério ...
É o fogo do boitatá

MATEUS

Avançar mais, não devemos
Pois já saimos da trilha
Que a todos nós dirigia.

CAPITÃO
(mostrando uma cêrca de paus trançados ao seu lado):

Junto a esta cêrca fiquemos
Não deve tardar o dia.

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0040, p. 65

Neste momento começa a "dança dos bichos da noite"; êstes avançam, recuam, ameaçam o grupo agachado junto à cêrca. As cantadeiras, durante a dança, cantam em voz surda e a- pagada:

São muitas horas da noite
São horas do bacurau
Jaguara avança dançando
Dançam caipora e babau
uauau, uauau, uauau

Festa do mêdo e do espanto,
De assombrações um sarau;
Furando o tronco da noite
Um bico de pica-pau.
uauau, uauau, uauau

Andam feitiços no ar
De um feiticeiro marau,
Mandingas e coisas feitas
Do xangô de Nicolau.
óó ôô áôôô aôau

"Mêdo da noite" escondido
Nos galhos de um pé de pau
A tôda dança acompanha,
Tocando o seu berimbau.
au, au, au, aaau

Um caçador esquecido
Que espreita de alto girau
Não vê cotia nem paca
Só vê jaguara e babau
aôô ô uau ouau

"Mêdo da noite:caveira
Na ponta de uma varapau;
Há um pio longo agourento:
É mãe da lua: urutau
uauau, uauau, uauau

Junto da grande coité
Onde prepara um mingau
Mexe e remexe,mexendo
A sombra de um galalau ...
hô hô hu huaoaouaa

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0040 p. 66

É um braço morto, invisível
Atira n'água um calhau:
As águas giram seus discos
Até o funil de um perau.
uuuuuuuuuuôôôuauriau

Finge que fuma e defuma
Fumando seu catimbau
"Mêdo da noite"com o rosto
Pintado de colorau.
uau uau auau

Numa cangalha navegam
Como se fosse uma nau,
E içando as velas:mortalhas,
Passam jaguara e babau.
hô hó hó ho hauuau

Montando um porco do mato
Como se fosse um quartau
Caipora vai perseguindo
O jacaré ururau.
uau uau hu hu hó uau

Alguém soluça e lamenta
Todo êste mundo tau mau;
Bicando a sombra da noite
Pinica o pinicapau uuuouauuaaau

Alguém no rio agoniza
No rio que não da vau
Alguém na sombra noturna
Morreu no fundo perau
hôôôôôô u hu auauuuuuau

As primeiras claridades do dia aparecem no horizonte; as figuras fantásticas foram aos poucos sumindo e desapareceram de todo; o dia avança lentamente; o grupo junto à cêrca cpmeça a se mover.

CAPITÃO

Amanhece o dia. Mas
Não se ouve o galo cantar.

BASTIÃO

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0040 IP 67

O Capitão se aproxima interessado.

BASTIÃO

AH é o país, é o país
Que vem

MATEUS

O país? Que país?

BASTIÃO

O Brasil O nosso Brasil
Vem cansado, tropeçando,
Com as pedras do caminho.

Mateus levanta Bastião e dá-lhe com a bexiga. Agora percebe-se nitidamente um rumor de passos distantes, se aproximando; as cantadeiras anunciam:

CANTADEIRAS

Marchando vem pela estrada
Batendo as botas reiúnas
O soldado
O soldado
O soldado da coluna.

Avançando pela estrada
Sob o sol e sob as chuvas
Marchou muitas, muitas léguas
E venceu em Catanduvas.

Subindo serras, descendo
Abrindo largas estradas
Vê-se assim, aparecendo
Andando de braços dados
Num mesmo ser reunidos
Trabalhador e soldado.

Cada vez fica mais forte o rumor de passos, mais forte do que o ususal, devendo ser criado artifi - cialmente para dar a impressão de um rumor ritmado e pesado. Com o rumor crescendo aparece pela esquer

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0040, p. 68

pela esquerda, o soldado da coluna: uma sombra
lhe envolve o rosto.

O SOLDADO

Eu era um soldado raso
Eu era um simples candango
Um capiau, um corumba ...
Menino fui batisado
Num terreiro de macumba;
Cheguei às sombras eternas
Como defunto sem missa
Sem pedra na catacumba

(pausa)

Nessas paisagens que andei
Pelas estradas do mundo
Em meio das multidões
De pobres e vagabundos
Reinavam grandes silêncios ...
Mas dos silêncios no fundo
Havia pontos de som;
Em cada silêncio havia
Havia sons diminutos
Que somados uma voz
Faziam. Essa voz ouvi ...

MATEUS

Essa voz

SOLDADO

Nas trevas do entendimento,
Da escuridão da miséria
Nas sombras ainda há luz,
Perdidas no seio escuro
Há partículas de luz
Que logo bem reunidas
Ficam nos ares formando
Uma grande claridade,
Essa claridade eu vi ...

BASTIÃO

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.0040, p. 69

SOLDADO

No canto, nas alegrias
Da gente pobre do povo
Há parcelas de dor viva
Que se juntam e se compõem
Em grande dor coletiva:
Essa grande dor senti ...

CATIRINA

Essa grande dor

SOLDADO

Na marcha do meu destino
Pelo fogo fulminado
Há muito faço e refaço
Meu caminhar sublimado.
Subindo sinto um caminho
Prêso, pesando em meus pés ...
Descendo cresço nas águas
De indefinidas marés;
Subindo me prendem raizes
Descendo em asas me elevo
Subindo do chão me arranco
Descendo encontro as estrêlas.

Entre o que desce e o que sobe
Entre o que afunda e flutua
Entre o que cai e o que vôa
Sinto o princípio que atua
Sinto a fôrça que gravita
E o meu caminho alivia
E a minha marcha levita.
Entre o descer e o subir
Esta marcha que me avança
Trazendo angústia e alegria
É que se chama esperança

O soldado caminha para sair. Mateus coloca-se à frente dêle com as bexigas prêsas na vara de vaqueiro que conserva verticalmente ao longo do seu corpo, ao lado esquerdo. Bastião coloca-se do lado direito do soldado e Catirina do lado es

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 3040,p 70

lado esquerdo; assim organizados saem; enquanto as violas tocam e o cavalo marinho executa uma dança animada.

CAPITÃO
(pára de repente e chama):

Mateus Bastião Catirina

Os três voltam à cena

CAPITÃO

Vamos partir, vamos ver
Onde está o boi malhado;
Vamos a terras distantes
Que Deus me ajude e perdoe
Mas tudo hei de cometer
Para salvar êste boi

Forma-se então o cortejo de saída com que termina o primeiro quadro: o capitão (o arlequim mantendo a rédea) vai à frente seguido por Mateus, Bastião, Catirina, cantadeiras e violeiros. O capitão parte para a fazenda Macambira. As cantadeiras cantam

CANTADEIRAS

Guriatã, curió
Oh patativa golada
Oh meu galo de campina
Cantando desde a alvorada

Sabiá da mata, sabiá
Sabiá gongá

Papa-capim, pintassilgo
Oh bem-te-vi passarinho
Saudando quem vai passando
Ao longe pelo caminho

Sabiá da mata, sabiá
Sabiá gongá

Oh minha ave araponga

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0040 ip. 72

PROPAGANDISTA

(falando de um modo arrastado, lento e cantado, na fonética usual do interior do Nordeste):

Planejamento bem bom
Viu Para os agricultores ...

Neste momento Mateus tira por trás a máscara do produtor.

TODOS

O que? O Coronel Nônô de Macambira

Não refeitos,ainda, da surprêsa, Catirina tira a máscara do economista.

TODOS

Oh Mas é seu Nèzinho da Coletoria

Bastião tira a máscara do propagandista

TODOS
(rindo):

Ah Ah Ah Zé Pinga Fogo, o maestro da charanga

Mateus e Bastião investem com as bexigas e empurram para fora da cena as três figuras mascaradas. Entra um padre vestido de batina branca, entra dançando de pernas abertas, saltando de umpé para outro. Fala com sotaque.

PADRE

Vim fazer o casamento
De Catirina e Mateus
De hoje em diante que vivam
Nas graças da lei de Deus;
Por seu Coronel Nônô
Eu estou autorizado:
- Em suas terras, me disse,
Ninguém mais vive amigado.

CATIRINA

A casar não me recuso
É nesse o meu tenção

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0040,p.72

Mas é um padre de prêto
De que tenho precisão.
O padre muda a batina,
Está sentindo calor?
Eu sou negra, negra fico
Não posso mudar de côr.

MATEUS

Jesus morreu no Calvário
Depois de grande paixão;
O seu vigário tem mêdo
De morrer de insolação.

PADRE

Você tem razão Mateus
E você também Catirina,
Padre de prêto é que é padre
Devo mudar de batina.
(faz um movimento para sair, mas se detém)

CATIRINA

Mesmo assim, padre, preciso
Arranjar os meus papéis
O que de certo me força
A gastar muitos mil réis;
Minha mãe é de Salgueiro
Meu pai não sei donde é;
Vou gastar muito dinheiro
Para saber se o seu nome
É Antonio, Pedro ou José.

PADRE

Sim, sim, tem tôda a razão
E digo mais, ainda mais
É preciso confessar-se;
Para cumprir, minha filha,
Os deveres conjugais
Precisa purificar-se
(o padre vai sair)

CATIRINA

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.0040(p.73

CATIRINA
(indecisa faz um gesto vago para detê-lo):

Mas ... seu padre ...

PADRE

Heim que quer?

CATIRINA

Seu padre espere ... um momento ...
Queria que me dissesse:
Quanto custa um casamento?

PADRE

Um casamento completo
Com sinos, flôres e velas
Tudo distinto e correto
Tudo rico, tudo pronto
Para o efeito mais raro
Agora custa dois contos.

CATIRINA

Dois contos? Como é caro

PADRE

Mas, Catirina, convenha,
Hoje tudo encareceu :
O vinho, o óleo estão caros,
O preço como cresceu
Das grandes velas de cêra
O incenso, então, nem se fala
E o salário que aumentou
Do sacristão? E o menino
Sineiro que agora mesmo
Me pediu mais um tostão
Por badalada de sino?

CATIRINA

E não há um casamento

Mais barato, seu vigário?

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0040,IP.74

PADRE

Não. Mas você, Catirina,
Pode casar no crediário.

Enquanto o padre conversa e gesticula junto à Catirina, a quem explica como é o crediário.

MATEUS

A igreja pelo que vejo
Também se modernizou
Tornou-se mais camarada
Mais simples e mais amiga.

BASTIÃO

Se é crediário, Mateus,
A coisa já está no Credo
É portanto coisa antiga;
E é caso certo, notório,
Que antes de ao céu chegarem
As almas ficam pagando
Prestações no purgatório.

CATIRINA
(estranhando as palavras do padre):
E é preciso fiador?

PADRE

Entre nós não é necessário ...
Pois você e Mateus têm crédito
Grande na minha paróquia,
Apenas faço a exigência
De ser entre nós lavrado
Contrato em que me garantam
Mais de quinze batizados.

CATIRINA

Preciso pensar um pouco ...

PADRE

Pense com calma, reflita

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0040,P.75

O padre vai-se retirando como entrou; Mateus sai atrás dêle devagar para lhe dar uma bexigada; o padre volta-se e Mateus finge espantar um marimbondo.

PADRE

Depois voltarei ... depois

Continua a sair, Mateus vai novamente sôbre êle com a bexiga, mas o padre se vira e Mateus deixando cair a bexiga finge que se atrapalha em apanhà-la.

PADRE

Depois ...

(enfim, sai)

Enquanto estas coisas se passavam, uma figura surgia de vez em quando e atravessava para um lado e para outro da cena (o bicheiro). O capitão chama Mateus; nesse momento a figura desaparece:

CAPITÃO

Mateus, há algum tempo já
Que venho presenciando:
Para lá e para cá
Há um camafonge passando
Vai perguntar de onde veio?
E que vem fazer aqui?

Mateus sai na direção em que desapareceu a figura. As cantadeiras cantam:

CANTADEIRAS

Mas é seu Tenório
Bicheiro da Vila
Com o seu criatório

Esperto e finório

Trazendo seus bichos
Aí está seu Tenório

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.0040 p.76

Agora o casório
Mateus-Catirina
- Um par de simplórios

Não é mais ilusório
Trazendo seus bichos
Aí está seu Tenório

CATIRINA

Sôbre o destino dos pobres
O mundo tem seus caprichos
Se o dinheiro necessário pra casar
Mateus, não temos
O jeito é jogar no bicho.

Volta Mateus trazendo o bicheiro, mas em vez de aproximá-lo do capitão, conversa com êle.

MATEUS

Você disse seu Tenório
Que tinha um jôgo infalível:
Duas dezenas dobradas,

Uma centena invertida,
E mais um milhar por cima ...
De tal maneira que o grupo
Ficava todo cercado;
Um jôgo mesmo certinho
Que dava certo na certa.

BICHEIRO

Sim é verdade que tenho
Mas que bicho quer você
Cercar, seu Mateus?

MATEUS

O touro

BICHEIRO

O touro, Não pode ser ...
Está muito carregado

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.0040,p.77

Desde que correu notícia

Acêrca do boi malhado ...
O Senhor sabe ...

MATEUS

E na vaca?

BICHEIRO

Na vaca, também, amigo,
O jôgo já está fechado
Creio mesmo, se na lista
Houvesse também novilha
Estaria certo esgotada
Por ser da mesma família
Pois é tão grande a esperança
Em acertar desta gente
Que todo mundo fez fé
No boi e nos seus parentes.

MATEUS

E no avestruz pode ser?

BICHEIRO

No avestruz? ora, não pode:
E pela mesma razão

MATEUS

Como assim?

BICHEIRO

Pois, seu Mateus,
O avestruz é primo-irmão
Da ema. E esta, você sabe,
Neste boi entra em função;
Muita gente, então usou
Por tabela o bom palpite:
Que é mesmo o do boi malhado

Sem menor contestação.

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0049 p. 78

CATIRINA
(vai para o bicheiro e o empurra)

Bicheiro bêsta, a verdade
É que você prendeu a vaca
Nunca mais que a vaca deu
Traz-ante-ontem tive um sonho
Que me fêz acreditar
Em ganhar boa bolada
Nesse jôgo

BICHEIRO

Mas o que?
E em que sonhou minha flor?

MATEUS
(olhando desconfiado o bicheiro, e à socapa):
Êste cabra é meio afoito

CATIRINA

Uma vaca que pastava
Por um campo de repôlho
Em sonho foi o que vi,
Joguei na vaca na certa
Joguei na vaca e ... perdi.

BICHEIRO

E que bicho deu, minha bela?

MATEUS
(aproxima-se do bicheiro e aperta-lhe um braço):
É melhor conter a bôca.

CATIRINA

O bicho que deu foi coelho.

BICHEIRO
(faz um gesto):

Ora aí está mais que evidente:
Sonhou com uma vaquinha

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.0040,1p.79

Pastando tranquilamente
Por um campo de repôlho?
Pois o sonho está bem claro
E certo o bicho que deu;

(pausa)
Só poderia dar coelho ...
Senão vejamos, vejamos,
Examinemos o caso
As palavras soletrando:
Repô-lho, go-lho, coe-lho
Lho-go-lho, pois aí está ...
Aí está minha senhora
O "lho-go-lho" do bicho

CATIRINA

Ah

O bicheiro se aproxima de Catirina e tenta conversar com ela em voz baixa. Catirina se exeusa.

BICHEIRO

Pois olhe que solto a vaca
Que há muito tempo prendí
Se tú quiseres, roxinha,
Ir comigo até alí.

Nesse ponto Mateus avança e segura o bicheiro pela gola do paletó.

MATEUS

Seu bicheiro, mais respeito,
Cale a bôca tagarela
Não é assim que se conversa
Com uma môça donzela.

O bicheiro se liberta deixando uma parte do paletó nas mãos de Mateus e foge; Mateus o persegue, consegue segurar-lhe novamente o paletó pelas fraldas, que se desprendem novamente e ficam nas suas mãos; o bicheiro

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0040 p. 80

consegue escapar até os bastidores. contra êle Mateus atira a bexiga. Ouve-se de repente um grande estrondo; todos ficam paralisados e espantados, em atitude de escuta; depois de um curto espaço de tempo, as cantadeiras anunciam

CANTADEIRAS

O avião, o avião, o avião caiu
Uma luz no céu passar eu vi
O avião, o avião, o avião caiu
Na serra de Comunati

Ouvi passar Rasga-Mortalha
Ouvi cantar Pitiguari
O avião, o avião, o avião caiu
Na serra de Comunati.

Enquanto as cantadeiras cantam, Mateus, Catirina e Bastião saem pelos fundos e voltam trazendo nos braços, desfalecido, o corpo de um aviador ao chegar perto do capitão o aviador é reanimado.

AVIADOR

Fatalidade - uma flor
Que abriu no céu de repente;
Fatalidade - uma fruta
Da qual eu fui a semente;
Semente verde, semente
Para o nascer imatura
Trazendo aos ares desertos
Ramagens de desventura
Lançando no solo frio
Raizes de morte escura;
Pelas chuvas e os serenos
De um outono de amargura
Corpos-fôlhas decepadas
Caídos na terra dura.

Fatalidade - uma flor
Que abriu no céu de repente
Fatalidade - uma fruta

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0040 ip. 81

Da qual eu fui semente;
Semente verde, semente
Para o nascer prematura.

CANTADEIRAS

Caiu, caiu em terra ausente
Dos seus mais justos senhores
Terra que fugiu das mãos
Dos mais simples lavradores.

Caiu da flor a semente
Não do fruto, em noite escura
Semente verde, semente
Que um dia será madura.

O aviador é retirado vagorosamente acompanhado por Mateus, Catirina e Bastião; o cavalo marinho dança uma dança animada. O capitão para de repente, e olha para o fundo da cena, onde vem aparecendo a figura de uma jovem com o rosto velado por uma sombra azulada, traz o uniforme de uma aeromoça; enquanto se aproxima devagar, as cantadeiras cantam:

Minha flor, minha ternura
Meu jardim de malmequeres
Meu jardim de paquiviras
Teu silêncio se estendeu
Nas fôlhas das macambiras.

Canário, canário branco
Canário branco

Teu rosto ficou ferido
Teu coração ficou prêso
Dos gravatás nos espinhos
Tua voz se transformou
No canto de um passarinho

Canário, canário branco
Canário branco

Teu corpo se converteu
Na sombra de um ramo sêco;
Ramo simples de favela

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0040,P.82

Aonde rompeu as asas
A canarinha amarela.

Canário, canário branco
Canário branco.

CANTADEIRAS
(cantam, com a aeromôça, já perto):

Eis a sombra que restou
Da bela fronde primeira
Quando em sombras desfolhada
Arrastada pelo vento
Se perdeu na ribanceira

Canário, canário branco
Canário branco.

O cavalo marinho, que dançando vai recuando aos poucos diante da figura da aeromoça que avança, pára de repente.

CAPITÃO

Quem és? De onde vens?

AEROMOÇA

Diante de vós eu sou
Uma forma constelada
Diante de vós agora
Falo com a voz queimada
Deixei as graças da terra
Naquela terrível prova
Agora nos céus longínquos
Sou filha da lua nova
(A aeromoça prossegue cantando, acompanhada pelas violas e cantadeiras):

Sou filha da lua nova
Sou irmã da estrêla d'Alva
Navegando pelos ares
Numa noite côr de malva;
Da morte que não temí
Para sempre estarei salva

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0040,p. 83

Sou irmã da estrêla d'Alva.

As asas que ali cairam
Foram asas que me deram
Minhas asas verdadeiras
As que não podem cair
São as asas da esperança
De um futuro que há de vir

(depois de uma pausa, prossegue, agora já se preparando para sair):

Pastôra sou de pastores
Baliza dos ventos frios
Pastôra sou de aeronaves
Farol guiando os navios
Que, aos portos de Além do Além
Levam seus porões vazios
Pastôra sou de aeronaves
Baliza dos ventos frios.

Agora já está formada a maneira de sair; à frente Mateus vai brandindo, floreando as bexigas, após a aeromoça ladeada por Catirina e Bastião; vão-se dirigindo para sair de cena e as cantadeiras cantam:

CANTADEIRAS

Jardim do céu, do céu
Rosa branca, rosa breve
Jardim de plantas de nuvem
Jardim de nuvens de neve.

Asas livres, asas leves
Voando nos céus distante
Asas de um homem que aprende
Liberdade a cada instante

Jardim do céu, do céu
Jardim do céu.

Jardim do céu, do céu
Jardim do céu.

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.0040 IP.84

Com um gesto o capitão faz parar o canto das cantadeiras, reina silêncio.

CAPITÃO
(apurando o ouvido):

Escutem, escutem. Não
Estão ouvindo um rumor?
Um rumor de passos distantes?

BASTIÃO
(deita-se no chão e aplica o ouvido ao solo):

Ah Sim, sim, estou ouvindo
Um rumor muito apagado;
É o rumor da terra girando
Rumor do tempo voando ...

(pausa)
(Bastião apura o ouvido)

É uma semente que estala
E a terra em tôrno levanta
Já tôda se preparando
Para se erguer numa planta.

CAPITÃO
(surprêso):

Como?

BASTIÃO
(com o ouvido aplicado):

Não, não é bem isto ...
É coisa mais parecida
Com uma roda rodando...
Roda d'água de banguê
- Uma distante moenda
Que gira não sei porque ...
É coisa assim parecida
Com uma serra que vai
Serrando - uma velha serra
Serrando capim de planta
Pra todo o gado comer ...

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0040,p.85

(Bastião abre muito os olhos, surprêso):

Hun Que é isto? Estão falando.
Estou ouvindo mas é
Como se estivesse vendo,
Três poetas discutindo
Na venda de seu Lacerda ...
E um dêles muito zangado
Aos outros mandando a merda ...

Bastião cada vez mais surprêso, acomoda melhor o ouvido ao solo e fica mais atento.

BASTIÃO
(atento):

Agora ... Agora ...

(põe a mão na bôca):

Ih Ah
Ouço ruidos de espirros
E de eruditos pigarros;
É um deputado tossindo
Tosse de grandes catarros,
Mas quanta demagogia
Em seus ilustres escarros

BASTIÃO
(agora ri, ri às gargalhadas):

Ah AH Ah Ah Ah

(pisca o ôlho, movendo as sobrancelhas):

Depois do lauto jantar
Em que se estêve fartando
Ouço que alguém se alivia
É um padre gordo ... arrotando

CAPITÃO
(impaciente)

Mas não é isto, não é
Saõ passos de alguêm que está
Daqui a se aproximar.

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.0040 ,p.86

MATEUS
(se abaixa e sacode Bastião):

Oh Bastião, Bastião
Não é nessa direção
Que você deve escutar ...

Bastião muda de posição, aplicando o ouvido ao solo.

BASTIÃO

Ah Agora sim, ouço bem ...
Ouço um menino chorando
E uma voz muito mansinha
O menino acalentando;
Uma velhinha, coitada
Muito longe está rezando ...
E um passarinho com frio
A companheira chamando.

CAPITÃO
(meio irritado):

Mas seu bôbo, nada disso
Rumor de passos é que é.

BASTIÃO
(muda outra vez apressadamente de ouvido e o se rosto resplandece de alegria):

É um boi que vem. Parece ...
Parece um boi caminhando
Vem cansado, tropeçando
Com as pedras do caminho;
Tresmalhado da boiada
Vem desgarrado, sòzinho ...

O Capitão faz, desalentado, um gesto de impaciência. Mateus dá com a bexiga em Bastião, mas êste insiste e exclama:

BASTIÃO

Ah É mesmo, até que enfim
É mesmo rumor de passos

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.0049p.87

MJ - DPF - SRA/BSB
22 SET 1972 044061
RECEBIDO POR .....

MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO E CULTURA
UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARÁ
SERVIÇO DE TEATRO

Of.St-150/72 Belém, 12 de setembro de 1972
Do: Coordenador do Serviço de Teatro da Univers. Fed. do Pará
Ao: Chefe da Policia Federal - Brasília
Assunto: Comunicação (faz)

Senhor Chefe:

Comunico a V.Exa que esta Escola de Teatro promoverá, em Belém, no vindouro mês de novembro do ano em curso a estréia de "O CORONEL DE MACAMBIRA", de Joaquim Cardozo.

2. Tenho a honra de encaminhar o texto, em três (3) vias, para censura e expedição de competente * certificado liberatório.

3. Aproveito o ensejo para reiterar * protestos de elevada estima e consideração.

Waldemar Henrique
Coordenador do S.T.U.F.P.

Of.St-150/72
Exmº. Sr.
Chefe do Departamento de Polícia Federal, em Brasilia

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0040p. 88

Reconhecida como de Utilidade Pública pelo Decreto n. 4.092, de 4 de agôsto — de 1920. —

Filiada à Confederação Internacional das Sociedades de Autores e Compositores, — de Paris. —

SOCIEDADE BRASILEIRA DE AUTORES TEATRAIS

Fundada em 27 de Setembro de 1917
Séde: AV. ALMIRANTE BARROSO, 97 - 3.º andar.
End. Teleg.: SBAT - RIO
RIO DE JANEIRO — BRASIL

Direitos de Representação — Autorização Nº 159188

A Sociedade Brasileira de Autores Teatrais (SBAT), reconhecida como de utilidade pública federal, pelo decreto n.º 4.092, de 4-8-1920, mandatária de seus associados nacionais e estrangeiros, para todos os fins de direito, autoriza, nos termos do artigo 2.º do decreto n. 4.790, de 2-1-1924, combinado com os artigos 26 e seu parágrafo único, e 27, do decreto n.º 5.492, de 16-7-1928, art. 46 do decreto n.º 18.527, de 10-12-1928, e artigo 35 do decreto n.º 21.111, de 1-3-1932, Lei n.º 2.415, de 9-2-955, art. 42, do decreto n.º 20.493, de 24-1-1946, a representação da peça teatral: O CORONEL DE MACAMBIRA

Original de Joaquim Cardoso

Música de

Tradução de

No Teatro da Paz Cidade Belém

Emprêsa Serv. Teatro da U.Fed.do Pará Pela Cia. Elenco próprio.

nos dias 20 de novembro de 1972.

sob a condição do pagamento dos respectivos direitos autorais, na base de 10 % (dez por cento) da renda bruta de cada espetáculo, mediante a garantia mínima de Cr$-70.00 ** por espetáculo, obrigando-se a Emprêsa a fornecer à SBAT uma cópia do "bordereau" de receita, devidamente autenticado, responsabilizando-se pela sua exatidão, bem como pelo integral pagamento dos direitos autorais acima estipulados, em moeda corrente.

Belém, 15 de setembro de 1972

(pela SBAT)

Esta via de Autorização deve ser anexada ao programa respectivo e entregue às autoridades competentes. — A quitação do direito autoral respectivo, só poderá ser dada na primeira via do recibo oficial da SBAT.

Isenta de sêlo - Art. 1.º do Déc. 7.957, de 17-9-945.

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0040,P.89

Resumo dos textos de Leis invocadas nesta autorização

Decreto n. 4.092, de 4 de agôsto de 1920:

Art. 1.º — Fica reconhecida como de Utilidade Pública a **Sociedade Brasileira de Autores Teatrais** com sede no Rio de Janeiro.

§ 1.º — É facultado a esta Sociedade representar seus associados:

a) — Perante a Polícia ou em Juizo Civil e Criminal ativa e passivamente, em todos os processos referentes à propriedade literária e artística nos quais êsses associados sejam parte.

b) — Perante as Emprêsas teatrais, para a cobrança das quotas ou percentagens de direitos de autor.

§ 2.º — Para o disposto no § 1.º a Sociedade se reputará mandatária de seus associados, para todos os fins de direito, pelo simples ato de filiação à Sociedade, salvo cláusula expressa em contrário.

§ 4.º — A prova de filiação à **Sociedade Brasileira de Autores Teatrais** ou às suas congêneres estrangeiras poderá ser feita pela relação oficial dos sócios, publicada pela imprensa ou em avulso, ou por certidão em cartório, passada por tabelião público, pela qual se verifique constar da relação o nome do autor teatral.

Decreto n.º 4.790, de 2 de janeiro de 1924:

Art. 2.º — Nenhuma composição musical, tragédia, drama ,comédia, ou qualquer outra produção, seja qual fôr a sua denominação, poderá ser executada ou representada em teatros os espetáculos públicos, para os quais se pague entrada, sem autorização, para cada vez, de seu autor, representante ou pessoa legìtimamente subrogada nos direitos daquele.

Decreto n.º 5.492, de 16 de julho de 1928:

Art. 26 — As disposições do art. 2.º e seguintes do Decreto n.º 4.790, de 2-1-1924, aplicam-se a tôdas as composições musicais e peças de teatro, executadas, representadas ou transmitidas pela radio-telefonia, com intuito de lucro, em reuniões públicas.

§ único — Consideram-se realizadas com intuito de lucro quaisquer audições musicais, representações artísticas ou difusões, radio-telefônicas em que os músicos, executantes ou transmitentes tenham retribuição pelo trabalho.

Art. 27 — Os proprietários ou empresários de quaisquer estabelecimentos de diversões públicas, são responsáveis pelos direitos autorais das produções aí realizadas.

Decreto n.º 18.527, de 10 de dezembro de 1928:

Art. 46 — Ficam obrigados à apresentação de programas os proprietários, empresários, diretores ou quaisquer outros responsáveis pelas representações, exibições ou irradiações que se realizarem em teatros, cinematógrafos, dancings, cabarés, sociedades rádio-telefônicas ou outros quaisquer estabelecimentos de diversões públicas.

Decreto n.º 21.111, de 1 de março de 1932:

Art. 35, § 1.º — A irradiação de quaisquer assuntos ou trabalhos, já divulgados ou não por outros meios, deverá respeitar os direitos autorais e ser igualmente precedida da indicação dos nomes do sautores.

Decreto n.º 20.493, de 24 de janeiro de 1946:

Art. 42 — Considera-se local de representação, execução, exibição e irradiação e de outras formas de espetáculo, runiões e diversões públicas, inclusive competições desportivas, os teatros, os circos, arenas e pistas, parques, salões ou dependências adequadas, assim como quaisquer estabelecimentos onde se reserve espaço para algum daqueles fins e que sejam, de qualquer maneira, freqüentados coletivamente, mesmo os que tenham a denominação de sociedades recreativas e desportivas.

Lei n.º 2.415, de 9 de fevereiro de 1955:

Art. 1.º — A autorga, no território nacional, da licença autoral para a realização de representações, execuções públicas e tele-transmissões, pelo rádio ou televisão, de que tratam os arts. 42 e 43, § 1.º, do Decreto número 18.527, de 10 de dezembro de 1928, e 88 do Decreto n.º 20.493, de 24 de janeiro de 1946, compete exclusivamente ao próprio autor ou à Sociedade legalmente constituída para a defesa de direitos autorais, à qual o autor fôr filiado e que o tenha registrado na forma do artigo 105, § 1.º, do Decreto n.º 20.493, de 24 de janeiro de 1946.

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0040,p.90

BASTIÃO

Não sei, Mateus, mas este homem
Parece aquele engenheiro
Que aqui esteve o ano passado
Com essas mesmas besteiras:
- Dr. Sidonio Furtado.

MATEUS

Ele não era engenheiro
Também não era Furtado
- Os "furtados" somos nós. -
De quem estamos falando
O nome certo, Bastião,
É Possidonio Furtando.

Enquanto falam Bastião e Mateus o economista consulta papéis que tira do bôlso depois, voltando a guardá-los, continua:

ECONOMISTA

Há aqui nesta região
Um famoso boi malhado
Por si só uma riqueza,
Pois daria,bem talhado,
Fortuna de uma grandeza
Como igual nunca se viu
Por tôda essa redondeza.
Por meu saber é que afirmo
E disto tenho a certeza;
Só a carne do bicho, eu digo,
- E digo assim sem malícia,
Traria a tôda comarca
Alimentação vitalícia;
E do couro? Sim do couro
O que dizer, meus senhores,
Senão que o mesmo é um tesouro:
Couro malhado, bonito
Que faz o boi feiticeiro...
Cada malha bem vendida
Daria muito dinheiro.

E o esqueleto do boi?Ah!
Também afirmo e não erro
Que todo o seu esqueleto
É de minério de ferro;
Os cascos, a cauda são coisas
Puras

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0040, p. 91

5
A

BASTIÃO

E os chifres, patrão,
De que são?

ECONOMISTA

Já foram de ouro
Já foram de prata, mas, hoje,
Se a coisa bem se relata
São de pedras preciosas
Que já estamos vendendo
Aos nossos amigos. Ainda bem...

Enfim...silêncio! cuidado!
Falar nisso não convém.

BASTIÃO

Ouro, prata diamante!
Que chifres tão gloriosos!
Quando nada mais valerem
Ainda serão famosos,
Pois ficarão, com certeza
Como belos ornamentos,
Como emblema da fuzarca
Na sede do grande clube
Dos maridos de bom gênio
Que moram nesta comarca.

ECONOMISTA

Fiz assim sôbre êsse boi
Um grande planejamento
Tudo está equacionado
Com muito discernimento:
E desta exata equação
Até o próprio jumento
Encontrará solução;
As vantagens que apresento
Nessa grande promoção
Nosso bom propagandista
Explicará num momento

PROPAGANDISTA

(falando de um modo arrastado, lendo e cantado, na fonética usual do interior do Nordeste):

Planejamento bem bom!
Viu! Para os agricultores...

Nesse momento Mateus tira por trás a máscara do produtor.

CORTES
CORTES
CORTES

83
V

corte

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0040 (p.92

CAPITÃO

(impaciente):

Mas não é isto, não é,
São passos de alguém que está
Daqui a se aproximar.

MATEUS

(se abaixa e sacode Bastião):

Oh! Bastião, Bastião
Não é nessa direção
Que você deve escutar:..

Bastião muda de posição, aplicando o outro ouvido ao solo.

BASTIÃO

Ah! Agora sim, ouço bem...
Ouço um menino chorando
E uma voz muito mansinha
O menino acalentando;
Uma velhinha, coitada
Muito longe está rezando...
E um passarinho com frio
A companheira chamando.

CAPITÃO

(meio irritado):

Mas seu bôbo, nada disso
Rumor de passos é que é;

BASTIÃO

(muda outra vez apressadamente de ouvido e o seu rosto resplandece de alegria):

É um boi que vem. Parece...
Parece um boi caminhando
Vem cansado, tropeçando
Com as pedras do caminho;
Tresmalhado da boiada
Vem desgarrado, sòzinho...

O Capitão, faz, desalentado, um gesto de impaciência. Mateus dá com a bexiga em Bastião, mas êste insiste e exclama:

CORTES

CORTES

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.0040 IP.93

BASTIÃO

Ah! É mesmo, até que enfim...
É mesmo rumor de passos

O capitão se aproxima interessado.

BASTIÃO

Ah! é o país, é o país
Que vem!

MATEUS

O país? Que país?

BASTIÃO

O Brasil! O nosso Brasil!
Vem cansado, tropeçando,
Com as pedras do caminho.

Mateus levanta Bastião e dá-lhe com a bexiga. Ao longe percebe-se nitidamente um rumor de passos distantes, se aproximando; as cantadeiras anunciam.

CANTADEIRAS

Marchando vem pela estrada
Batendo as botas reiúnas
O soldado
O soldado
O soldado da coluna.

Avançando pela estrada
Sob o sol e sob as chuvas
Marchou muitas, muitas léguas
E venceu em Catanduvas.

Marchando vem pela estrada
Batendo as botas reiúnas
O soldado
O soldado
O soldado da coluna.

Cada vez fica mais forte o rumor de passos, mais forte do que o usual, devendo ser criado artificialmente para dar a impressão de um rumor ritmado e pesado. Com o rumor crescente aparece pel

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0040,p.94

Cantadores do Nordeste
Cantando ao som do baião
Galopes a beira-mar
E os oito pés do quadrão

Sabiá da mata, sabiá
Sabiá gongá.

Cantando vamos ao longe
Pela estrada do sertão
Cantando, vamos cantando
Salvar o boi e a nação.

Sabiá da mata, sabiá
Sabiá gongá.

1 CORTES

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0040/E795

9
87

Oriundas de catarros
Mal curados; resfologa
Como um fole de ferreiro,
Como a harmônica de um cego
Pedindo esmola na feira.

(pausa)

Baço, bofe, rim, as tripas,
Dobradas e dobradinas,
Tudo a ser retirado! ...

BASTIÃO

Êste doutor, certamente
Antes de entrar nos estudos
Teve vida diferente:
Negociou com fressuras,
Foi vendedor de "miúdos".

DOUTOR

(continuando o exame do boi):

Há outras coisas, no entanto,
Que já não trazem cuidado

(o boi estremece):

Por exemplo êstes tremores
São evidente sequela
De muito antiga espinhela
Caída a êste agitar de cauda

(o boi agita a cauda)

Vem demonstrar em resumo
Que o boi está com o cu
Já meio fora do prumo

→ corte

I CONTES

(o doutor procura localizar a posição do coração)

Agora é preciso ver
Como anda o coração;
Ih! Ih! Como está batendo
Descompassado! Vai lá!

(o doutor procura seguir o bater do coração em vários pontos do corpo do boi.)

Vai cá. Bateu aqui ... aqui
Saltando como um cabrito;
Parece uma moenda
Trambolhada. O coração
Dêste boi não vale mais

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0040,P.96

10

S. C. T. C.

TÍTULO: O CORONEL DE MACAMBÍRA

GÊNERO: PEÇA TEATRAL.

1) S.ARQUIVO Andrade

Documentação: EM ORDEM

Já liberada?: SIM

Cls.Etária anterior: 18 anos

Praça: BELÉM - PA

DF, 26/9/72

Chefe do Arquivo

2) PROGAMAÇÃO

Técnico de Censura: Cristina

Técnico de Censura: —

Técnico de Censura:

Data para Exame: de 04/10/72 a 06/10/72

OBS: confronto

DF, 04/10/72

Resp. pela Programação

3) S.C.T.C.

Emitir certificados obedecendo ao abaixo disposto:
1- Quantidade: 2 (dois)
2- Natureza: Mais Vias
3- Local p/ encaminhamento: S/D
4- Impropriedade: 18 anos com cortes nas pags: 7, 8, 20, 21, 25 do 1º Quadro e fls. 25 do 2º Quadro.
5- Grupo teatral: Serviço de Teatro da Universidade Fed. do Pará.
6- Validade cert: 13/01/75
Emc: 10/10/72

P/ TCTC

4) CHEFE S.C.

S. Di. DCDP

De acordo

18 anos com cortes

13/10/72

5) DIRETOR DA D.C.D.P.

LIBERE-SE com impropriedade para menores de 18 anos

Brasília, 13/10/72

Rogério Nunes

Laba

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0040, p. 97

M. J. - DEPARTAMENTO DE POLÍCIA FEDERAL
POLÍCIA FEDERAL DE SEGURANÇA
SERVIÇO DE CENSURA DE DIVERSÕES PÚBLICAS

89. 11

TÍTULO O CORONEL DE MACAMBIRA

PARECER

CLASSIFICAÇÃO ETÁRIA: 18 anos com cortes

ESPÉCIE. . peça teatral . . .
COM CORTES? . . sim . . . . .
BOA QUALIDADE. . . . . .
LIV P/ EXPORTAR? . . . . . .
DUBLADO? . . . . . .
LEGENDADO? . . . . . .
VED EXPL COMERCIAL? . . . . .

CENAS só à vista do ensaio geral
ENREDO Disputa de terras entre vizinhos em meio a estórias do povo e crendices .-
ÉPOCA --
GÊNERO drama versificado
LINGUAGEM simples, popular,
MENSAGEM crítica social
PERSONAGEM vulgares, simples,
TEMA político social

OBS: 1. CORTES.
2. CONCLUSÃO.

2. A peça em forma de versos, contém a vida sofredora do nordestino, além de ser uma crítica social do nosso meio.- Indico cortes de partes onde figura a imagem "boi-nação" desprimorosa à nossa pátria: as páginas. 7,8,20,21,25 e 2º quadro, página. 25. Após o que poderá ser liberada com impropriedade máxima.

Brasília 6 de outubro de 1972

Teresa Cristina dos Reis Marra

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0040, p. 98

Of. 065/SC-DCDP/72 09 10 2

SUPERINTENDENTE REGIONAL/PA

" O CORONEL DE MACAMBIRA "

-JOAQUIM CARDOSO-

SUPERINTENDENTE,

TEATRO DA PAZ -BELÉM-PA

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0040 fl. 99

2156/70

::: / O CORONEL DE MACAMBIRA / ::::

JOAQUIM CARDOSO

13 JANEIRO 75

11 OUTUBRO 72

ROBERTO GOMES

PROIBIDO PARA MENORES DE 18 DEZOITO ANOS

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0040 1p.Loo

01 68

" O CORONEL DE MACAMBIRA "

JOAQUIM CARDOSO

SERV. TEATRO DA U. FED. DO / PA

06 OUTUBRO 72

PROIBIDO PARA MENORES DE 18 (DEZOITO) ANOS. CONDICIONADO AO EXAME DO ENSAIO GERAL/// O PRESENTE CERTIFICADO SOMENTE TERA VALIDADE QUANDO ACOMPANHADO DO SCRIPT DEVIDAMENTE CARIMBADO PELO DCDP.

11 OUTUBRO 72

HUGO POVOA DA SILVA

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0040 | p.102

MINISTÉRIO DA JUSTIÇA
DEPARTAMENTO DE POLÍCIA FEDERAL
DELEGACIA REGIONAL DO PARÁ

BELEM - PARÁ
02 JAN. 73

97

DO : CHEFE DA TURMA DE CENSURA DE DIVERSÕES PÚBLICAS
AO : ILMO. SR. SUPERINTENDENTE REGIONAL DO DPF/PA
ASSUNTO : RELATÓRIO - PEÇA TEATRAL "CORONEL DE MACAMBIRA"

075

Senhor Superintendente:

Dando cumprimento ao Ofício nº 65/SC-DCDP/72, informo V. Sa., entregues ao interessado os textos da Peça Teatral denominada "Coronel de Macambira" acompanhados de seus respectivos Certificados de Censura.

Obedecendo ao que determina o Art. 49 do Decreto nº 20.493, de 24.01.46, foi no dia 27.12.72, às 20,30 hs, examinado o ensaio geral da referida Peça Teatral, realizado no Teatro da Paz, ocorrendo a representação ao público no período de 29 a 31 do mesmo mes próximo passado.

Informo, ainda, a V. Sa., que a representação da Peça correspondeu a classificação de impropriedade até 18 anos, determinada pela DCDP - Divisão de Censura de Diversões Públicas, como tambem, houve estrito cumprimento ao que dispõe o Art. 11 e seu parágrafo único da Lei nº 5536 de 21.11.68, tanto com relação as restrições havidas no texto, como no cenário.

Respeitosamente,

Maria Avelina Imbiriba Hesketh
Chefe da TCDP/SR/DPF/PA

Of. nº 018/73 - SR/PA
de 02/1/73

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0040, p. 102

93

0075

MINISTÉRIO DA JUSTIÇA
DEPARTAMENTO DE POLÍCIA FEDERAL

Goiânia,

Em 19 de julho de 1973.

Do Técnico de Censura da SCDP/DPF/Go. J.Elverth Ferreira.

Ao Diretor da DCPF/DPF/Brasília.

Assunto Relatório de ensaio geral - faz -.

Sr. Diretor.

No dia 17.07, à s 17 horas, no Cine Teatro Goiânia, assisti ao ensaio geral da peça teatral "O Coronel de Macambira".

Peça: O Coronel de Macambira.
Autor: Joaquim Cardoso.
Grupo: Teatro da Universidade do Pará.
Impropriedade: 18 anos.
Dia da apresentação: 17:07. Das 21,00 às 23,30 horas.

O Coronel de Macambira é um brilhante e colorido espetáculo apresentando o folclore nordestino. Em meio a belissima coreografia - e ao ritmo do Boi-Bumbá vão sendo apresentados os tipos populares da literatura de cordel: O Cangaceiro, O Padre, O Bicheiro, O Aviador, A Aeromoça, O Soldado, O Boi Malhado.

No segundo quadro, o Capitão, em expedição, vai em busca do Boi Malhado, na Fazenda Macambira. No caminho, noite fechada, são cercados pelos bichos da noite: Caipora, Piricapau, Bacurau, Babau.

Os fantasmas desaparecem, ao surgir o dia. Há então a dança das siriemas e da urutu dourada.

Em seguida, a expedição se encontra com o Retirante que canta a sua odisseia: Nas páginas secas da história há o meu nome e renome.

Encontrado o boi, ele está doente. Chega o doutor com o enfermeiro. O Médico, preocupado em dizer seus méritos e seus remédios milagrosos se esquece do boi e este morre.

Então todos choram e cantam o Meu boi morreu.

A peça é um exemplo de como podem ser aproveitadas as tradições brasileiras para um espetáculo de alto nível.

Prof. José Elverth Ferreira
Técnico de Censura

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0040, p. 103

FETAC Federação de Teatro Amador do Centro do Estado
Fundada em 28 de Junho de 1965 — C. G. C. 59622613/001
Reconhecida de Utilidade Pública — Lei 5459 de 22 de Setembro de 1966

94

São Carlos, 22 de janeiro de 1 975.

MJ - DPF - SRA / BSB
28 JAN 09 32 75
05717
RECEBIDO POR

Senhor Diretor:

Esta Entidade, vem respeitosamente solicitar a competente Censura do Texto "O CORONEL DE MACAMBIRA", original de Joaquim Cardoso, que será encenado pelo Grupo de Teatro da Universidade Federal de São Carlos -"TUFSCar"-, com estréia prevista para o mês de julho, cuja autorização da SBAT segue em anexo.

Termos em que
P. Deferimento.

Dirce Semensato
Presidente-FETAC

À Sua Senheoria o Senhor
Diretor do Serviço de Censura e Diversões Públicas
Departamento de Policia Federal
B R A S I L I A - DF-

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0040, p. 104

95

M

Sociedade Brasileira de Autores Teatrais

Fundada em 27 de Setembro de 1917 — Reconhecida como de Utilidade Pública Federal pelo Dec. 4.092, de 4-8-1920
Filiada à Confederação Internacional das Sociedades de Autores e Compositores
Séde: Av. Almirante Barroso, 97 - 3º andar — End. Teleg. SBAT-RIO
Rio de Janeiro — Brasil.

~~Rio de Janeiro~~, de de 19

São Paulo, 21 Janeiro 75

Sr.

CHEFE DO SERVIÇO DE CENSURA DE DIVERSÕES PÚBLICAS DO D. P. F.

Brasília, D.F.

Saudações

Com a presente, temos a honra de encaminhar a V. S., para fins de CENSURA (3) cópias da peça:

"O CORONEL DE MACAMBIRA"

DE: JOAQUIM CARDOSO

próxima apresentação da TUFSCAR

no Teatro MUNICIPAL DE SÃO CARLOS

com estréia marcada para o dia MÊS DE JULHO DE 1975

Sem outro assunto, subscrevêmo-nos, com a maior consideração,

SOCIEDADE BRASILEIRA DE AUTORES TEATRAIS

Djalma Bittencourt
Superintendente

SUCURSAL SÃO PAULO

Visto:

A PRESENTE AUTORIZAÇÃO SERVE APENAS E EXCLUSIVAMENTE PARA EFEITO DE CENSURA DE PEÇA.

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0040, p. 105

96

TEATRO

TÍTULO O CORONEL DE MACAMBIRA

1) S. ARQUIVO

Documentação Em ORDEM

Clas. Anterior 18 anos

Praça São Carlos - SP

Obs.:

DF. 28 / 01 / 75

Chefe Seção Arquivo

2) PROGRAMAÇÃO

Técnico de Censura

Técnico de Censura

Técnico de Censura

Data para Exame de __/__/__ a __/__/__

DF. __/__/__

Resp. pela Programação

4) SERVIÇO DE CENSURA

À consideração do Senhor Diretor. Impropriedade 18 anos, com cortes.

Em 19.02.75

Manoel Guido

Manoel Francisco Clavery Guido
Chefe do Serviço de Censura
Subst.

3) S. C. T. C. Concordo com o parecer nº 9570/75.

1 À SE para emitir certificado liberando a peça, com impropriedade para menores de 18 anos, com cortes, e ainda condicionada ao exame do ensaio geral.

2 À consideração do Sr. Chefe do SC. Em 13-02-75.

Flor[illegible] Queiroz
Sub[illegible] Censura de [illegible] SC

Floripaldo de [illegible]
Subst. Chefe d[illegible]
Teatro e Co[illegible]

5) Diretor da D. C. D. P.

Libere-se, nos termos do parecer. Em 19.02.75

ROGERIO NUNES
Diretor da DCDP

DPF-538

MINISTÉRIO DA JUSTIÇA
DEPARTAMENTO DE POLÍCIA FEDERAL
DIVISÃO DE CENSURA DE DIVERSÕES PÚBLICAS

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0040,p.106

97
M

PARECER Nº 550 / 75

TÍTULO: "O CORONEL DE MACAMBIRA" - Joaquim Cardozo

CLASSIFICAÇÃO ETÁRIA: 18 Anos com cortes
ESPÉCIE: Peça Teatral - Confronto

Tendo realizado d confronto dos textos, observei alteração no "script" atual, sem contudo modificar o sentido da peça. Proponho seja mantido o mesmo critério liberatório - IMPRÓPRIO PARA MENORES DE DEZOITO ANOS, bem como os cortes sugeridos em paracer anterior, os quáis se acham também indicados' às páginas: 04 - 10 - 11 e 23.

Brasília, 12 de fevereiro de 1975

Geralda de Macedo Coelho

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0040, p.107

Imediatamente ao fundo aparecem três figuras mascaradas, vêm andando cada uma com uma maneira de andar diferente. As cantadeiras cantam:

CANTADEIRAS

Vem na frente o produtor
Logo após o economista
Mais atrás com o seu tambor
O sagaz propagandista.

Dizem que são justiceiros,
Produtores da abundância,
Na verdade são coveiros
No cemitério da infância.

De tamanhos produtores
Bem se conhece o produto:
Terras sêcas, gado morto
Gente faminta, de luto.

CAPITÃO

Mateus, Mateus vai saber
Quem são êstes sambaquantes?

MATEUS

Meus senhores a que vindes?

A parte do produtor, do economista e do propagandista deve ser declamada com apropriada mímica verbal.

PRODUTOR

Sou o grande produtor
De farinha e de algodão
Produtor de rapadura
De manteiga e requeijão;
Sou grande fornecedor
De carne sêca e feijão.
Digo porém sem rebuços,
Aqui ninguém me embaraça
Sou produtor de cachaça
Esta é que dá dinheirão.

MATEUS

Ah! Bem se atina e se vê
Bem se vê que é malandrão.

PRODUTOR

Todos os sêres viventes
Se mantêm por minha mão;
Sou aquêle que produz
O que se vende e se come
O que se goza e se dorme
O que se gasta e consome.
Para alguém viver feliz
Precisa invocar meu nome
Só mesmo o tolo, o babão
É que se mata de fome.
Não medindo sacrifícios
Agora mesmo aqui estou
Para trazer benefícios
Às terras do seu Nônô;
E entrando logo em ação
Chamei um economista
(*indica o economista*)
Para estudar a região.

ECONOMISTA

Sou economista formado
Doutor em finas finanças
Doutor em leis matemáticas
E outras muitas lambanças;
Sei fazer cheques cruzados,
Abrir contas, dar fianças,
Sei fazer também descontos,
Hipotecas e cobranças;
Estudei muitos tratados
Vindos do país de França.

Os recursos desta terra
Medi em justas balanças
Consultei interessados
Ouvi muitas embuanças;
E usando de uma política
Da melhor das vizinhanças
Aos homens destas paragens
Trago novas esperanças.

MATEUS

Se vem assim nessa rima
Vem é para encher a pança.

BASTIÃO

Não sei, Mateus, mas este homem
Parece aquele engenheiro
Que aqui esteve o ano passado
Com essas mesmas besteiras:
— Dr. Sidonio Furtado.

MATEUS

Ele não era engenheiro
Também não era Furtado
— Os "furtados" somos nós.
De quem estamos falando
O nome certo, Bastião,
É Possidonio Furtando.

Enquanto falam Bastião e Mateus o economista consulta uns papéis que tira do bôlso, depois, voltando a guardá-los, continua:

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0040, p. 108

ECONOMISTA

Há aqui nesta região
Um famoso boi malhado
Por si só uma riqueza,
Pois daria, bem talhado,
Fortuna de uma grandeza
Como igual nunca se viu
Por tôda essa redondeza.
Por meu saber é que afirmo
E disto tenho a certeza;
Só a carne do bicho, eu digo,
— E digo assim sem malícia, —
Traria a tôda comarca
Alimentação vitalícia;
E do couro? Sim do couro
O que dizer, meus senhores,
Senão que o mesmo é um tesouro:
Couro malhado, bonito
Que faz o boi feiticeiro...
Cada malha bem vendida
Daria muito dinheiro.

Corte

E o esqueleto do boi? Ah!
Também afirmo e não erro
Que todo o seu esqueleto
É de minério de ferro;
Os cascos, a cauda são coisas
Ricas.

BASTIÃO

E os chifres, patrão,
De que são?

COM CORTES

ECONOMISTA

Já foram de ouro
Já foram de prata, mas, hoje,
Se a coisa bem se relata
São de pedras preciosas
Que já estamos vendendo
Aos nossos amigos. Ainda bem...

Enfim... silêncio! cuidado!
Falar nisso não convém.

BASTIÃO

Ouro, prata, diamante!
Que chifres tão gloriosos!
Quando nada mais valerem
Ainda serão famosos,
Pois ficarão, com certeza
Como belos ornamentos,
Como emblema da fuzarca
Na sede do grande clube
Dos maridos de bom gênio
Que moram nesta comarca.

ECONOMISTA

Fiz assim sôbre êsse boi
Um grande planejamento
Tudo está equacionado
Com muito discernimento:
E desta exata equação
Até o próprio jumento
Encontrará solução;
As vantagens que apresento
Nessa grande promoção
Nosso bom propagandista
Explicará num momento

PROPAGANDISTA
(*falando de um modo arrastado, lento e cantado, na fonética usual do interior do Nordeste*):

Planejamento bem bom!
Viu! Para os agricultores...

Neste momento Mateus tira por trás a máscara do produtor.

TODOS

O que? O Coronel Nônô de Macambira!

Não refeitos, ainda, da suprêsa, Catirina tira a máscara do economista.

TODOS

Oh! Mas é seu Nèzinho da Coletoria!

Bastião tira a máscara do propagandista.

TODOS
(*rindo*):

Ah! Ah! Ah! Zé Pinga Fogo, o maestro da charanga!

Mateus e Bastião investem com as bexigas e empurram para fora da cena as três figuras mascaradas. Entra um padre vestido de batina branca, entra dançando de pernas abertas, saltando de um pé para outro. Fala com sotaque.

PADRE

Vim fazer o casamento
De Catirina e Mateus
De hoje em diante que vivam
Na graças da lei de Deus;
Por seu coronel Nônô
Eu estou autorizado:
— Em suas terras, me disse,
Ninguém mais vive amigado.

CATIRINA

A casar não me recuso
É mesmo a minha tenção
Mas é um padre de prêto

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0040 p. 109

As asas que ali caíram
Foram asas que me deram
Minhas asas verdadeiras
As que comigo vieram
No chão rasteiro e sem fim
Jamais poderão cair
São as asas da esperança
De um futuro que há de vir.

(Depois de uma pausa, prossegue, agora já se preparando para sair):

Pastôra sou de pastôres
Baliza dos ventos frios
Pastôra sou de aeronaves
Farol guiando os navios
Que, aos portos de Além do Além
Levam seus porões vazios
Pastôra sou de aeronaves
Baliza dos ventos frios.

Agora já está formada a maneira de sair; à frente Mateus vai brandindo, floreando as bexigas, após a aeromoça ladeada por Catirina e Bastião; vão-se dirigindo para sair de cena e as cantadeiras cantam.

CANTADEIRAS

Jardim do céu, do céu
Rosa branca, rosa breve
Jardim de plantas de nuvem
Jardim de nuvens de neve.
Jardim do céu, do céu
Jardim do céu.

Jardim do céu, do céu
Jardim do céu.

Com um gesto o capitão faz parar o canto das cantadeiras, reina silêncio.

CAPITÃO
(apurando o ouvido):

Escutem, escutem. Não
Estão ouvindo um rumor?
Um rumor de passos distantes?

BASTIÃO
(deita-se no chão e aplica o ouvido ao solo):

Ah! Sim, sim, estou ouvindo
Um rumor muito apagado;
E o rumor da terra girando,
Rumor do tempo voando...

(pausa)
(Bastião apura o ouvido)

E uma semente que estala
E a terra em tôrno levanta
Já tôda se preparando
Para se erguer numa planta.

CAPITÃO
(surprêso):

Como?

BASTIÃO
(com o ouvido aplicado):

Não, não é bem isto...
E coisa mais parecida
Com uma roda rodando...
Roda d'água de bangüê
— Uma distante moenda
Que gira não sei por que...
É coisa assim parecida
Com uma serra que vai
Serrando — uma velha serra
Serrando capim de planta
Pra todo o gado comer...

(Bastião abre muito os olhos, surprêso):

Hum! Que é isto? Estão falando.
Estou ouvindo, mas é
Como se estivesse vendo,
Três poetas discutindo
Na venda de seu Lacerda...
E um dêles muito zangado
Aos outros mandando a merda...

Bastião cada vez mais surprêso, acomoda melhor o ouvido ao solo e fica mais atento.

BASTIÃO
(atento):

Agora... Agora...

(põe a mão na bôca):

Ih! Ah!
Ouço ruidos de espirros
E de eruditos pigarros;
E um deputado tossindo:
Tosse de grandes catarros,
Mas quanta demagogia
Em seus ilustres escarros!

BASTIÃO
(agora ri, ri às gargalhadas):

Ah! Ah! Ah! Ah! Ah!

(pisca o ôlho, movendo as sobrancelhas):

Depois de lauto jantar
Em que se estêve fartando
Ouço que alguém se alivia
É um padre gordo... arrotando.

CAPITÃO
(impaciente):

Mas não é isto, não é,
São passos de alguém que está
Daqui a se aproximar.

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0040,p.110

MATEUS
(*se abaixa e sacode Bastião*):

Oh! Bastião, Bastião
Não é nessa direção
Que você deve escutar...

Bastião muda de posição, aplicando o outro ouvido ao solo.

BASTIÃO

Ah! Agora sim, ouço bem...
Ouço um menino chorando
E uma voz muito mansinha
O menino acalentando;
Uma velhinha, coitada
Muito longe está rezando...
E um passarinho com frio
A companheira chamando.

CAPITÃO
(*meio irritado*):

Mas seu bôbo, nada disso
Rumor de passos é que é.

BASTIÃO
(*muda outra vez apressadamente de ouvido e o seu rosto resplandece de alegria*):

E um boi que vem. Parece...
Parece um boi caminhando
Vem cansado, tropeçando
Com as pedras do caminho;
Tresmalhado da boiada
Vem desgarrado, sòzinho...

Corte

COM CORTES

O Capitão faz, desalentado, um gesto de impaciência. Mateus dá com a bexiga em Bastião, mas êste insiste e exclama:

BASTIÃO

Ah! É mesmo, até que enfim...
E mesmo rumor de passos.

O capitão se aproxima interessado.

BASTIÃO

Ah! é o país, é o país
Que vem!

MATEUS

O país? Que país?

BASTIÃO

O Brasil! O nosso Brasil!
Vem cansado, tropeçando,
Com as pedras do caminho.

Mateus levanta Bastião e dá-lhe com a bexiga. Agora percebe-se nìtidamente um rumor de passos distantes, se aproximando; as cantadeiras anunciam.

CANTADEIRAS

Marchando vem pela estrada
Batendo as botas reiúnas
O soldado
O soldado
O soldado da coluna.

Avançando pela estrada
Sob o sol e sob as chuvas
Marchou muitas, muitas léguas
E venceu em Catanduvas.

Marchando vem pela estrada
Batendo as botas reiúnas
O soldado
O soldado
O soldado da coluna.

Cada vez fica mais forte o rumor de passos, mais forte do que o usual, devendo ser criado artificialmente para dar a impressão de um rumor ritmado e pesado. Com o rumor crescente aparece pela esquerda, o soldado da coluna: uma sombra lhe envolve o rosto.

O SOLDADO

Eu era um soldado raso
Eu era um simples candango
Um capiau, um corumba...
Menino fui batisado
Num terreiro de macumba;
Cheguei às sombras eternas
Como defunto sem missa
Sem pedra na catacumba

(*pausa*)

Nessas paisagens que andei
Pelas estradas do mundo
Em meio das multidões
De pobres e vagabundos
Reinavam grandes silêncios...
Mas dos silêncios no fundo
Havia pontos de som;
Em cada silêncio havia
Havia sons diminutos
Que somados uma voz
Faziam. Essa voz ouvi...

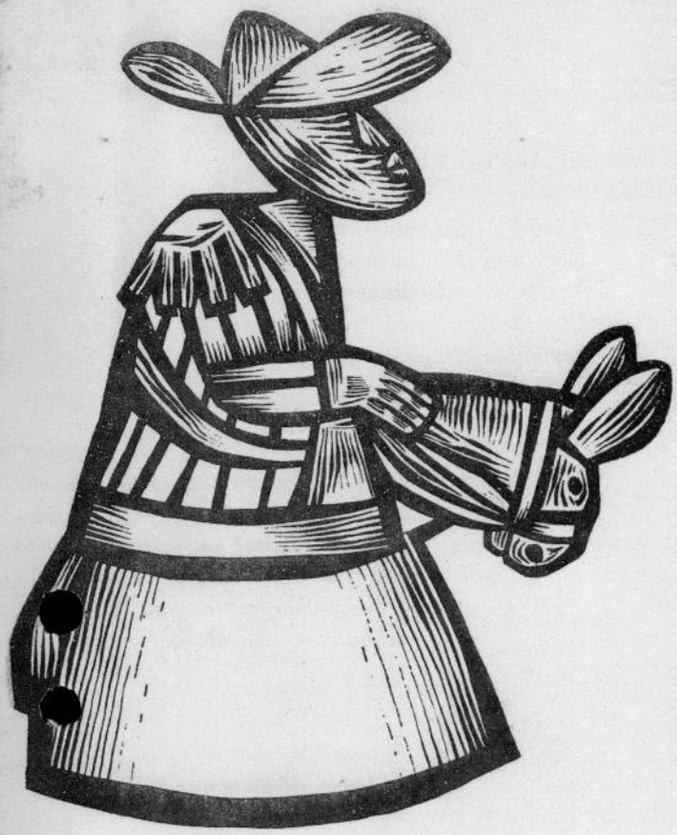
MATEUS

Essa voz!

SOLDADO

Nas trevas do entendimento,
Da escuridão da miséria

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.0040,P.LLL



O capitão e seus assistentes partiram para a região aonde se encontra a fazenda Macambira com o fim de evitar a morte do boi; chegando aos limites da fazenda é noite fechada; em tôrno dêles, de repente, desencadeia-se uma dança de fantasmas; Jaguara, Babau, Caipora surgem em claros repentinos de luz, diante dêles, batendo queixadas; o pinicapau também aparece procurando bicá-los; o capitão, Mateus, Catirina e Bastião agacham-se ao pé de uma grande cêrca de ramos trançados (ver "Cêrcas do Sertão", de Souza Barros) e assistem transidos de mêdo uma dança de espíritos diabólicos: dança dos "bichos do mêdo da noite".

CAPITÃO

Bem. Parece que chegamos
Às terras do seu Nônô:
Mas a noite é densa, escura,
Escura de fazer pavor.

MATEUS

Tôda a escuridão se move
Como se viva estivesse.
Como se negros fantasmas
Do chão da morte viessem.

CATIRINA

E nessa treva agitada
Passam clarões; fogo móvel
Na sombra saltando está:
São luzes de cemitério...
E o fogo do Boitatá

2.º QUADRO

MATEUS

Avançar mais, não devemos
Pois já saímos da trilha
Que a todos nós dirigia.

CAPITÃO
(*mostrando uma cêrca de paus trançados ao seu lado*):

Junto a esta cêrca fiquemos
Não deve tardar o dia.

Neste momento começa a "dança dos bichos da noite"; êstes avançam, recuam, ameaçam o grupo agachado junto à cêrca. As cantadeiras, durante a dança, cantam em voz surda e apagada:

BR'DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0040, p. 11 2

Nas sombras ainda há luz,
Perdidas no seio escuro
Há partículas de luz
Que logo bem reunidas
Ficam nos ares formando
Uma grande claridade:
Essa claridade eu vi...

BASTIÃO

Essa claridade!

SOLDADO

No canto, nas alegrias
Da gente pobre do povo
Há parcelas de dor viva
Que se juntam e se compõem
Em grande dor coletiva:
Essa grande dor senti...

CATIRINA

Essa grande dor!

SOLDADO

Na marcha do meu destino
Pelo fogo fulminado
Há muito faço e refaço

Meu caminhar sublimado.
Subindo sinto um caminho
Prêso, pesando em meus pés...
Descendo cresço nas águas
De indefinidas marés;
Subindo me prendem raízes
Descendo em asas me elevo
Subindo do chão me arranco
Descendo encontro as estrêlas.

Entre o que desce e o que sobe
Entre o que afunda e flutua
Entre o que cai e o que vôa
Sinto o princípio que atua
Sinto a fôrça que gravita
E o meu caminho alivia
E a minha marcha levita.
Entre o descer e o subir
Esta marcha que me avança
Trazendo angústia e alegria
E que se chama esperança.

O soldado caminha para sair. Mateus coloca-se à frente dêle com as bexigas prêsas na vara de vaqueiro que conserva verticalmente ao longo do seu corpo, ao lado esquerdo. Bastião coloca-se do lado direito do soldado e Catirina do lado esquerdo; assim organizados saem; enquanto as violas tocam e o cavalo marinho executa uma dança animada.

CAPITÃO
(pára de repente e chama):

Mateus! Bastião! Catirina!

Os três voltam à cena.

CAPITÃO

Vamos partir, vamos ver
Onde está o boi malhado;
Vamos a terras distantes
Que Deus me ajude e perdoe
Mas tudo hei de cometer
Para salvar êste boi

Forma-se então o cortejo de saída com que termina o primeiro quadro: o capitão (o arlequim mantendo a rédea) vai à frente seguido por Mateus, Bastião, Catirina, cantadeiras e violeiros. O capitão parte para a f[illegible]da Macambira. As cantadeiras cantam:

CANTADEIRAS

Guriatã, curió
Oh! patativa golada
Oh! meu galo de campina
Cantando desde a alvorada

Sabiá da mata, sabiá
Sabiá gongá

Papa-capim, pintassilgo
Oh! Bem-te-vi passarinho
Saudando quem vai passando
Ao longe, pelo caminho

Sabiá da mata, sabiá
Sabiá gongá

Oh! minha ave araponga
Ferreiro dêste sertão
Teu canto bate na serra
Responde o meu coração.

Sabiá da mata, sabiá
Sabiá gongá

Cantadores do Nordeste
Cantando ao som do baião
Galopes a beira-mar
E os oito pés do quadrão

Sabiá da mata, sabiá
Sabiá gongá.

Cantando vamos ao longe
Pela estrada do sertão
Cantando, vamos cantando
Salvar o boi e a nação.

Sabiá da mata, sabiá
Sabiá gongá.

corte
COM CORTES

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0040, p. 113

Em balneados vapores,
Se pressentira e somara;
Dêsses secretos calores
Agora se desprenderam
As miríficas virtudes
Com as ciências mais modernas
A iso-necro-cardizina
É assim constituída
De estratos conglutinantes,
De agregadas substâncias,
Em formas agonizantes,
Na matéria rediviva;
Matéria subordinada
Ao Crisosperma, ao Chibrite,
Ao Samário, ao Gadolíneo,
Ao Adrope, à "Mulher branca"
E honesta cujos suóres
Já curaram da cegueira
Um faraó. É um produto
Composto de vitaminas,
Mortiminas, necrominas,
Das mais recentes indústrias
Farmacêuticas. Tudo isto
Diluído em soros virgens,
Em água régia e "pesada"
Em água viva e "untuosa";
Tudo bem dinamisado
Em suco de pinhão roxo;
Exposto à luz do "laser",
E aos efeitos radioativos
De uma bomba de cobalto;
Depois cuidadosamente
Levado ao forno Atanor.
A iso-necro-cardizina
Ligada está aos resultados
Das mais recentes pesquisas
De Mandrake e de Popeye...
Tem vínculos muito estreitos
Com a aruspicina menor
A Piromancia satânica
E a necromancia maior.

CATIRINA

O Doutor fala bonito...
Fala no estilo sublime
De uma bula de remédio

MATEUS

Num estilo que parece
Ao de certos literatos
Meus amigos

BASTIÃO

Sim, parece...
Parece a literatura
Do próprio autor dêste "Boi".

AMBROSINO
(*continuando*)

A iso-necro-cardizina...

Neste momento o boi tem um estremecimento, debate-se por um instante e se estira inteiramente no chão; o doutor acorre, apalpa-o, sonda-o em vários lugares.

DOUTOR
(*desolado*)

O boi morreu. Tarde vim.
Nem mesmo pude saber
A que verdade cedeu...
— Êste boi, de que capricho
De que inocência morreu? —
Do sonho fiz um remédio
Que cura as dores mais fortes

Que dá consôlo e esperança
Aos que adormecem na morte.
O boi morreu. Tarde vim,
E não lhe pude aplicar
O meu mais certo saber:
Que é o de dar um sonho à morte
Que é o de ajudar a morrer.

O doutor acompanhado pelo enfermeiro sai cabisbaixo. Mateus dá-lhe com a bexiga. Constatado que o boi está realmente morto, medidas são tomadas para arrastá-lo; Mateus e seus ajudantes preparam-se para arrastar o boi; forma-se agora o cortejo final da peça com todos os figurantes; começa então a se mover o cortejo para sair da cena levando o boi. Na frente o capitão, depois Mateus, Catirina, Bastião, o fazendeiro Pequeno, o valentão, o bicheiro, seu Né etc. Os violeiros e cantadeiras levantam-se também para sair.

AS CANTADEIRAS CANTAM
(*acompanhadas por todos*):

O meu boi morreu
Meu boi surubim
Que comprei na feir
De Belo-Jardim.

Agora na vida
Que será de mim
Sem meu boi ponteiro
Meu boi surubim.

Morreu o meu boi
Meu boi surubim
Sou pobre de tudo
Sou pobre de mim.

De repente, surpresos, param todos e silenciam; adiante a meia altura da cena aparece a aeromoça com o rosto desvelado, erguido iluminado; todos contemplam em silêncio e comovidos aquela aparição; a aeromoça desaparece; o fazendeiro Pequeno sorri para a platéia; ainda não refeitos desta surprêsa começa a ouvir-se a marcha do soldado da coluna que aparece também na mesma posição

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0040 1p. LL4

Das vias respiratórias
Às vias mais indecentes
Do aparelho cagatório.

O doutor se movimenta, apalpa aqui, ali, aplica o estetoscópio que fixa finalmente em um ponto de certa região do corpo do boi.

DOUTOR

O bofe!... Disto estava eu
A espera... é um velho órgão
Com perturbações asmáticas,
Oriundas de catarros
Mal curados; resfolega
Como um fole de ferreiro,
Como a harmônica de um cego
Pedindo esmola na feira.

(*pausa*)

Baço, bofe, rim, as tripas,
Dobradas e dobradinhas,
Tudo a ser retirado!...

BASTIÃO

Êste doutor, certamente
Antes de entrar nos estudos
Teve vida diferente:
Negociou com fressuras,
Foi vendedor de "miúdos".

DOUTOR
(*continuando o exame do boi*):

Há outras coisas, no entanto,
Que já não trazem cuidado

(*o boi estremece*):

Por exemplo êstes tremores
São evidente seqüela
De muito antiga espinhela
Caída, e êste agitar de cauda

(*o boi agita a cauda*)

Vem demonstrar em resumo
Que o boi está com o cu
Já meio fora do prumo

corte | COM CORTES

(*o doutor procura localizar a posição do coração*)

Agora é preciso ver
Como anda o coração;
Ih! Ih! Como está batendo
Descompassado! Vai lá!

(*o doutor procura seguir o bater do coração em vários pontos do corpo do boi.*)

Vai cá. Bateu aqui... aqui
Saltando como um cabrito;
Parece uma moenda
Trambolhada. O coração
Dêste boi não vale mais
Nada. Quanto antes... Quanto antes
É preciso retirá-lo

CAPITÃO

Mas o boi pode viver
Sem coração?

DOUTOR
(*cabeça erecta, firme, solene*):

Poderá...
Como não? Poderá sim
Sim. Nada mais natural;
Eu tenho um medicamento
Feito em meu laboratório
Que é justamente um portento
Nestes casos. Uma vez
A víscera extraída

No local se aplica a droga
Com precauções especiais...
Ela prodigiosamente
Faz crescer novamente
O coração.

BASTIÃO

Tal e qual
A pomada descoberta
Por Zequinha Cafuné,
Com a qual sempre explorou
A sua boiada em pé;
Pois dos bois quanto tirava
Crescia sempre o filé

MATEUS

Não entendo, Bastião
Como isto pode ser.

BASTIÃO

Muito simples. Cafuné
Não mata o boi. Dos seus bois
Apenas "colhe" o filé,
Que renasce em breve tempo
Com o aplicar da pomada
Milagrosa como é.

DOUTOR

(*apresentando o enfermeiro que tira da maleta uma papelada*):

Da droga prodigiosa
Meu enfermeiro Ambrosino
Vai ler a bula.

AMBROSINO

Senhores
A iso-necro-cardizina
É um preparado obtido
Pela estrita aplicação
Dos mais secretos humores,
Que já nas "artes antigas",

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.0040,p.115

190275 - 102

096/75-SCTC/SC/DCDP

Superintendente Regional do DPF em São Paulo-SR/SP

"O CORONEL DE MACAMBIRA"

Joaquim Cardoso

Superintendente:

São Paulo-SP

MFCG/rs

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0040, p. 116

COM CORTES

2.154/75

: O CORONEL DE MACAMBIRA

: JOAQUIM CARDOSO

17 FEVEREIRO 80

17. FEVEREIRO 75

ROGÉRIO NUNES

PROIBIDO PARA MENORES DE DEZOITO ANOS

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.

: O CORONEL DE MACAMBIRA

: JOAQUIM CARDOSO

COM CORTES

: TUFSCAR - SP -

- DIRCE SEMENSATO -

12 FEVEREIRO 75

PROIBIDO PARA MENORES DE 18 (DEZOITO) ANOS. CORTES ASSI-
ALADOS ÀS PÁGINAS: 04-10-11-23- CONDICIONADO AO EXAME DO ENSAIO GERAL. O
RESENTE CERTIFICADO SOMENTE TERÁ VALIDADE QUANDO ACOMPANHADO DO "SCRIPT"
EVIDAMENTE CARIMBADO PELA DCDP.::

17 FEVEREIRO 75 MANOEL FRANCISCO C. GUIDO - SUBST.

MHF

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0040 p.117

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0040 ip. 128

FUNDAÇÃO JOSÉ AUGUSTO
LEI No. 2885 DE 8-4-1963 — DECRETO Nº. 4068 DE 29-5-1963
RUA JUNDIAÍ, 641 — FONES - 222-2991 - 222-3988 - 222-0704
NATAL-RN

FICHADO
S. A. DCDP

Ofício nº 247/77-P

Natal, 10 de outubro de 1977

Senhor Diretor,

A Fundação José Augusto, órgão responsável pela política cultural do Governo do Estado do Rio Grande do Norte, vem solicitar a V. Exa., que se digne apreciar o texto da peça teatral "O Coronel de Macambira" de Joaquim Cardozo, que deverá ser apresentada pelo grupo "Tablado Nordestino de Teatro", sob a direção do Sr. Racine Santos, nosso conceituado funcionário.

A peça deverá ser encenada no mês de dezembro próximo, cumprindo programação cultural desta Fundação. Portanto, necessário seria que a peça fosse liberada em tempo hábil para sua apresentação.

Certos de sermos atendidos com atenção e presteza, agradecemos antecipadamente.

Sem mais, no momento, apresentamos protestos de estima e consideração.

FRANCO M. JASIELLO
Presidente

Exmº Sr.
Dr. ROGÉRIO NUNES
Divisão de Censura de Diversões Públicas
Brasília/DF.

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0040,p.119

TEATRO

105

TÍTULO O Corsel Macambira

Joaquim Caetano

1) S.C.T.C. Arquivo

Clas. Anterior 18 e 1C

Praça Natal - RN

Obs.:

DF. 17 / 10 / 77 / ____

Resp. pela elaboração do Processo

2) PROGRAMAÇÃO

Técnico de Censura

Técnico de Censura

Data prazo Exame de ___ / ___ / ___ a ___ / ___ / ___

DF. ___ / ___ / ___

Resp. pela Programação

3) CHEFE DA S.C.T.C.

À S. E., para se emitirem dois certificados, com a classificação: impróprio para menores de dezoito anos, com cortes e com os dados constantes do requerimento de censs., condicionada ao exame do ensaio geral. Obs.: cortes à fls. 04, 05, 09, 10 e 19 do script.

Brasília-DF, 25 de out. de 1977

Maria Ariete P. Gama
Ch. SCTC-SC/DCDP

Brasília – DF de de 1.97

4) SERVIÇO DE CENSURA

Em de de 1.97

5) DIRETOR DA D.C.D.P.

LIBERE-SE DE CONFORMIDADE COM O PROCESSO ANTERIOR
Classificação: dezoito (18) anos, c/cortes.
Brasília-DF, 25 / out. / 1977
CARLOS A. MOLINARI DE CARVALHO
Chefe do Serviço de Censura - DCDP

MINISTÉRIO DA JUSTIÇA
DEPARTAMENTO DE POLÍCIA FEDERAL
DIVISÃO DE CENSURA DE DIVERSÕES PÚBLICAS

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0040, p. 120

106

PARECER Nº 4541 / 77

TÍTULO: "O CORONEL DE MACAMBIRA"

CLASSIFICAÇÃO ETÁRIA: 18 anos, c/cortes

Autor: Joaquim Cardoso

Peça teatral liberada conforme Certificado nº 2156/75, válido até 17/02/80.

Os textos confrontados não apresentam maiores divergências, nada impedindo a adoção do mesmo critério anterior, ou seja, impropriedade de 18 anos, c/ os cortes assinalados às fls. 4, 5, 9, 10 e 19, e condicionada ao exame do ensaio geral.

Brasília, 24 de outubro de 1 977.

Edite Nakashoji Pereira

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.0040,p.124

MATEUS - Ah! Bem se atina e se vê: Bem se vê que é malandrão

PRODUTOR - Todos os seres viventes se mantêm por minha mão; sou aquele que produz o que se vende e se come. O que se goza e se dorme, o que se gasta e se consome. Para alguém aqui viver feliz precisa invocar o meu nome. Só mesmo o tolo, o babão é que se mata de fome. Agora mesmo estou aqui para trazer benefícios às terras do seu Nônô. E chamei logo um economista para estudar a região.

ECONOMISTA - Sou economista formado. Doutor em finas finanças. Doutor em leis matemáticas e muitas outras lambanças; Sei fazer cheques cruzados, abrir contas, dá fianças, sei também fazer descontos, hipotecas e cobranças. Estudei muitos tratados, vindos do país da França. Medi os recursos desta terra em justas balanças. Consultei interessados e muitas e muitas emboanças ouvi. Usando de uma política da melhor das vizinhanças, trago novas esperanças aos homens destas paragens.

MATEUS - Se vem assim nessa rima. Vem é para encher a pança.

BASTIÃO - Não sei, Mateus, mas este homem parece aquele engenheiro que esteve aqui no ano passado. Com essas mesmas / besteiras é o Dr. Sidônio Furtado.

MATEUS - Ele nem era engenheiro e também nem era Furtado. Os "Furtados" somos nós. Bastião, o nome certo de quem estamos falando é Possidônio Furtado.

(Enquanto falam Bastião e Mateus o economista consulta uns papéis / que tira do bolso, depois, voltando a guardá-los, continua:)

ECONOMISTA - Nesta região há um famoso boi malhado que por si só é uma riqueza. Pois daria, bem talhado, uma grande fortuna como igual nunca se viu por toda essa redondeza. Disto eu afirmo e tenho certeza: só a carne do bicho, eu digo assim sem malícia que traria a toda comarca alimentação vitalícia. E do couro? Sim do couro o que dizer, meus senhores, senão que o mesmo é um tesouro. Couro molhado e bonito que faz o boi feiticeiro... Cada malha / bem vendida daria muito dinheiro. E o esqueleto do boi? Ah! Também afirmo e não erro que todo o seu esqueleto é de minério de ferro. Os cascos, a cauda são coisas ricas.

BASTIÃO - E os chifres, patrão, de que são?

CORTE

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0040 ip. 122

ECONOMISTA - Já foram de couro, já foram de prata, mas, hoje, se a coisa bem se relata são de pedras preciosas. Que já estamos vendendo aos nossos amigos. Ainda bem... enfim ... silêncio! cuidado! Falar nisso não convém.

BASTIÃO - Ouro, prata, diamante! Que chifres tão gloriosos! Quando nada mais valerem ainda serão famosos, pois ficarão como belos ornamentos como emblemas da fuzarca na sede do grande clube dos Maridos de bom gênio que moram nesta comarca.

CORTE

ECONOMISTA - Fiz um grande planejamento sobre esse boi. Está tudo equacionado. E desta exata equação até o próprio juramento encontrará solução. As vantagens que foram apresentadas aqui nessa grande promoção, nosso bom propagandista explicará num momento.

PROPAGANDISTA - (Falando de um modo arrastado, lento e cantado na / fonética usual do interior do Nordeste) - Planejamento bem bom! Viu! Para os agricultores...
(Neste momento Mateus tira por trás a máscara do produtor)

TODOS - O que? O Coronel! Nhô de Macambira!
(Não refeitos, ainda, da surpresa, Catirina tira a máscara do economista)

TODOS - Oh! Mas é seu Nezinho da Coletoria!
(Bastião tira a máscara do propagandista)

TODOS - (rindo) - Ah! Ah! Ah! Zé Pinga Fogo, o maestro da charanga! (Mateus e Bastião investem com as bexigas e empurram para fora da cena as três figuras mascaradas. Entra um padre vestido de batina branca, entra dançando de pernas abertas, saltando de um pé para outro. Fala com sotaque)

PADRE - Vim fazer o casamento de Catirina e Mateus. Que vivam/ de hoje em diante na graça de Deus. Eu estou autorizado por Seu Coronel Nônô. Êle disse que em suas terras/ ninguém vive mais amigado.

CATIRINA - Eu não me recuso a casar não, pois é minha intenção. Mas eu preciso é de um Padre de prêto. Eu sou negra, negra fico, Não posso mudar de cor.

MATEUS - Jesus morreu no Calvário, depois de uma grande paixão. o seu vigário tem medo de morrer de insolação.

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.0040,p.123

109

(Nesse ponto Mateus avança e segura o bicheiro pela gola do paletó)

MATEUS - Cale a boca tagarela, tenha mais respeito seu bicheiro Não é assim que se conversa com uma môça donzela.

CAPITÃO - (apurando o ouvido) - Escutem, escutem. Não estão ouvindo um rumor? Um rumor de passos distantes?

BASTIÃO - (Deita-se no chão e aplica o ouvido ao solo) - Ah!sim, estou ouvindo um rumor muito apagado; É o rumor da terra girando e do tempo voando. (pausa. Bastião apura o ouvido) E o rumor de uma semente que estala e a terra que se levanta em torno preparando-se para erguer / uma planta.

CAPITÃO - (surpreso) Como?

BASTIÃO - (com o ouvido aplicado) Não, não é bem isto... É mais parecido com uma roda rodando... Roda d'água de banguê ... Não, é coisa mais parecida com uma serra que vai serrando. Uma velha serra que vai serrando capim de planta pra todo o gado comer ... (Bastião abre muito / os olhos, surpreso) Hum! Qie é isto? Estão falando, estou ouvindo mas é como se estivesse vendo, tres poetas discutindo na venda de seu Lacerda... E um deles muito zangado manda os outros pra merda... (Bastião cada vez mais surpreso, acomoda melhor o ouvido ao solo e fica/ mais atento) Agora... Agora... (põe a mão na boca) Ih! Ah! Ouço ruídos de espirros e de eruditos pigarros; E um deputado tossindo: Tosse de grandes catarros, mas quanta demagogia em seus escarros ilustres! (agora ri às gargalhadas) Ah! Ah! Ah! Ah! Ah!.(pisca o olho, movendo as sobrancelhas) Depois de um jantar lauto, ouço que alguém se alivia. É um padre gordo... arrotando.

CAPITÃO - (impaciente) Mas não é isto, não é, são passos de alguém que se aproxima daqui.

MATEUS - (se abaixa e sacode Bastião) Oh! Bastião, Bastião, não é nesta direção que você deve escutar...

(Bastião muda de posição, aplicando o outro ouvido ao solo)

BASTIÃO - Ah! Agora sim, ouço bem... Ouço um menino chorando e uma voz muito mansinha acalentando o menino; Uma velhinha coitada está rezando muito longe... E um passarinho com frio chamando a companheira.

CAPITÃO - (meio irritado) Mas seu bobo, não é nada disso. É rumor de passos.

CORTE

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.0040,p.124

BASTIÃO - (muda outra vez apressadamente de ouvido e o seu rosto resplandece de alegria) É um boi que vem. Parece / um boi caminhando. Vem cansado, tropeçando com as pedras do caminho; tresmalhado da boiada, vem sozinho , desgarrado ...

(O capitão faz, desalentado, um gesto de impaciência. Mateus dá com a bexiga em Bastião, mas este insiste e exclama):

BASTIÃO - Ah! é mesmo, até que enfim... É mesmo rumor de passos

(O capitão se aproxima interessado).

BASTIÃO - Ah! é o país, é o país que vem!

MATEUS - O país? Que país?

BASTIÃO - O Brasil! O nosso Brasil! Vem cansado, tropeçando com as pedras do caminho.

CORTE

(Mateus levanta Bastião e dá-lhe com a bexiga. Agora percebe-se nítidamente um rumor de passos distantes, se aproximando; as cantadeiras anunciam:)

VANTADEIRAS- Marchando vem pela estrada/ Batendo as botas reiúnas/ O soldado/ O soldado/ O soldado da coluna.
Avançando pela estrada/ Sob o sol e sob as Chuvas/Marchou muitas, muitas léguas/ E venceu em Catanduvas.
Marchando vem pela estrada/ Batendo as botas reiúnas/ O soldado/ O soldado/ O soldado da coluna.

(cada vez fica mais forte o rumor de passos, mais forte do que o usual, devendo ser criado artificialmente para dar a impressão de um rumor ritmado e pesado. Com o rumor crescente aparece pela esquerda, o soldado da coluna: uma sombra lhe envole o rosto).

SOLDADO - Eu era um soldado raso. Eu era um simples candango,/ um corumba, um capiau... Fui batizado ainda menino ' num terreiro de macumba; Cheguei às sombras eternas como um defunto sem missa sem pedra na catacumba.(pausa) Nessas paisagens que andei pelas estradas do mundo, em meio das multidões de pobres e vagabundos,grandes silêncios reinavam... Mas no fundo dos silêncios' havia pontos de som; Havia sons diminutos em cada silêncio que somados faziam uma voz. Essa voz eu ouvi...

MATEUS= - Essa voz!

SOLDADO - Perdidas no escuro seio, nas trevas do entendimento / da miséria, ainda há luz. Há particulas de luz que reunidas, ficam formando uma grande claridade nos ares. Essa claridade eu vi...

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.0040 p.125

(O doutor chega junto do boi e se ajoelha, mas de repente se volta e diz em voz baixa):

DOUTOR - Mantenho ainda convênio com certas sacristias que me dá pleno direito de encomendar missas de sétimo dia.

(O doutor se aproxima do boi e começa a examiná-lo, apalpando o ventre)

DOUTOR - O ventre está cavernoso, timpanoso e rumoso por causa de peidos retidos e antigas hidropisias. O boi' deve ter comido muito capim venenoso. (põe o estetoscópio sobre a barriga do boi) As tripas estão fanhosas e um pouco descalibradas soando rechado como corneta talhada em canudo de mamão. (pequena pausa) Precisamos extraí-las (examina o estômago do boi) O bucho está inflamado em consequencia do esforço empregado nos arrotos que encalharam nas vias digestivas, ou de angústias provocadas pelos gases incombustos ' de indigestões recessivas. Ou em linguagem escorreita: O boi sofreu desde a infância sedes corrosivas e fomes insatisfeitas. Temos que tirar o bucho sem / mais demora. (continua apalpando) E o baço? Vejamos o baço ou a passarinha, se querem. Hum! ... está mesmo um bagaço, fofo, mole, oco, vazio como rolete de cana sarangó chupado. (há um ruído fora que o pertuba) Tsiuh!! Silêncio o boi está mal. Sua grande doença evolui em escala descendente, das vias respiratórias às vias indecentes do aparelho cagatório.

(O doutor se movimenta, apalpa aqui, ali, aplica o estetoscópio que fixa finalmente em um ponto de certa região do corpo do boi)

DOUTOR - O bofe!... Já estava esperando... é um velho órgão ' com pertubações asmáticas, oriundas de catarros mal curados. Resfolega como um fole de ferreiro. (pausa) Baço, bofe, as tripas, dobradas e dobradinhas, tudo deve ser retirado!...

BASTIÃO - Este doutor antes de entrar nos estudos teve vida diferente negociou com fressuras, foi vendedor de "miúdos".

DOUTOR - (continuando a examinar o boi) No entanto há outras coisas que já não trazem cuidado (o boi estremece) por exemplo estes temores são evidentes sequela de antiga espinhela caida e esse agitar de cauda vem demonstrar que o boi está com o cú meio fora do prumo.

CORTE

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0040 ip. 126

112

1683/77-SCTC/SC/DCDP 25/10 7

Superintendente Regional do DPF no Rio Grande do Norte

"O CORONEL DE MACAMBIRA"

Joaquim Cardoso

Superintendente:

NATAL-RN

ROGÉRIO NUNES

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.0040,p.127

2156/77

: O CORONEL DE MACAMBIRA

: JOAQUIM CARDOSO

IMPRÓPRIO PARA MENORES DE 18 DEZOITO ANOS

17 FEVEREIRO 80

26 OUTUBRO 77

ROGÉRIO NUNES

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.

: O CORONEL DE MACAMBIRA

COM CORTES

: JOAQUIM CARDOSO

TABLADO NORDESTINO DE TEATRO - RN

25 OUTUBRO 77

IMPRÓPRIO PARA MENORES DE 18 (DEZOITO) ANOS. CORTES ÀS FLS.: 04-05-09-10-19- CONDICIONADO AO EXAME DO ENSAIO GERAL. O PRESENTE CERTIFICADO SOMENTE TERÁ VALIDADE QUANDO ACOMPANHADO DO "SCRIPT" DEVIDAMENTE CARIMBADO PELA DCDP.

26 OUTUBRO 77

CARLOS A. MOLINARI DE CARVALHO

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.0040.p.128

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0040 IP.126

112

1683/77-SCTC/SC/DCDP 25/10 7

Superintendente Regional do DPF no Rio Grande do Norte

"O CORONEL DE MACAMBIRA"

Joaquim Cardoso

Superintendente:

NATAL-RN

ROGÉRIO NUNES

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0040, p.130

MJ - DPF - DCDP - BSB
19 NOV 1128 002765
PICHADO DCDP

SERVIÇO PÚBLICO FEDERAL
MJ/DPF/SCDP/SR/SP

OFÍCIO Nº 1588/81 EM 16 de março de 1981.

DO CHEFE DO SCDP/SR/SP

ENDEREÇO

AO DIRETOR DA DCDP

ASSUNTO ENCAMINHAMENTO (FAZ)

Senhor Diretor

Pelo presente, encaminhamos à alta consideração de V.Sª., relatórios e uma via do texto da peça teatral "O CORONEL DE MACAMBIRA" original de Joaquim Cardoso.

Este SCDP/SR/SP procedeu exame da referida peça e expediu Autorização Especial de nº 021/81, para maiores de 10 (dez) anos, tendo em vista que:

- Trata-se de teatro amador;
- O texto aborda tema do folclore brasileiro e é apresentado sob a forma de teatro de cordel;
- O espetáculo já foi apresentado por vários grupos de teatro amador e é acessível a qualquer tipo de público.

Na oportunidade, renovamos a V.Sª., protestos de estima e consideração.

JOSÉ AUGUSTO COSTA
CHEFE DO SCDP/SR/SP

Ao Ilmo. Sr.
DR. JOSÉ VIEIRA MADEIRA
DD. Diretor da DCDP
BRASILIA/DF

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.0040,p.131

Ilmo. Sr. Chefe do Serviço de Censura de Diversões Públicas do Depto. de Polícia Federal de São Paulo

116

Antonia Berenice Danelon e o Curso de Teatro do Studio 415, a rua Santa Cruz, 415, Piracicaba, São Paulo, pretendendo encenar a peça O CORONEL DE MACAMBIRA, de Joaquim Cardoso, cujo texto se encontra anexo em tres vias, vem mui respeitosamente re - querer que V.S. se digne mandar proceder a leitura do mesmo.

Nestes Termos

Pede Deferimento

Antonia Berenice Danelon
Rua Santa Cruz, 415
13400 Piracicaba SP

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0040, p. 132

SERVIÇO PÚBLICO FEDERAL

807/81 117

"O CORONEL DE MACAMBIRA"

10 anos

Leitura do texto -

Autor: Joaquim Cardozo -

Dispensado o Ensaio Geral conforme o Parecer.
Em 09/03/81
JOSÉ AUGUSTO COSTA
Chefe do SCDP
SR/SP

Trata-se de texto em versos, no estilo cordel, onde são utilizados os personagens característicos do "bumba-meu-boi", girando as aventuras em torno da morte do animal.

No desenrolar da peça são tecidas críticas à exploração do povo pelos grandes proprietários e detentores do poder e também à comercialização da medicina e da religião, sempre de maneira caricata.

Após a morte do boi, abatido por um tiro vindo de direção indeterminada, as esperanças nele contidas caem por / terra, renascendo porém na aeromoça e no soldado da coluna, que simbolizam "um futuro que há de vir".

Utilizando elementos folclóricos, as cenas são introduzidas por um coro de "cantadeiras" e danças do "cavalo marinho".

Por estar de acordo com as disposições censórias vigentes, opino pela liberação do presente texto para maiores/ de dez anos, com dispensa do ensaio geral.

São Paulo, 18 de Fevereiro de 1981

Lia A. R. Dinamarco

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0040 (P.133

SERVIÇO PÚBLICO FEDERAL

806/81

O CORONEL DE MACAMBIRA-JOAQUIM CARDOSO

LIVRE

Dispensado o Ensaio Geral conforme o Parecer.
Em 09 / 03 / 81
JOSÉ AUGUSTO COSTA
Chefe do SCDP
SR/SP

Texto Teatral
Grupo:Amador
Responsável:Curso de Teatro Studio 415

Texto teatral de características folclóricas ,do tipo de teatro de cordel. O texto é acompanhado por violeiros e cantadeiras.

Várias figuras de nosso folclóre aparecem em cena: Capitão.Valentão,Moça casadoura,pequeno fazendeiro,Coronel,Retirante,Caiporinha,Jaguara,Cobra,Pinica Pau e o boi.

As figuras do bumba meu boi estão presentes como o Boi e o Cavalo Marinho.

O enredo consta de várias historietas.O coronel eo fazendeiro pequeno que brigam por terras e põem o engenheiro ~~qu~~ que ia demarcá-las a correr.O Capitão do cangaço que é valentão a moça que deseja casar-se .As figuras da cobra,do pinica pau e do jaguara que conversam como gente,O retirante que perdeu tudo ao sair do sertão.A figura central é o Boi.Este recebe tiros e o doutor não consegue salvá-lo.O bumba meu boi é dançado.

Este texto é bastante popular e típico do nordeste mostrando as figuras típicas regionais, ele nos dá uma lição de folclore.

Opino pela liberação do texto sem restrição etária e sugiro a supressão do ensaio geral pela temática abordada acessível a qualquer público.

São Paulo, 3 de fevereiro de 1981

Maria Helena Soares

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0040,pi.134

RADIOGRAMA

MINISTÉRIO DA JUSTIÇA
DEPARTAMENTO DE POLÍCIA FEDERAL

3ª VIA

PARA USO DA ESTAÇÃO

Nº 19

PREÂMBULO

Espécie:. OFICIAL | Número..... | Data:.....
Origem..... | Palavras..... | Hora:.....

ENDEREÇO

SR/SP - SPO -

POSIÇÃO:

QUITAÇÃO

HRS: OPR:

TEXTO A TRANSMITIR

Nº 147/DCDP de 23 02 81 ___ RERA NR 3103/SCDP/SP DE 20.02.81 VG ' INFO CONSTA REG PEÇAS "O CORONEL DE MACAMBIRA" LIB 18 ANOS C/C PT " RALEH" LIB 18 ANOS VG CTF VENC 17.11.76 PT " DEUS NEGRO" LIB 18 ANOS C/C VG CTF VENC 31.10.79 PT " PALHAÇOS " LIB 16 ANOS PT " VIAGEM DE UM BARQUINHO " LIB LIVRE PT " ANDAR SEM PARAR DE TRANSFORMAR" LIB LIVRE PT DEMAIS NADA CONSTA PT DCDP

Nome e cargo do expedidor fechando o texto. Escrever separando as linhas com 2 espaços

Assinatura ou rubrica do expedidor: Arésio Teixeira Deixola

Chefe do Serviço de Censura - DCDP
SUBSTITUTO

DPF-84

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.0040, p. 135

TEATRO

120

TÍTULO "O CORONEL DE MACAMBIRA"

JOAQUIM CARDOSO"

1) ARQUIVO

Clas. Anterior 18 anos

Praça SÃO PAULO / SP

Obs.:

DF. / 23 / 03 / 81

Resp. pela elaboração do Processo

2) PROGRAMAÇÃO

Técnico de Censura

Técnico de Censura

Data prazo Exame de / / a / /

DF. / /

Resp. pela Programação

3) CHEFE DA S.C.T.C.

Emita-se o certificado, de acordo com requerimento de censura e com a classificação: imprópria para menores de 10 (dez) anos, sem cortes, condicionada ao exame do ensaio geral.

Obs.: Condicionada ao Ensaio Geral

Brasília, 03 de 04 de 1981

Hellé Prudente Carvalhedo
Matr. 2 415 791

Brasília – DF de de 1.97

Obs. O presente texto foi examinado no SCDP/SR/SP sendo-lhe conferida classificação contraditória: livre e 10 anos. Reexaminada, face a grande diferença entre a impropriedade anterior - 18 anos - e as últimas, foi indicada, conforme parecer nº 4335/81, a faixa de 10 anos.

4) SERVIÇO DE CENSURA

~~LIBERE-SE~~
~~na forma do parecer~~
~~Em / / 19~~

Cumpra-se a legislação em vigência, procedendo-se ao ensaio-geral.

Em 29.4.81

JOSE VIEIRA MADEIRA
MAT. 2.005.858

Em de de 1.97

5) DIRETOR DA D.C.D.P.

DPF-538

MINISTÉRIO DA JUSTIÇA
DEPARTAMENTO DE POLÍCIA FEDERAL
DIVISÃO DE CENSURA DE DIVERSÕES PÚBLICAS

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0040,p.L36

PARECER Nº 4335 / 81

TÍTULO: "O CORONEL DE MACAMBIRA" - Peça Teatral

CLASSIFICAÇÃO ETÁRIA: 10 (DEZ) ANOS

Autor: Joaquim Cardoso

Trata-se de uma peça folclórica que envolve diversas personagens características, cuja temática já se encontra descrita pelos pareceres fls. 117 e 118.

O texto não contém implicações de ordem censória, mas é de difícil assimilação por parte de público infantil por ser extenso e cheio de passagens simbólicas, exigindo maior nível de entendimento.

Nessas condições, opinamos pela liberação da referida obra aos maiores de 10 (dez) anos, condicionada ao exame do Ensaio Geral.

Brasília, 03 de abril de 1981.

Maria Angélica R. de Resende
Técnica de Censura
Mat. 2.405.208

DPF-742

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0040 p. 137

MINISTÉRIO DA JUSTIÇA
DEPARTAMENTO DE POLÍCIA FEDERAL

CENSURA FEDERAL

TEATRO

Certificado Nº 2.156

PEÇA "O CORONEL DE MACAMBIRA"

ORIGINAL DE "JOAQUIM CARDOSO"

APROVADO PELA D.C.D.P.
CLASSIFICAÇÃO

10 IMPRÓPRIO PARA MENORES DE DEZ ANOS

VÁLIDO ATÉ 10 de ABRIL de 19 86

Brasília, 10 de ABRIL de 19 81

JOSÉ VIEIRA MADEIRA
Diretor da DCDP

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0040,1p. L38

M.J-D.P.F

CERTIFICADO DA D.C.D.P

Certifico constar no arquivo de registro de peças teatrais deste Serviço, o assentamento da peça intitulada "O CORONEL DE MACAMBIRA"

Original de "JOAQUIM CARDOSO"

Tradução de

Adaptação de

Produção de

Requerida por ANTONIA BERENICE DANELON SÃO PAULO/SP

Tendo sido censurada em 03 de ABRIL de 1981 e recebido a seguinte classificação: IMPRÓPRIO PARA MENORES DE 10 (DEZ) ANOS. O PRESENTE CERTIFICADO SÓ TERÁ VALIDADE ACOMPANHADO DO "SCRIPT" DEVIDAMENTE CARIMBADO PELA DCDP.

Brasília, 10 de ABRIL de 1981

ARÉSIO TEIXEIRA PEIXOTO

Chefe do Serviço de Censura

DPF-150

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0040, p. 139

MINISTÉRIO DA JUSTIÇA
DEPARTAMENTO DE POLÍCIA FEDERAL

CENSURA FEDERAL

TEATRO

Certificado Nº 2.156

PEÇA "O CORONEL DE MACAMBIRA"

ORIGINAL DE "JOAQUIM CARDOSO"

APROVADO PELA D.C.D.P.
CLASSIFICAÇÃO

10 IMPRÓPRIO PARA MENORES DE DEZ ANOS

VÁLIDO ATÉ 10 de ABRIL de 19 86

Brasília, 10 de ABRIL de 19 81

JOSÉ VIEIRA MADEIRA
Diretor da DCDP

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0040, p.140

M.J-D.P.F

CERTIFICADO DA D.C.D.P

Certifico constar no arquivo de registro de peças teatrais deste Serviço, o assentamento da peça intitulada "O CORONEL DE MACAMBIRA"

Original de "JOAQUIM CARDOSO"

Tradução de

Adaptação de

Produção de

Requerida por ANTONIA BERENICE DANELON SÃO PAULO/SP

Tendo sido censurada em 03 de ABRIL de 1981 e recebido a seguinte classificação: IMPRÓPRIO PARA MENORES DE 10 (DEZ) ANOS. O PRESENTE CERTIFICADO SÓ TERÁ VALIDADE ACOMPANHADO DO "SCRIPT" DEVIDAMENTE CARIMBADO PELA DCDP.

Brasília, 10 de ABRIL de 1981

ARÉSIO TEIXEIRA PEIXOTO

Chefe do Serviço de Censura

DPF-150

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.0040,p.144

RADIOGRAMA

Nome e cargo do expedidor fechando o texto. Escrever separando as linhas com 2 espaços

MINISTÉRIO DA JUSTIÇA
DEPARTAMENTO DE POLÍCIA FEDERAL

3ª VIA

PARA USO DA ESTAÇÃO

Nº

PREÂMBULO

Espécie:. OFICIAL | Número..... | Data:.....

Origem..... | Palavras..... | Hora:.....

ENDEREÇO

SCDP/SR/RJ - RJO -

POSIÇÃO:

QUITAÇÃO

HRS: OPR:

TEXTO A TRANSMITIR

Nº 331/DCDP de 30_04_81___ SOL EFETUAR ENSAIO GERAL PEÇA " O CORONEL DE MACAMBIRA " AUT JOAQUIM CARDOSO VG FACE REDUÇÃO IMPROPRIEDADE ANTERIOR 18 ANOS P/ 10 ANOS PT DCDP

Assinatura ou rubrica do expedidor.....

Alexis Teixeira Peixoto
Chefe do Serviço de Censura - DCDP
SUBSTITUTO

DPF-84

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0040, p.142

RADIOGRAMA

Nome e cargo do expedidor fechando o texto. Escrever separando as linhas com 2 espaços

MINISTÉRIO DA JUSTIÇA
DEPARTAMENTO DE POLÍCIA FEDERAL

3ª VIA

PARA USO DA ESTAÇÃO

Nº

PREÂMBULO

Espécie:. OFICIAL | Número..... | Data:.....

Origem..... | Palavras..... | Hora:.....

ENDEREÇO

SCDP/SR/SP - SPO -

POSIÇÃO:

QUITAÇÃO

HRS: OPR:

TEXTO A TRANSMITIR

Nº 333/DCDP de 30 _ 04 _ 81 ___ SOL EFETUAR ENSAIO GERAL PEÇA " O CORONEL DE MACAMBIRA " AUT JOAQUIM CARDOSO VG FACE REDUÇÃO IMPRO_ PRIEDADE ANTERIOR 18 ANOS P/ 10 ANOS PT DCDP

Assinatura ou rubrica do expedidor.....

DPF-84

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0040, p. 143

2.156

"O CORONEL DE MACAMBIRA"

"JOAQUIM CARDOSO"

10 ABRIL 86

10 ABRIL 81

JOSÉ VIEIRA MADEIRA

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE

"O CORONEL DE MACAMBIRA"

"JOAQUIM CARDOSO"

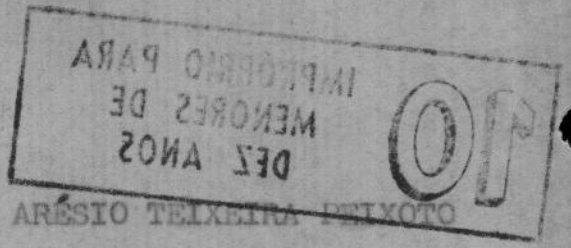
BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0040 1P. 144

ANTONIA BERENICE DANELON SÃO PAULO/SP

03 ABRIL 81

IMPRÓPRIO PARA MENORES DE 10 (DEZ) ANOS. O PRESENTE CERTIFICADO SÓ TERÁ VALIDADE ACOMPANHADO DO "SCRIPT" DEVIDAMENTE CARIMBADO PELA DCDP.

10 ABRIL 81



ARÉSIO TEIXEIRA PEIXOTO

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.0040,1p.145

MJ - DPF - DCDP - BSB
011221
RECEBIDO POR

SERVIÇO PÚBLICO FEDERAL

DEPARTAMENTO DE POLÍCIA FEDERAL - SR/RJ

Ofício nº 968/82/RJ Em, 09.11.82

Do: Chefe do Serviço de Censura de Diversões Públicas

Endereço: Av.Rodrigues Alves nº 1 - 3º andar

Ao: Srª Diretora da Divisão de Censura de Diversões Públicas

Assunto: Encaminhamento (faz)

Ref.Prot.: 011091/82/RJ - SCDP/SR/RJ - 24-09-82

Senhor Diretor:

Para fins de expedição de certificado definitivo, encaminho a V.Sª texto, pareceres e cópia do certificado / provisório nº .195/82/RJ..... da peça teatral ."O CORONEL DE MACAMBIRA "..... de JOAQUIM CARDOSO.....o exame foi requerido por ..LUCIVALDO IPIRANGA VEIGA MARTINS.....

Atenciosamente

HELIO GUERRERO
CHEFE DO SCDP/SR/RJ.

LRMA.

LG.

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0040 p. 146

SCDP / SR / DPF - RJ

Ilmº. Sr. Diretor da Divisão de Censura de Diversões Públicas

24 SET 1156 82 011091

RECEBIDO POR .....

Lucivaldo Ipiranga Veiga Martins
Requerente

Brasileiro, Ator
Nacionalidade, Profissão

Carteira de Identidade nº 1.195.675, I.F.P.
Expedido por

residente à Rua Padre Idelfonso Penalba 151/118

Meier, 20.000, —
Bairro, CEP, Tel.

vem mui respeitosamente, requerer a V.Sª., que se digne mandar examinar, de acôrdo com as normas censórias vigentes, a (s) Texto abaixo relacionada(s) de autoria de:
Espécie

Joaquim Cardoso

TÍTULO(S): "O coronel de Macambira"

N. Termos
P. Deferimento

Rio, 24 de Setembro de 1982.

Lucivaldo I. J. Martins
Requerente

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0040, p. 147

1 - EMPRESA OU GRUPO (Se houver)

Nome: Escravos de Job. CGC 30.659.304/0001-26

Sede Rua Padre Idelfonso Penalba 151/118

Diretor ou Responsável Lucivaldo Ipiranga Veiga Martins

2 - DADOS DO AUTOR

Nome Joaquim Cardoso

Pseudônimo _____ Filiação _____

Nacionalidade _____ Naturalidade _____

Data do nasc. _____ Identificação _____

Estado Civil _____

Profissão _____ Endereço _____

3 - Parceria

Nome _____

Pseudônimo _____ Filiação _____

Nacionalidade _____ Naturalidade _____

Data do nasc. _____ Identificação _____

Estado civil _____

Profissão _____ Endereço _____

4 - Parceria

Nome _____

Pseudônimo _____ Filiação _____

Nacionalidade _____ Naturalidade _____

Data do nasc. _____ Identificação _____

Estado civil _____

Profissão _____ Endereço _____

Declaro que a matéria a ser examinada nunca foi submetida à apreciação dessa DCPD (excetuando os pedidos de renovação de certificados ou de confronto de textos), assumindo inteira responsabilidade pelas informações aqui prestadas

Rio de Janeiro, 24 de Setembro de 1982.

Lucivaldo I. V. Martins

Assinatura

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0040 IP.148

SC/SR/DPF-RJ

Sociedade Brasileira de Autores Teatrais
Fundada em 27 de Setembro de 1917 — Reconhecida como de Utilidade Pública Federal pelo Dec. 4.092, de 4-8-1920
Filiada à Confederação Internacional das Sociedades de Autores e Compositores
Sede Av. Almirante Barroso, 97 - 3º andar — End. Teleg. SBAT-RIO
Rio de Janeiro — Brasil

RECEBIDO POR

Riom , 24 de Setembro de 19 82

Ilmo. Sr.
Chefe do Serviço de Censura de Diversões Públicas do Estado do Rio de Janeiro

Saudações atenciosas:

Com a presente, temos a satisfação de encaminhar a V.Sa. para fins de CENSURA, três cópias da peça

CORONEL DE MACAMBIRA

Original de JOAQUIM CARDOSO
Tradução de
Próxima apresentação de GRUPO ESCRAVOS DE JÓ
Teatro SESC DE MADUREIRA Cidade RIO DE JANEIRO
Estado RJ.-
A estréia está prevista para 30 de Outubro de 1982

Sem outro assunto, subscrevemo-nos com a devida consideração.

Pela SBAT,

SOCIEDADE BRASILEIRA DE AUTORES TEATRAIS SBAT

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0040, p. 149

GABRIELA

TEXTO

"O CORONEL DE MACAMBIRA"

DE

JOAQUIM CARDOSO

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0040 1p.150

Bumba meu boi! Bumba!
Cavalo marinho,
Vem que vem dançando
Bem devagarinho.

Cavalo marinho
De donde é que vem?
Das praias de longe?
Das terras de além?

Bumba meu boi! Bumba!
Que vem de chegar
Cavalo marinho
Das bandas do mar.

D. P. F. - SUPERINTENDÊNCIA R.J. CENSURA FEDERAL

CAPITÃO
Saibam todos os presentes
Que, para aqui enviado,
No meu cavalo marinho
Sou capitão bem montado.

Sou conde condecorado
Com a cruz do Tempo e do Ar,
Capitão de Altas Milícias,
Cavaleiro de Além Mar.

Venho aqui pela Justiça
O justo direito dar
Venho perseguir os fortes
E os fracos desagravar.

Sou conde condecorado
Senhor de grande solar
Comigo trago mandato
De tudo remediar.

Sou conde condecorado
Com a cruz do Tempo e do Ar
Sou comandante das nuvens
Errante no pelejar.

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.0040,p.152

CAPITÃO
Quem é este que vem
Mais forte que um arsenal?
Mais perveso que valente
Mais frio que um punhal?

Vem pela sombra do mato
Armado como um tenente;
É por trás que sempre atira
E ao fugir corre na frente.

Vem pela sombra do mato,
Tocaia na encruzilhada:
E a morte ronda os caminhos
Até raiar madrugada.

VALENTÃO
Vocês não sabem uqem sou?
Sou um homem do cangaço
Me chamam Chico Fulô;
Engulo balas de aço
Sem sentir nenhuma dor;
Grades de ferro espedaço
Sem fazer muito rumor;
E faço pouco e desfaço
De quem mais valente fôr.

CATIRINA
Mas se és assim tão forte
Porque te chamam...fulô...?

VALENTÃO
(sorri envaidecido)
Assim me tratam as mulheres...
Com elas sempre mantive
Relações sempre amorosas;
Mas os homens todos sabem
Que sou fulô venenosa:
Que embora Chico fulô
Uma vez com um só tiro,

D. P. F. - SUPERINTENDÊNCIA REGIONAL - CENSURA FEDERAL

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0040 p.152

Numa feira em Nazaré,
Por pouco mais que besteira,
Liquidei Pedro Garrucha
Matei Totonio Banzé
E Berto da Lambedeira.

(pauta)

Por minhas tantas façanhas
Ganhei prestígio e valor:
Fui jagunço muito tempo
No grupo do Nicanor
E hoje no serviço
Do seu coronel Nônô.

D. P. F. - SUPERINTENDÊNCIA REGIONAL - CENSURA FEDERAL

FAZENDEIRO PEQUENO
Desse mesmo coronel
É que me sinto afrontado
Foi ele quem me arruinou
E me fez mais desgraçado.
Mandou romper meu açude
Me deixou atrapalhado;
Uma vez quis destruir
Minha casa, meu roçado.
Agora manda um bandido.
A matar meu boi malhado.

VALENTÃO
(Olha de forma ameaçadora o fazendeiro):
De tanto atirar meu rifle
Já ficou descalibrado;
De cortar carne ruim
De muito cabra malvado
A minha faca peixeira
Ficou cega dos dois lados,
Que comigo não se meta
Quem quizer ir descansado.

BASTIÃO
Um valentão conheci
Na Fazenda Macambira;
Mas sua força era fraca...

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.0040,p.153

Numa luta que manteve
Perdeu a faca que tinha
E acabou mesmo levando
Uma surra de bainha:
- Bainha da própria faca.

VALENTÃO
(espia arrogante para Bastião e com ar de desprêzo):

Sou filho de Pernambuco
Lá das bandas de Carpina,
Da cana gosto do suco
Que tem nome Monjopina
Eduquei-me no trabuco
Matar gente é minha sina.

D. P. F. - SUPERINTENDÊNCIA REGIONAL - CENSURA FEDERAL

FAZENDEIRO PEQUENO

Nasci também nesta terra
Que o sol castiga e descora
- Terra de Joaquim Nabuco -
Homem de bem, homem certo
Que era muito diferente
Desses "nabucos" de agora.

VALENTÃO

Há muito que por aqui
Um "sanguezinho" não há;
Mas pelo jeito parece
Que as coisas vão melhorar,
Pois seu coronel Nônô
Acaba de me chamar.

Há de ser briga valente,
Com muito sangue de gente
Vai correr sangue de boi,
E ninguém há de sobrar
Para contar como foi.

BASTIÃO

Ora vejam que mucufa!

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0040, p. 154

Bebe fumos, valentias,
Mas só lorotas deságua;
Por isso digo: este tipo
Não passa de um caga-n'água.

CANTADEIRAS

Vem na frente o produtor
Logo após o economista
Mais atrás com o seu tambor
O sagaz propagandista.

Dizem que são justiceiros,
Produtores da abundância,
Na verdade são coveiros
No cemitério da infância.

D. P. F. - SUPERINTENDÊNCIA REGIONAL - BSB
CENSURA FEDERAL

De tamanhos produtores
Bem se conhece o produto:
Terras secas, gado morto
Gente faminta, de luto.

CAPITÃO

Mateus, Mateus vai saber
Quem são estes sambaquantes?

MATEUS

Meus senhores a que vindes?

PRODUTOR

Sou o grande produtor
De farinha e de algodão
Produtor de rapadura
De manteiga e requeijão;
Sou grande fornecedor
De carne Seca e Feijão.
Digo porém sem rebuços,
Aqui ninguém me embaraça
Sou produtor de cachaça
Esta é que dá dinheirão.

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0040,p.155

MATEUS

Ah! Bem se atina e se vê
Bem se vê que é malandrão.

PRODUTOR

Todos os seres viventes
Se mantêm por minha mão;
Sou aquele que produz
O que se vende e se come
O que se goza e se dorme
O que se gasta e consome.
Para alguém viver feliz
Precisa invocar meu nome
Só mesmo o tolo, o babão
É que se mata de fome.
Não medindo sacrifícios
Agora mesmo aqui estou
Para trazer benefícios
Às terras do seu Nônô;
E entrando logo em ação
Chamei um economista
(indica o economista)
Para estudar a região.

S. P. F. - SUPERINTENDÊNCIA REGIONAL - CENSURA FEDERAL

ECONOMISTA

Sou economista formado
Doutor em finas finanças
Doutor em leis matemáticas
E outras muitas lambanças;
Sei fazer cheuqes cruzados,
Abrir contas, dar fianças,
Sei fazer também descontos,
Hipotecas e cobranças;
Estudei muitos tratados
Vindos do país de França.

Os recursos desta terra
Medi em justas balanças
Consultei interessados
Ouvi muitos embuanças;

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0040, p. 156

E usando de uma política
Da melhor das vizinhanças
Aos homem destas paragens
Trago novas esperanças.

MATEUS

Se vem assim nessa rima
Vem é para encher a pança.

BASTIÃO

Não sei, Mateus, mas este homem
Parece aquele engenheiro
Que aqui esteve o ano passado:
- Dr. Sidonio Furtado.

S. O. P. F. - SUPERINTENDÊNCIA REGIONAL
CENSURA FEDERAL

MATEUS

Ele não era engenheiro
Também não era Furtado
- Os "furtados" somos nós.
De quem estamos falando
O nome certo, Bastião,
É Possidonio Furtando.

ECONOMISTA

Há aqui nesta região
Um famoso boi malhado
Por si só uma riqueza,
Pois daria, bem talhado,
Fortuna de uma grandeza
Como igual nunca se viu
Por toda essa redondeza.
Por meu saber é uqe afirmo
E disto tenho a certeza;
Só a carne do bicho, eu digo,
- E digo assim sem malícia, -
Traria a toda comarca
Alimentação vitalícia;
E do couro? Sim do couro
O que dizer, meus senhores,

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0040, p.157

Senão que o mesmo é um tesouro:
Couro malhado, bonito
Que faz o boi feiticeiro...
Cada malha bem vendida
Daria muito dinheiro.

E o esqueleto do boi? Ah!
Também afirmo e não erro
Que todo o seu esqueleto
É de minério de ferro;
Os cascos, a cauda são coisas
Ricas.

BASTIÃO

E os chifres, patrão,
De que são?

ECONOMISTA

Já foram de ouro
Já foram de prata, mas hoje,
Se a coisa bem se relata
São de pedra preciosas
Que já estamos vendendo
Aos nossos amigos. Ainda bem...

Enfim...silêncio! cuidado!
Falar nisto não convém.

BASTIÃO

Ouro, prata, diamante!
Que chifres tão gloriosos!
Quando nada mais valerem
Ainda serão famosos,
Pois ficarão, com certeza
Como belos ornamentos,
Como emblema da fuzarca
Na sede do grande clube
Dos maridos de bom gênio
Que moram nesta comarca.

D. P. F. SUPERINTENDÊNCIA REGIONAL - RJ CENSURA FEDERAL

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.0040,1p.158

ECONOMISTA

Fiz assim sobre esse boi
Um grande planejamento
Tudo está equacionado
Com muito discernimento:
E desta exata equação
Até o próprio jumento
Encontrará solução;
As vantagens que apresento
Nessa grande promoção
Nosso bom propagandista
Explicará num monento.

PROPAGANDISTA
(falando de um modo arrastador, lento e cantado, na fonética usual do interior do Nordeste):

Planejamento bem bom!
Viu! Para os agricultores...

TODOS

O que? O Coronel Nônô de Macambira!

TODOS

Oh! Mas é seu Nêzinho da Coletoria!

TODOS
(rindo):

AH! Ah! Ah! Zé Pinga Fogo, o maestro da charanga!

PADRE

Vim fazer o casamento
De Catirina e Mateus
De hoje em diante que vivam
Na graças da lei de Deus;
Por seu coronel Nônô
Eu estou autorizado:
- Em suas terras, me disse,
Ninguém mais vive amigado.

3R DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0040, p. 159

CATIRINA

A casar não me recuso
É mesmo a minha tenção
Mas é um padre de preto
De que tenho precisão.
O padre muda a batina,
Está sentindo calor?
Eu sou negra, negra fico
Não posso mudar de cor.

SUPERINTENDÊNCIA REGIONAL - D. P. F. - CENSURA FEDERAL

MATEUS

Jesus morreu no Calvário
Depois de grande paixão;
O seu vigário tem medo
De morrer de insolação.

PADRE

Você tem razão Mateus
E você também Catirina,
Padre de preto é que é padre
Devo mudar de batina.

CATIRINA

Mesmo assim, padre, preciso
Arranjar os meus papéis
O que de certo me força
A gastar muitos mil réis;
Minha mãe é de Salgueiro
Meu pai não sei donde é;
Vou gastar muito dinheiro
Para saber se o meu nome
É Antonio, Pedro ou José.

PADRE

Sim, sim, tem toda a razão
E digo mais, ainda mais
É preciso confessar-se;
Para cumprir, minha filha,

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0040,p.160

Os deveres conjugais
Precisa purificar-se

CATIRINA
(indecisa faz gesto vago para detê-lo):

Mas...seu padre...

PADRE

Heim! que quer?

CATIRINA

Seu padre espere...um momento...
Queria que me dissesse:
Quanto custa um casamento?

PADRE

Um casamento completo
Com sinos, flores e velas
Tudo distinto e correto
Tudo rico, tudo pronto
Para o efeito mais raro
Agora custa dois contos.

CATIRINA

Dois contos? Como é caro!

PADRE

Mas, Catirina, convenha,
Hoje tudo encareceu:
O vinho, o óleo estão caros,
O preço como cresceu
Das grandes velas de cera!
O incenso então, nem se fala!
E o salário que aumentou
Do sacristão? E o menino
Sineiro que agora mesmo
Me pediu mais um tostão
Por badalada de sino?

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.0040, P. 161

CATIRINA

E não há um casamento
Mais barato, seu vigário?

PADRE

Não. Mas você, Catirina,
Pode casar no crediário.

MATEUS

A igreja pelo que vejo
Também se modernizou
Tornou-se mais camarada
Mais simples e mais amiga.

BASTIÃO

Se é crediário, Mateus.
A coisa já está no Credo
É portanto coisa antiga;
E é caso certo, notório.
Que antes de ao céu chegarem
As almas ficam pagando
Prestações no purgatório.

CATIRINA
(estranhando as palavras do padre):

E é preciso fiador?

PADRE

Entre nós não é necessário...
Pois você e Mateus tem crédito
Grande na minha paróquia,
Apenas faço a exigência
De ser entre nós lavrado
Contrato em que me garantam
Mais de quinze batizados.

CATIRINA

Preciso pensar um pouco...

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0040 (P. 462

PADRE

Pense com calma, reflita,
Eu voltarei no outro dia.

PADRE

Depois voltarei...depois

PADRE

Depois...

CAPITÃO

Mateus, há algum tempo já
Que venho presenciando:
Para lá e para cá
Há um camafonge passando.
Vai perguntar de onde veio?
E que vem fazer aqui?

SUPERINTEND. - D. P. F. - CENSURA FEDERAL

CANTADEIRAS

Mas é seu Tenório
Bicheiro da Vila
Com o seu criatório

Esperto e finório
Trazendo seus bichos
Aí está seu Tenório

Agora o casório
Mateus-Catirina
- Um par de simplórios

Não é mais ilusório
Trazendo seus bichos
Aí está seu Tenório

MATEUS

Você disse seu Tenório
Que tinha um jogo infalível:
Duas dezenas dobradas,

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0040 IP.163

Uma centena invertida,
E mais um milhar por cima...
De tal maneira que o grupo
Ficava todo cercado;
Um jogo mesmo certinho
Que dava certo na certa.

BICHEIRO

Sim é verdade que tenho
Mas que bicho uqer você
Cercar, seu Maters?

MATEUS

O touro.

BICHEIRO

O touro? Não pode ser...
Está muito carregado
Desde que correu notícia
Acêrca do boi malhado...
O senhor sabe...

MATEUS

E na vaca?

BICHEIRO

Na vaca também, amigo,
O jogo já está fechado
Creio mesmo, se na lista
Houvesse também novilha
Estaria certo esgotada
Por ser da mesma família.
Pois é tão grande a esperança
Em acerta desta gente
Que todo mundo fez fé
No boi e nos seus parentes.

MATEUS

E no avestruz pode ser?

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.0040,p.164

BICHEIRO

No avestruz? ora, não pode:
E pela mesma razão

MATEUS

Como assim?

BICHEIRO

Pois, seu Mateus,
O avestruz é primo-irmão
Da ema. E esta, você sabe,
Neste boi entra em função;
Muita gente, então, usou
Por tabela o bom palpite:
Que é mesmo o do boi malhado
Sem menor contestação.

CATIRINA
(vai para o bicheiro e o empurra):

Bicheiro besta, a verdade
É que você prendeu a vaca
Nunca mais que a vaca deu
Traz-ante-ontem tive um sonho
Que me fez acreditar
Em ganhar boa bolada
Nesse jogo

BICHEIRO

Mas o que?
E em que sonhou minha flor?

MATEUS
(olhando desconfiado o bicheiro, e à socapa):

Este cabra é meio afoito

CATIRINA

Uma vaca que pastava
Por um campo de repolho
Em sonho foi o que vi,

BR DFANBSB NS.CPR.TEA PTE.0040,p.165

Joguei na vaca na certa
Joguei na vaca e... perdi.

BICHEIRO

E que bicho deu, minha bela?

MATEUS
(aproximando-se do bicheiro e aperta-lhe em braço):

É melhor conter a boca.

CATIRINA

O bicho que deu foi coelho.

CANTADEIRAS

O avião, o avião, o avião caiu
Uma luz no céu passar eu vi
O avião, o avião, o avião caiu
Na serra de Comunati.

Ouvi passar Rasga-Mortalha
Ouvi cantar Pitiguari
O avião, o avião, o avião caiu
Na serra de Comunati.

AVIADOR

Fatalidade - uma flor
Que abriu no céu de repente;
Fatalidade - uma fruta
Da qual eu fui a semente;
Semente verde, semente
Para o nascer imatura
Trazendo aos ares desertos
Ramagens de desventura,
Lançando no solo frio
Raízes de morte escura;
Pelas chuvas e os serenos
De um outono de amargura
Corpos-folhas decepadas
Caídos na terra dura.

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0040, p. 166

Fatalidade - uma flor
Que abriu no céu de repente,
Fatalidade - uma fruta
Da qual eu fui semente;
Semente verde, semente
Para o nascer prematura.

CANTADEIRAS

Minha flor, minha ternira
Meu jardim de malmequeres
Meu jardim de paquiviras
Teu silêncio se estendeu
Nas folhas das macambiras.
Canário, canário branco
Canário branco

Teu rosto ficou ferido
Teu coração ficou preso
Dos gravatás nos espinhos
Tua voz se transformou
No canto de um passarinho

Canário, canário branco
Canário branco

Teu corpo se converteu
Na sombra de um ramo seco;
Ramo simples de favela
Aonde rompeu as asas
A canarinha amarela.

Canário, canário branco
canário branco.

CANTADEIRAS

Eis a sombra que restou
Da bela fronde primeira
Quando em sombras desfolhada
Arrastada pelo vento
Se perdeu na ribanceira

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0040, p. 167

Canário, canário branco
Canário branco.

CAPITÃO

Quem és? De onde vens?

AEROMOÇA

Diante de vós eu sou
Uma forma constelada
Diante de vós, agora
Falo com a voz queimada
Deixei as graças da terra
Naquela terrível prova
Agora nos céus longínquos
Sou filha da lua nova

Sou filha da lua nova
Sou irmã da estrela d'Alva
Navegando pelos ares
Numa noite cor de malva;
Da morte que não temi
Para sempre estarei salva
Sou filha da lua nova
Sou irmã da estrela d'Alva.
As asas que ali caíram
Foram asas que me deram
Minhas asas verdadeiras
As que comigo vieram
No chão rasteiro e sem fim
Jamais poderão cair
São as asas da esperança
De um futuro que há de vir.

Pastora sou de pastores
Baliza dos ventos frios
Pastora sou de aeronaves
Farol guiando os navios
Que, aos portos de Além do Além
Levam seu porões vazios
Pastora sou de aeronaves

D. P. F. - CENSURA FEDERAL - SUPERINTENDÊNCIA REGIONAL - RJ

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0040, p. 168

Baliza dos ventos frios.

CANTADEIRAS

Jardim do céu, do céu
Rosa branca, rosa breve
Jardim de plantas de nuve
Jardim de nuvens de neves
Jardim do céu, do céu
Jardim do céu.

Jardim do céu, do céu
Jardim do céu.

CAPITÃO

Escutem, escutem. Não
Estão ouvindo um rumor?
Um rumor de passos distantes?

BASTIÃO

Ah! Sim, sim, estou ouvindo
Um rumor muito apagado,
E o rumor da terra girando,
Rumor do tempo voando...

E uma semente que estala
E a terra em torno levanta
Já toda se preparando
Para se erguer numa planta.

CAPITÃO

Como?

BASTIÃO

Não, não é bem isto...
É coisa mais parecida
Com uma roda rodando...
Roda d'água de banguê
- Uma distante moenda
Que gira não sei porque...

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.0040,p.169

E coisa assim parecida
Com uma serra que vai
Serrando - Uma velha serra
Serrando capim de planta
Pra todo o gado comer...

Hum! Que é isto? Estão falando
Estou ouvindo, mas é
Como se estivesse vendo.
Três poetas discutindo
Na venda de seu Lacerda...
E um deles muito zangado
Aos outros mandando a merda...

BASTIÃO

Agora...agora...

Ih! Ah!
Ouço ruido de espirros
E de eruditos pigarros;
E um Deputado tossindo:
Tosse de grandes catarros,
Mas quanta demagogia
Em seus ilustres esgarros!

BASTIÃO

Ah! Ah!.Ah! Ah! Ah!

Depois de lauto jantar
Em que se esteve fartando
Ouço que alguém se alivia
É um padre gordo... arrotando

CAPITÃO

Mas não é isto, não é,
São passos de alguém que está
Daqui a se aproximar.

MATEUS

Oh! Bastião, Bastião

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0040, p. L 70

Não é nessa direção
Que você deve escutar...

BASTIÃO

Ah! Agora sim, ouço bem...
Ouço um menino chorando
E uma voz muito mansinha
O menino acalentando;
Uma velhinha, coitada
Muito longe está rezando...
E um passarinho com frio
A companheira chamando.

CAPITÃO

Mas seu bobo, nada disso
Rumor de passos é que é.

BASTIÃO

E um boi que vem. Parece...
Parece um boi caminhando
Vem cansado, tropeçando
Com as pedras do caminho;
Tresmalhado da boiada
Vem desgarrado, Sozinho...

Ah! É mesmo, até que enfim...
E mesmo rumor de passos

Ah! é o país, é o país
Que vem!

MATEUS

O país? Que país?

BASTIÃO

O Brasil! O nosso Brasil!
Vem cansado, tropeçando,
Com as pedras do caminho.

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.0040/p.67L

CANTADEIRAS

Marchando vem pela estrada
Batendo as botas reiúnas
O soldado
O soldado
O soldado da coluna.

Avançando pela estrada
Sob o sol e sob as chuvas
Marchou muitas, muitas léguas
E venceu em Catanduvas.

Marchando vem pela estrada
Batendo as botas reiúnas
O soldado
O soldado
O soldado da coluna.

S. P. F. - SUPERINTENDÊNCIA REGIONAL

O SOLDADO

Eu era um soldado raso
Eu era um simples candango
Um capiau, um corumba...
Menino fui batisado
Num terreiro de macumba;
Cheguei às sombras eternas
Como defunto sem missa
Sem pedra na catacumba

(pausa)

Nessas paisagens que andei
Pelas estradas do mundo
Em meio das multidões
De pobres e vagabundos
Reinavam grandes silêncios...
Mas dos silêncios no fundo
Havia pontos de som;
Em cada silêncio havia
Havia sons diminutos
Que somados uma voz
Faziam. Essa voz ouvi...

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0040, p. 172

MATEUS

Essa voz!

SOLDADO

Nas trevas do entendimento,
Da escuridão da miséria
Nas sombras ainda há luz,
Perdidas no seio escuro
Há partículas de luz
Que logo bem reunidas
Ficam nos ares formando
Uma grande claridade:
Essa claridade eu vi...

BASTIÃO

Essa claridade!

SOLDADO

No canto, nas alegrias
Da gente pobre do povo
Há parcelas de cor viva
Que se juntam e se compõem
Em grande dor coletiva:
Essa grande dor senti...

CATIRINA

Essa grande dor!

SOLDADO

Na marcha do meu destino
Pelo fogo fulminado
Há muito faça e refaço
Meu caminhar sublimado.
Subindo sinto um caminho
Preso, pesando em meus pés...
Descendo cresço nas águas
De indefinidas marés;
Subindo me prendem raízes

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.0040,P.173

Sabiá da mata, sabiá
Sabiá gongá

Oh! minha araponga
Ferreiro deste sertão
Teu canto bate na serra
Responde o meu coração.

Sabiá da mata, sabiá
Sabiá gongá

Cantadores do Nordeste
Cantando ao som do baião
Galopes a beira-mar
E os oito pés do quadrão

Sabiá da mata, sabiá
Sabiá gongá

Cantando vamos ao longe
Pela estrada do sertão
Cantando, vamos cantando
Salvar o boi e a nação.

Sabiá da mata, sabiá
Sabiá gongá.

CAPITÃO

Bem. Parece que chegamos
Às terras do seu Nônô:
Mas a noite é densa, escura,
Escura de fazer pavor.

MATEUS

Toda a escuridão se move
Como se viva estivesse,
Como se negros fantasmas
Do chão da morte viessem.

CATIRINA

E nessa treva agitada

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0040 1p. L74

Passam clarões; fogo móvel
Na sombra saltando está:
São luzes de cemitério...
E o fogo do Boitatá

MATEUS

Avançar mais, não devemos
Pois já saimos da trilha
Que a todos nós dirigia.

CAPITÃO

Junto a esta cerca fiquemos
Não deve tardar o dia

CANTADEIRA

São muitas horas da noite
São horas do Lacurau
Jaguara avança dançando
Dançam caipora e babau

uauau, uauau, uauau

Festa do medo e do espanto,
De assombrações um sarau;
Furando o tronco da noite
Um bico de pica-pau

uauau, uauau, uauau

Andam feitiços no ar
De um feitiçeiro marau,
Mandigas e coisas feitas
Do xangô de Nicolau.

óó áâôô aôau

"Medo da noite" escondido
Nos galhos de um pé de pau
A toda dança acompanha,
Tocando o seu berimbau.

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0040, p.175

Um caçador esquecido
Que espreita de alto girau
Não vê cotia, nem paca,
Só vê jaguara e babau

aôô ô uau ouau

"Medo da noite": caveira
Na ponta de um varapau;
Há um pio longo agourento:
E mãe da lua: urutau.

uauau, uauau, uauau

Junto da grande coité
Onde prepara um mingau
Mexe e remexe, mexendo
A sombra de um galalau...

hô hô hu huaoaouaa

E um braço morto, invisível
Atira n'água um calhau:
As águas giram seus discos
Até o funil de um perau

uuuuuuuuuuôôôuauuau

Finge que fuma e defuma
Fumando o seu catimbau
"Medo da noite" com o rosto
Pintado de clorau

uau uau auau

Numa cangalha navegam
Como se fosse uma nau,
E içando as velas: mortalhas,
Passam jaguara e babau.

hô hó hó ho hauuau

Montando um porco do mato
Como se fosse um quartau
Caipora vai perseguindo
O jacaré ururau.

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0040, p 176

uau uau hu hu hõ uau

Alguém soluça e lamenta
Todo este mundo tão mau,
Bicando a sombra da noite
Pinica o pinicapau

uuuouauuaaau

Alguém no rio agoniza
No rio que não dá vau
Alguém na sombra noturna
Morreu no fundo perau

hôôôôôô u hu au...

CAPITÃO

Amanhece o dia. Mas
Não se ouve o galo cantar.

BASTIÃO

Os moradores da terra
De certo os galos comeram;
- Os galos grandes, de guerra..
Seus cantos não mais romperam
As manhãs que andam no ar.

MATEUS

Canto de galo indistinto
No fundo dessas lonjuras,
Seria uma luz cantando,
Seria uma voz louvando
O verde que vem surgindo
De dentro da noite escura.

BASTIÃO

E o canto com certeza
Dos galos do seu Nônô

MATEUS

E o canto da siriema.

D.P.F. SUPERINTENDÊNCIA CENSURA FEDERAL

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.0040, P.177

CAPITÃO

E um canto isto? é um canto?
E mais um grito de espanto
Grito de morte espreitando
Na entressombra de uma dor.

ENGENHEIRO

Ver a baliza, procuro
Procuro a luz e não acho
Nada vejo, Tudo escuro!
Parece que anoiteceu
De repente.

Oh! Que diacho!

Eis aqui a linha certa
Delimitando as fazendas
- A linha definidora,
A linha que, de uma vez,
Vai liquidar a contenda;
Linha que, comprovadora,
Será traçada em papel
De desenho: deste lado

As terras do Zé Pequeno
Deste outro as do coronel

Mas... que é que há? um momento!
A linha passa por cima
Da casa do Zé Pequeno!

ZÉ PEQUENO

Como é isto? Está visando
O marco?

ENGENHEIRO

De certo... a linha
Vai mesmo na direção
Do marco, que está por baixo
Da grande caraibeira.

D. P. F. - SUPERINTENDÊNCIA REGIONAL - CENSURA FEDERAL

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.0040,ip.178

ZÉ PEQUENO

Caraibeira? É impossível!
Pois o marco é o da ladeira
Ali defronte (indica) no bico
Da serra; ali é que ele está
Por baixo do pé de angico.

BASTIÃO

Mas é que o marco esta noite
Criou asas e voou
E depois de um baixo vôo
Em outro lugar pousou:
Embaixo da caraibeira,
Como aqui diz o doutor.

A linha passa por cima
Da casa do Zé Pequeno...
A linha pass... Penetra
Pela janela do quarto
De dormir, passa por cima
Da cama do seu Pequeno;
Exatamente entre os dois:
Entre marido e mulher.

BASTIÃO

A linha passa entre os dois:
Zé Pequeno e Dona Inez
Ficam assim separados
Com todo valor legal,
E esta é a primeira vez
Que um engenheiro promove
O divórcio de um casal.

ZÉ PEQUENO

Não fosse perder a terra,
Tanta terra por sinal,
Ficar livre dessa velha
Até não seria mal.

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0040, p. 179

ENGENHEIRO

Ah! Ah! agora descubro
O meu erro; já de início
Eu vinha desconfiando
Do jeito daquele marco.

Qual marco, nem meio marco!
Me enganei nessa visada!
Ora, ali está, um engenheiro
De experiência afamada,
Que sempre correto foi,

E nunca fez marmelada.
Tomar por marco uma pedra
Uma simples pedra pousada
Ao pé da caraibeira!
Devo agir com mais cuidado...
Não cometer outra asneira.

D. P. F. - SUPERINTENDÊNCIA REGIONAL
CENSURA FEDERAL

CORONEL

Que grande patifaria!
Que grande trampolinagem!
Não estivesse eu alerta
Cairia na esparrela:
Isto é coisa, isto é serviço
Que se faça, seu gamela?

ENGENHEIRO

Alto lá! Gamela não!
Engenheiro diplomado,
E, em marcações de divisas,
Técnico especializado.
Nem mais alta e mais precisa
Topografia se fez
No mundo, como esta minha:
Segura, certa, concisa,
Com tangências e com linhas,
Visadas, contravisadas,
Chegando aos pontos de mira
Como vão as andorinhas,

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.0040,pp.180

Mais velozes do que o vento,
A pousar nas altas torres
Nas torres dos campanarios,
Nas rodas dos cataventos.

BASTIÃO

Agora sim, seu Pequeno
Todo o curral, todo o gado
Da fazenda Macambira
Já passou para seu lado,
Só falta a marca da lei,
Só falta o papel selado...
Todo o curral, tudo,tudo...
Até o cavalo caxito,
Até o porco barrão
Que é muito da estimação
Do coronel...

ENGENHEIRO

Não. Não sei
Onde é que tenho a cabeça!
Como é que errei novamente
A mim mesmo não me explico:
Por que cargas d'água eu vi
Que o marco estava fincado
Embaixo do pé de angico?
Suponho que este instrumento
Tem é belide na lente
E tem um véu, um defeito
Como de um olho doente...
Vamos ver se agora acerto.

O GRUPO DO ZÉ PEQUENO

O marco está lá... está lá!
Debeixo do pé de angico
Do outro lado, na ladeira.

O GRUPO DO CORONEL

E lá... é lá que está o marco!

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0040,p.181

É lá mesmo na sombra
Da grande caraibeira...

ENGENHEIRO

O marco não está aqui
Nem ali, nem acolá!
Não está na céu, nem na terra
Nem nas águas, nem no ar...
O marco vôa e revôa,
Gira como um carrocel,
Também oscila e vacila
Como balança infiel.

O marco vôou de novo
Fugiu deste chão maldito;
Agora está muito longe
Nas regiões do infinito.

O RETIRANTE

Não tenho pátria, nem glória...
Embora - sinal de fome -
Nas páginas secas da história
Haja o meu nome e renome.

MATEUS

Como é que vens acabado
Velho amigo, meu irmão
Há tanto tempo largado
Pela sendas do sertão.

RETIRANTE

Sou, de acabado, tão pouco...
A pouco estou reduzido,
Ouve cantar galo rouco
Meu coração comovido...

(pausa)

Sou uma sombra sem corpo,
Sou um rosto sem pessoa.

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0040 ip.182

Um vento sem ar soprando,
Sem som, um canto, uma lôa.

Nem palavras definem
O meu tão grande vazio,
Todo o gesto que me exprime
Todo o meu gesto é bailio.

Todo o ardor que em mim renasce
Se extingue com um asnovio...
Em mim não há claridades
Sou, apagado, um pavio.

O tecido que me veste
Não tem trama, nem cadeia,
Meus passos são muito leves
Não deixam marca na areia.

Meu andar é curto e breve
Mas contém a vastidão
Como é leve o que me pesa
Meu ausente matulão.

Perto vou, [illegible]
Vou junto, mas vou sozinho
Em sombra: burel de monge
Caminho meu descaminho.

MATEUS

Quanto há daqui saíste!
Quanto tempo demoraste!
Agora amigo me conte
Me diga, por onde andaste?

RETIRANTE

A muitos anos daqui
Passei na Pedra Bonita
E assisti uns homens santos
Procurando o desencanto
De el-rei Dom Sebastião:
Sangue manso de meninos
Sobre a pedra derramavam,
Pois assim conseguiriam

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0040, p. 183

Do rei a ressurreição,
Que a todos enfim traria
Para sempre a salvação.
O sangue desses meninos
Em sangue se tornaria
Daquele bom soberano
De tão puro coração!

(pausa)

Cheguei a ver, sim, eu vi...
Vi sobre o espelho da pedra,
Em linhas vagas, incertas
O seu rosto que surgia.
Vi as suas mãos tão brancas
Aparecendo. Mas ah!
Nas horas daquele dia
O sangue não foi bastante
E logo foram sumindo
As linhas do seu semblante.
Nas águas duras da pedra
Afundaram as feições
Do seu rosto triste, exangüe,

SUPERINTENDÊNCIA REGIONAL-RJ - D. P. F. - MJ
CENSURA FEDERAL

MATEUS

E teus filhos pequeninos
Também tiveram o seu sangue
Derramado?

RETIRANTE

Sim, tiveram...
No do rei voltará um dia.

BASTIÃO

E o teu? o teu, porque não deste?

RETIRANTE

O meu? Ah! Não serviria.

(pausa)

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0040, p. 184

RETIRANTE

E muitos anos passaram...
E havia tristeza em tudo,
Quando fui desse deserto
Pelos grandes descampados
Seguindo roteiro certo
Na direção de Canudos.
Quando fui pelos sertões
Para ouvir as pregações
De Antonio Conselheiro.

Quando no arraial entrei
Era dia de Sant'Ana,
Na igreja nova rezei
Na guerra injusta lutei
Por todas as desventuras
Que em minha vida encontrei.

Volvi com o rosto marcado
De duas marcas de chama:
- Duas vivas queimaduras.

MATEUS

De que fogo, de que brasa
Duas vezes te queimaste:
- Calor de campina rasa?
- Dor aguda que apanhaste?

RETIRANTE

E muitos anso passaram...
E em todos eles andei
Em provações desiguais,
Mas, encontrei no caminho
Alguns amigos leais:
Meu padrinho padre Cícero
No crato e no Juazeiro.
O bacharel Santa Cruz
Na Alagoa do Monteiro,
E o coronel Zé Pereira
Na cidade de Princesa

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.0040, p. 185

Agora não tenho pouso.
Guardei minha cartucheira,
Guardei meu chapéu de couro,
Meu rifle deixei de lado:
Rifle do papo amarelo
Que sempre foi meu tesouro.
Guardei tudo e fui-me embora;
Conheci terras de Minas,
Longes terras de Goiás
Percorri todo o São Paulo
Andei nos campos gerais;
Vi Salvador da Bahia
Seu grande presepe armar
E vi dos morros de Olinda
A pavonada do mar.

(pausa)

Agora, também amigo
Tenho que ir. Já é hora,
Chamando estão os caminhos
Meu destino é caminhar.
Adeus... Adeus... Vou-me embora.

MATEUS

Quando outra vez, meu irmão,
Por aqui há de passar?

RETIRANTE

Quando D. Sebastião
Voltar.

E flores singelas
Nasceram ao seu olhar

Quando os senhores da vida
Abrindo as suas janelas
Virem marchar os mucambos
Virem descer as favelas.

O CAPITÃO

Está salvo o boi! Salvo!

D.P.F. SUPERINTENDÊNCIA REGIONAL CENSURA FEDERAL

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.0040 IP.L86

MATEUS, CATIRINA, BASTIÃO

Salvo! Está salvo o boi.

CAPITÃO

Hoje é a Noite de Festa!
Hoje é a Missa do Galo!
O boi salvo irá conosco
Dançar na feira. Salvo!
Mateus! Mateus! Vai buscá-lo,
Do curral pode trazê-lo;
Todos nós desejaremos
Passar a mão no seu pelo;
Dançando vamos levá-lo,
Dançando queremos vê-lo.

TODOS

Como foi? Como foi? De onde
Vieram os tiros? De onde?

CAPITÃO

Corram. Busquem o assassino;
Deve estar por trás das árvores.

CATIRINA

Um doutor! Um doutor! Chamem
Um doutor!

CANTADEIRAS

Vem o doutor, vem trazendo
Sua seringa na mão;
E às vezes, mesmo, benzendo
Quando não há salvação.

Ai! Doutor!
Ai! Doutor!

Pastilhas, pós e pomadas,
Emplasto, unguento e xarope,
Tantas mezinhas usadas
Que a morte foge a galope.

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0040, p. 187

Ai! Doutor!
Ai! Doutor!

Cura os que vão pela vida
Das tripas desarranjados
Cura a espinhela caída
A cafifa e o mau-olhado!

Ai! Doutor!
Ai! Doutor!

CATIRINA

Mas é um show de doutor!

O DOUTOR

O boi está morto ou vivo?
Como dizer? Neste mundo
Tudo é muito relativo,
Parece morto...

No funod
Porém está vivo, Bem...
Vou descobrir a razão
Por que da vida cativo
O boi ainda está... ou não?

Ou, se para bem morrer
Precisa de um bom motivo.
Antes, porém, me apresento
Num gesto simples e breve:
Doutor Cicudo Coruja
Cirurgião de mão leve.

BASTIÃO

Quer dizer, mais simplesmente,
Que opera como quem rouba;
Podia ser de outro tipo,
Hoje em dia mais freqüente,
Cirurgião de mão boba.

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.0040(P.188

DOUTOR

Também previno e advirto
Para o bem-estar geral:
Cuidado tenham, cuidado
Com aqueles que praticam
A medicina ilegal,

No mais justo objetivo
De evitar o grande mal
De tantas charlatanices,
Empreguei na ciência médica
Organização Vertical.
Vou dizer sumariamente
Em que consta este ideal:
Servindo à comunidade
Dentro dos mais são princípios,
Dispondo de consultório
E de hospital bem montados.
Nos quais dirijo e executo
Serviços especializados
No domínio operatório.

Para não ser explorado
Pela ganância, e o abuso
Evitar de desonestos
Fabricantes de remédios,
Com perfeição realizo
Num grande laboratório
As drogas de que preciso.

Tenho ali bem intalados
Bancos de sangue e de córneas,
Tão úteis à medicina
Sem dúvida. Mesmo agora
Criei um banco a que dei
O nome de Celestina;
- Uma homenagem se vê
A tão ilustre senhora.

CATIRINA

À minha madrinha, Dono

SUPERINTENDÊNCIA REGIONAL - D. P. F. - 1ª REGIÃO
CENSURA FEDERAL

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.0040.P.189

Celestina de "Curango"
Benzó Deus, que ela merece!

DOUTOR

Um banco novo, moderno
Onde conservo membranas
Destinadas a consertos
Prementes e necessários,
Trazendo alívio às belas
Meninas desprevenidas,
Visando tranquilizar
As descuidadas donzelas.

BASTIÃO

Cá para mim este banco
Muito em breve há de falir;
- Por muito tempo não dura,
Pois esta mercadoria
Já não tem muita procura.

D. P. F. - SUPERINTENDÊNCIA REGIONAL - CENSURA FEDERAL

DOUTOR

Para não haver dispêndio
De tempo, de espaço e, ainda,
Não cometer certos erros,
Tenho casas funerárias
Onde contrato os enterros
Modestos ou suntuarios
Mais adequados aos enfermos
Que morrerem. Lá resolvo
O negócio com lisura,
Com o máximo critério.

E... vendo também baratos
Terrenos no cemitério...

BASTIÃO

Doutor o seu cudo possui
Realmente uma perfeita,
Completa organização

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.0040,p.190

De exploração vertical.
Quem entra nela... Quem entra...
Sai sempre na horinzontal!

DOUTOR

Mantenho ainda um convênio
Com algumas sacristias
Que me dá direito pleno,
Direito de encomendar
Missas de sétimo dia.

O ventre está timpanoso,
Rumoroso, cavernoso...
Por muitos peidos retidos,
E antigas hidropisias;
O boi deve ter comido
Muito capim venenoso.

As tripas estão fanhosas
E um tanto descalibradas,
Como um velho mosquetão;
Soando choucho e rachado
Como corneta talhada
Num canudo de mamão

Precisamos extraí-las.

O buxo se acha inflamado
Em consequência do esforço,
Do grande esforço empregado
Nos arrotos que encalhavam
Nas vias indigestivas;

Ou de angústias provocadas
Pelos gazes incombustos
De indegestões recessivas.
- Muito melhor se dirá,
Em linguagem escorreita:
O boi sofreu desde a infância
Muitas sedes corrosivas
E fomes insatisfeitas.

O buxo sem mais demora
Temos também que tirá-lo

SUPERINTENDÊNCIA DO PATRIMÔNIO HISTÓRICO E ARTÍSTICO NACIONAL - D. P. F. - CENSURA FEDERAL

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.0040, p. 191

E o baço? Vejamos o baço...
- Ou a passarinha, se querem -
Hum!... Está mesmo um bagaço,
Fôfo, mole, oco, vazio,
Como rolete chupado
De cana sarangó.

Tsiuh!

Silêncio! O boi está mal;
Seu grande mal evolui
Em escala descendente
Das vias respiratórias
Às vias mais indecentes
Do aparelho

DOUTOR

O bofe!... Disto estava eu
A espera... é um velho órgão
Com perturbações asmáticas,
Oriundas de catarros
Mal curados; resfolega
Como um fole de ferreiro,
Como a harmônica de um cego
Pedindo esmola na feira.

(pausa)

Baço, bofe, rim, as tripas,
Dobradas e dobradinhas,
Tudo a ser retirado!...

BASTIÃO

Este doutor, certamente
Antes de entrar nos estudos
Teve vida diferente:
Negociou com fressuras,
Foi vendedor de "miúdos".

DOUTOR

Há outra coisa, no entanto,
Que já não trazem mais cuidado

D. P. F. - SUPERINTENDÊNCIA REGIONAL - CENSURA FEDERAL

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0040, p. 192

Por exemplo este tremores
São evidentes seqüela
De muito antiga espinhela
Caída, e este agitar de cauda

Vem demonstrar em resumo
Que o boi está com o cú
Já meio fora do prumo.

Agora é preciso ver
Como anda o coração;
Ih! Ih! como está batendo
Descompassado! Vai lá!

Vai cá. Bateu aqui...aqui
Saltando como um cabrito;
Parece uma moenda
Trambolhada. O coração
Deste boi não vale mais
Nada. Quanto antes... Quanto antes
É preciso retirá-lo.

CAPITÃO

Mas o boi pode viver
Sem coração?

DOUTOR

Poderá...
Como não? Poderá sim
Sim. Nada mais natural;
Eu tenho um medicamento
Feito em meu laboratório
Que é justamente um portento
Nestes casos. Uma vez
A víscera extraída
No local se aplica a droga
Com precauções especiais...
Ela prodigiosamente
Faz crescer novamente
O coração.

D. P. F. - SUPERINTENDÊNCIA REGIONAL - CENSURA FEDERAL

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.0040,p.193

BASTIÃO

Tal e qual
A pomada descoberta
Por Zequinha Cafuné,
Com a qual sempre explorou
A sua boiada em pé;
Pois dos bois quanto tirava
Crescia sempre o filé

MATEUS

Não entendo, Bastião
Como isto pode ser.

BASTIÃO

Muito simples. Cafuné
Não mata o boi. Dos seus bois
Apenas "colhe" o filé,
Que renasce em breve tempo
Com o aplicar da pomada
Milagrosa como é.

DOUTOR

Da droga prodigiosa
Eu mesmo
Vou ler a bula.

Senhores
A iso-necro-cardizina
É um preparo obtido
Pela estrita aplicação
Dos mais secretos humores,
Que já nas "artes antigas",
A iso-necro-cardizina
Ligada aos resultados
Das mais recentes pesquisas
De Mandrake e de Popeye...
Tem vínculos muito estreitoa
Com a aruspicina menor
A Piromancia satânica
E a necromancia maior.

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.0040,1p.L94

CATIRINA

O doutor fala bonito...
Fala no estilo sublime
De uma bula de remédio.

MATEUS

Num estilo que parece
Ao de certos literatos
Meus amigos

BASTIÃO

Sim parece...
Parece a literatura
Do próprio autor deste "boi"

AMBROSINO

A iso-necro-cardizina...

DOUTOR

O boi morreu. Tarde vim.
Nem mesmo pude saber
A que verdade cedeu...
- Este boi, de que capricho
De que inocência morreu?-
Do sonho fiz um remédio
Que cura as dores mais fortes
Que dá consôlo e esperança
Aos que adormecem na morte.
O boi morreu. Tarde vim,
E não lhe pude aplicar
O meu mais certo saber:
Que é o de dar um sonho à morte
Que é o de ajudar a morrer.

TODOS

Viva!
Ora viva!
A aeromoça do céu!

MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO E CULTURA - D.P.H.A. - CENTRAL REGIONAL - RJ

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.0040,p.195

A aeromoça do céu
Tem as asas da esperança
De um futuro que há de vir!

Viva!
Ora viva!
O soldado da coluna!

O soldado da coluna
Tem a marcha da esperança
De um future que há de vir.

Viva!
Ora viva!
A aeromoça do céu

Viva!
Ora viva!
O soldado da coluna!

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0040, p. 196

SERVIÇO PÚBLICO FEDERAL

DEPARTAMENTO DE POLÍCIA FEDERAL
SERVIÇO DE CENSURA DE DIVERSÕES PÚBLICAS-SR/RJ

RESERVADO

ASSUNTO: LEITURA DE TEXTO
TÍTULO : " O CORONEL DE MACAMBIRA "
AUTOR : JOAQUIM CARDOSO
CLASSIFICAÇÃO : IMPRÓPRIO P/ MENORES DE 14 ANOS
PARECER Nº 1699

Trata-se de peça sobre o folclore nordestino onde apresentam-se personagens rurais em contraposição a personagens urbanos n'uma tentativa de mostrar a influência e a penetração da metrópole no interior.

Linguagem em versos com termos próprios do nordeste.

Opina-se pela liberação da mesma , com impropriedade para menores de 14 anos , em razão do vocabulário por vezes chulo e vulgar.

Rio de Janeiro, 4 de outubro de 1982

[signature]

Bel. Regina Maria F. Menezes
T. Censura — SCDP/SR/RJ
Mat 2.416.919

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0040, p. 197

SERVIÇO PÚBLICO FEDERAL

Parecer Nº 1698

Ilmo Sr

Chefe doSCDP/SR/RJ

Assunto: leitura de texto - O CORONEL DE MACAMBIRA

Autor: Joaquim Cardoso

Classificação: 14 anos

RESERVADO

Folclore nordestino lírico no qual personagens rurais e urbanos se apresentam acentuando costumes regionais.

O objetivo parece ser o de mostrar os hábitos de um determinado povo em uma região específica.

Linguagem em versos retratando a tipicidade do linguajar nordestino. Observamos o uso de algumas expressões vulgares.

Sugerimos liberação com impropriedade para menores de 14 anos, em função da permissividade no linguajar.

Rio, 5 de outubro de 1982

Bel. Gabriela Wagner Gomes
T. Censura - SCDP/SR/RJ
Mat. 2.416.891

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0040,p.198

SERVIÇO PÚBLICO FEDERAL

DEPARTAMENTO DE POLÍCIA FEDERAL
SERVIÇO DE CENSURA DE DIVERSÕES PÚBLICAS

PARECER, nº 1697

LEITURA DE TEXTO
TÍTULO" O CORONEL DE MACAMBIRA "
AUTOR: Joaquim Cardoso
CLASSIFICAÇÃO na dependencia do ensaio geral

RESERVADO

Relato lírico em forma de trovas sobre a saga folclórica nordestina onde os usos e costumes regionais se mesclam à outras da modernidade: a aeromoça. Estória do boi precioso e encantado que foi preso e morto no curral do coronel. Figuras do"capitão " cantadeiras, Bastião, padre etc fazem parte do contexto. Linguagem em alguns trechos solta e crua razão porque da dependencia do ensaio para julgarmos a faixa etária. Mensagem: usos e costumes de um povo em determinada região (etnologia).

Rio de Janeiro, 30 de setembro de 1982

Mar. Marina de Almeida Brum Duarte
T. Censura - SCDP/SR/RJ
Mat. 2415.813

DPF-243

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0040, p. 199

SERVIÇO PÚBLICO FEDERAL

Parecer Nº 1801

Ilmo Sr

Chefe do SCDP/SR/RJ

Assunto: ensaio geral - O CORONEL DE MACAMBIRA

Autor: Joaquim Cardoso

Classificação: 14 anos

Justificativa: linguagem permissiva

RESERVADO

Tendo comparecido ao ensaio geral da peça em questão, verificamos que a mesma cumpriu na íntegra o texto anteriormente liberado.

Não há cenário.

Vestuário - adereços e máscaras folclóricas.

Marcação - expressão corporal com diversos números musicais e danças nordestinas.

Sugerimos a manutenção da faixa etária proposta quando da leitura do texto, em função de uma certa permissividade do linguajar.

Rio, 20 de outubro de 1982

Bel. Gabriela Wagner Gomes
T. Censura - SCDP/SR/RJ
Mat. 2.416.891

Bel. Regina Maria F. Menezes
T. Censura - SCDP/SR/RJ
Mat 2.416.919

MARINA DE A. BRUM DUARTE
Tec. de cens. mat. 2.415.813

DPF-243

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0040, p. 200

MINISTÉRIO DA JUSTIÇA
DEPARTAMENTO DE POLÍCIA FEDERAL

CENSURA FEDERAL

TEATRO

Certificado Nº 195/82/RJ

PEÇA " CORONEL DE MACAMBIRA "

ORIGINAL DE JOAQUIM CARDOSO

JUSTIFICATIVA DE IMPROPRIEDADE: LINGUAGEM PERMISSIVA.

VÁLIDO ATÉ 09 de JANEIRO de 19 83

CLASSIFICAÇÃO

PROIBIDO
PARA
MENORES
DE 14 ANOS

RJ , 09 de NOVEMBRO de 19 82

Bel. HELIO GUERRERO
Chefe do SCDP/SR/RJ

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.0040.P.201

M. J — D.P.F

CERTIFICADO DE CENSURA

Certifico constar no arquivo de registro de peças teatrais deste Serviço, o assentamento da peça intitulada " CORONEL DE MACAMBIRA "

Original de JOAQUIM CARDOSO

Tradução de

Adaptação de

Produção de

Requerida por LUCIVALDO IPIRANGA VEIGA MARTINS

Tendo sido censurada em 20 de OUTUBRO de 19 82 e recebido a seguinte classificação: 14 ANOS/. CONDICIONADA AO ENSAIO GERAL/. ESTE CERTIFICADO SÓ TERÁ VALIDADE ACOMPANHADO DO SCRIPT DEVIDAMENTE CARIMBADO POR ESTE SCDP/SR/RJ.

RJ, 09 de NOVEMBRO de 19 82

Bel. Angela Maria Bantista Pereira de Azevedo
Chefe do Serviço de Censura
Chefe da Seção de Coordenação e Controle
SCDP/SR/RJ - Matr. 2.416.889

DPF-150

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.0040,D.202

TEATRO

TÍTULO O CORONEL DE MACAMBIRA

AUTOR: JOAQUIM CARDOSO

1) ARQUIVO

Clas. Anterior 10 ANOS

Praça SCDP/SR/RJ

Obs.:

DF. 17 / 11 / 82 /

Resp. pela elaboração do Processo

2) PROGRAMAÇÃO

Técnico de Censura

Técnico de Censura

Data prazo Exame de ___ /___/___ a ___/___/___

DF. ___ /___/___

Resp. pela Programação

3) CHEFE DA S.C.T.C.

Emita-se o certificado, de acordo com requerimento de censura e com a classificação: Imprópria para menores de 14 (quatorze) anos, sem cortes, na forma do ensaio.

Obs.: cert. provisório - SR/RJ

Brasília 17 de 11 de 1982

Nelly Prudente Carvalhedo
Mat. 2 415 791

Brasília – DF de de 1.97

II linguagem livre

4) SERVIÇO DE CENSURA

À consideração do Senhor Diretor da DCDP, tendo em vista tratar-se de PT para o qual os censores propõem a classificação etária de 14 anos.

Brasília-DF, 17 de 11 de 1982

Em de de 1.97

5) DIRETOR DA D.C.D.P.

LIBERE-SE

à forma do parecer

em 17 / 11 / 1982

Solange M. T. Hernandes
Diretora da DCDP

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0040,P 203

SERVIÇO PÚBLICO FEDERAL
DIVISÃO DE CENSURA DE DIVERSÕES PÚBLICAS

OFÍCIO
Nº 2658/82-SE/DCDP Brasília, 23 de novembro de 1982

Do: Diretora da Divisão de Censura de Diversões Públicas

Ao: Sr. Chefe do Serviço de Censura da SR/RJ

Senhor Chefe:

De acordo com a Portaria nº 017/78-DCDP, de 13 de julho de 1978, e em atenção ao (s) ofício (s) em referência, encaminho a V. Sa. as 1a. e 2a. vias do (s) certificado (s) de censura da (s) peça (s) teatral(is): "CONTO ENTRE CONTOS" de Eugênio Santos e Manoel Kobachuk; "ARGUMENTO" de Helio Ribeiro e Jorge Moura; "FORA DE SI" de Meilise Maia; "O ANALISTA DE BAGÉ" de Luiz Fernando Veríssimo; "O SOLDADINHO E A BONECA" de Washington Guilherme; "CIFRÃO E A MÁQUINA DOS DESEJOS" de Marcos Borges; "PAZ E AMOR, BRUXAS", de Joaquim Eloy Duarte dos Santos; "UM DESTINO E UMA VIDA", de Ruy da Costa Rossetti; "REQUIEM PARA UMA NEGRA" de William Faulkner; "CALA A BOCA JÁ MORREU, QUEM MANDA EM MIM SOU EU" de Marcio Luiz "TÁ PORRETA ESSE MINGAU" de Ronaldo Gomes Flores; "VIDA NOVA" de Tereza de Giacomo; "PRIMAVERA" de William Guimarães; "O HOMEM ALADO" de Geraldo Ribas; "AS DA VIDA ...TAMBÉM VOTAM" de Isis Baião; "O RAPTO DAS CEBOLINHAS" de Maria Clara Machado; "ADEUS FADAS E BRUXAS" de Ronaldo Ciambroni; " O CORONEL DE MACAMBIRA" de Joaquim Cardoso; "BRASIL BRASEIRO, JAZZ BRASILEIRO", de Roberto Mubb e José Coutinho e "A LENDA DO VALE DA LUA" de João das Neves.

Atenciosamente,

Solange M. T. Hernandes

SOLANGE MARIA TEIXEIRA HERNANDES
Diretora da DCDP

DPF-258

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0040, p. 204

MINISTÉRIO DA JUSTIÇA
DEPARTAMENTO DE POLÍCIA FEDERAL

CENSURA FEDERAL

TEATRO

Certificado Nº 2156

PEÇA " O CORONEL DE MACAMBIRA "

ORIGINAL DE JOAQUIM CARDOSO

APROVADO PELA D.C.D.P.
CLASSIFICAÇÃO
" LINGUAGEM LIVRE "

VÁLIDO ATÉ 17 de NOVEMBRO de 19 87

Brasília, 17 de NOVEMBRO de 19 82

Solange M. T. Hernandes

SOLANGE MARIA TEIXEIRA HERNANDES
Diretor da DCDP

14 IMPRÓPRIO PARA MENORES DE QUATORZE ANOS

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0040,p. 205/205

M.J-D.P.F

CERTIFICADO DA D.C.D.P

Certifico constar no arquivo de registro de peças teatrais deste Serviço, o assentamento da peça intitulada O CORONEL DE MACAMBIRA

Original de JOAQUIM CARDOSO

Tradução de

Adaptação de

Produção de

Requerida por LUCIVALDO IPIRANGA VEIGA MARTINS - RIO DE JANEIRO/RJ -

Tendo sido censurada em 17 de NOVEMBRO de 1982 e recebido a seguinte classificação: IMPRÓPRIA PARA MENORES DE 14(CATORZE) ANOS. CONDICIONADA AO EXAME DO ENSAIO GERAL. ESTE CERTIFICADO SÓ TERÁ VALIDADE QUANDO ACOMPANHADO DO "SCRIPT" DEVIDAMENTE CARIMBADO PELA DCDP.

Brasília, 17 de NOVEMBRO de 1982

NEI DE OLIVEIRA

Chefe do Serviço de Censura

DPF-150